

BLUMENAU

em Cadernos

t. 52 n. 1 janeiro/fevereiro 2011 Blumenau

ISSN 0006-5218

Blumenau cad.	Blumenau	t. 52	n. 1	p. 1-128	jan./fev. 2011
---------------	----------	-------	------	----------	----------------

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Todos os direitos desta edição reservados à Fundação Cultural de Blumenau.
O conteúdo de cada artigo é de responsabilidade de seu respectivo autor.

Editora Cultura em Movimento

Rua XV de Novembro, 161 - Centro - Caixa Postal 425 - Blumenau - SC - CEP 89010-001
Contato 47 3326 7511 - editora@fcblu.com.br - www.fcblu.com.br

Prefeito Municipal | João Paulo Kleinübing

Vice-prefeito | Rufinus Seibt

Presidente da Fundação Cultural de Blumenau | Marlene Schindwein

Diretor Administrativo-Financeiro | Neusa Maria Soares Müller

Diretor de Cultura | Vinícius da Cunha Wolff

Diretora do Patrimônio Histórico-Museológico | Sueli Maria Vanzuita Petry

Blumenau em Cadernos

Editor | **Órgão de fomento** | **Divulgação** | **Distribuição** | Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Alameda Duque de Caxias, 64 - Blumenau - SC - CEP 89015-010

Contato 47 3326 6990 - arquivohistorico@fcblu.com.br

Diretora | Sueli Maria Vanzuita Petry

Conselho Editorial

Presidente | Annemarie Fouquet Schünke

Carla Fernanda da Silva

Cristina Ferreira

Gervásio Tessaleno Luz

Ivo Marcos Theis

Marcos Schroeder

Urda Alice Klueger

Projeto gráfico | Giba Santos

Capa | Elaborada por Nancy de Souza | **Fotografia** | Gláucia Maindra

Normalização do projeto gráfico | Gláucia Maindra da Silva

Revisão | Valdir Anselmo Petry | **Secretária** | Kátia Elizabeth Curti

Prêmio Almirante Lucas Alexandre Boiteux, na área de História - edição 1998,

concedido pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina;

Prêmio Destaque - 2002, concebido pela Academia Catarinense de Letras;

Homenagem Especial - 2007, pelos 50 anos de publicação.

Em 1973, a família Ferreira da Silva doou os direitos da revista à, então, Fundação Casa Dr. Blumenau.

Declarada de utilidade pública pela Lei Municipal nº 1895, de 15 de dezembro de 1972.

Recuperado pelo diretório Ulrich's Internacional Periodics

Catálogo | Gláucia Maindra da Silva CRB-14/924

Blumenau em Cadernos. – T. 1, n. 1 (nov. 1957)- . – Blumenau : [s.n.],
1957- .
v. ; 23 cm.

Mensal (nov./dez. editados juntos), 1957-ago. 2000; bimestral, set. 2000-.

Fundada por José Ferreira da Silva.

Reestruturada em comemoração aos 40 anos da revista, 1997.

Editor varia: José Ferreira da Silva, 1957-1973; Fundação Casa Dr. Blumenau, 1974-1996, mudando o nome para Fundação Cultural de Blumenau, 1996-1998; Editora Cultura em Movimento, 1998-.

Suplementos dependentes acompanham alguns fascículos.

Edições especiais dependentes: centenário de morte do Dr. Blumenau, 1997; comemoração dos 45 anos da revista, 2002; comemoração dos 50 anos, 2007.

Seqüência numérica nos tomos: mensal de 1 a 12, 1957-2000 (com algumas falhas); bimestral com intervalo duplo de 1 a 12, 2000-2007; bimestral de 1 a 6, 2008-. Tentativa de numeração alternativa dos fascículos como edição: abr. 1987, ed. 364; nov./dez. 1987, ed. 371; dez. 1988, ed. 372.

Índice anual todo mês de dezembro; índice cumulativo (1957-1995), organizado por Neide

Almeida Fiori e Sueli Maria Vanzuita Petry, 1996. ISBN 85-328-0062-9

ISSN 0006-5218 = Blumenau em Cadernos

I. Santa Catarina – História – Periódico. II. Fundação Cultural de Blumenau.

CDD 981.64

SUMÁRIO

Documentos originais | Viajante

Rumo à colônia

Zur Kolonie

Emilie Heinrichs

Tradução: Adriana Maximino dos Santos

7

Artigo

Entre lousas e palmatórias: Memórias da educação no Vale do Itajaí

Carla Fernanda da Silva

55

O Estado Novo (1937-1945) e a Neue Deutsche Schule

Jader Rene Cipriani

71

Entrevista

Tesoura Júnior

Altair Carlos Pimpão

92

Autores Catarinenses

Altino Flores

Enéas Athanázio

120

APRESENTAÇÃO

Blumenau em Cadernos, na edição de janeiro e fevereiro, apresenta cinco temas relevantes que certamente despertarão o interesse dos leitores.

Na seção **Documentos Originais** a imigrante alemã Emilie Heinrichs continua seu texto “Rumo a Colônia”, relatando sua viagem da Alemanha para o Brasil e sua vivência na colônia adquirida por seu esposo no Rio Grande do Sul. Nesta narrativa evidencia-se o sentimento de solidão, diferenças culturais e os problemas de adaptação ao novo meio ambiente. A tradução do texto alemão para o português foi um trabalho da doutoranda Adriana Maximino dos Santos, e teve como revisora Manuela Accássia Accácio.

A professora e historiadora da Universidade Regional de Blumenau, doutoranda Carla Fernanda de Silva, através do artigo “Entre lousas e palmatórias: memórias da educação no Vale do Itajaí”, propõe uma discussão de memória e conceito de História problematizados na história da educação local. O destaque fica por conta da questão do disciplinamento escolar entre a era Vargas e a Ditadura Militar.

Na sequência, com “O Estado Novo (1937 – 1945) e a Neue Deutsche Schule”, o professor mestre em Educação pela Fundação Regional de Blumenau, Jader Cipriano, publica a última parte do capítulo re-elaborado da sua dissertação de mestrado intitulada “Escola Nova D. Pedro II (1940 – 1950)”, defendida em 2008.

Reviver as lembranças de uma vida dedicada ao rádio e ao esporte. Com esta intenção, o jornalista Altair Carlos Pimpão, no seu programa radiofônico Fale Alto, pela Unisul, entrevistou o locutor e comentarista esportivo Tesoura Júnior. Nesta fala, além das memórias do esporte blumenauense, o entrevistado teceu comentários sobre o surto de malária que assolou Blumenau na década dos

anos quarenta, e seu trabalho como funcionário da SUCAM, responsável pelo serviço de erradicação desta doença que assolava todo o Vale de Itajaí.

Finalizando, o escritor Enéas Athanázio comenta, na seção Autores Catarinenses, o livro escrito pelo jornalista Moacir Pereira intitulado “Altino Flores, fundador da Associação Catarinense de imprensa”. É uma coletânea de trabalhos de vários autores catarinenses para homenagear esta importante figura de nossa literatura.

Deixamos o convite para aqueles que desejam colaborar com a revista que enviem seus textos para o Conselho Editorial de Blumenau em Cadernos.

Sueli M. V Petry
Diretora da revista
Blumenau em Cadernos



RUMO À COLÔNIA

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

3 ZUR KOLONIE

Gegen Abend legte unser Schiff am Kai an. Es stand uns frei, die Nacht noch auf dem Schiff zu bleiben oder an Land zu gehen. Eingedenk der zweiunddreißigtägigen Fahrt zogen wir das Land vor. Unser Gepäck ließen wir an Bord, da hier alles nach verzollbaren Sachen scharf nachgesehen wird.

Von der Stadt war wenig zu sehen, es war bereits dunkel geworden, und unter der spärlichen Beleuchtung vermochte man kaum die nächste Umgebung zu erkennen. Nach einigem Hin und Her fanden wir uns glücklich nach dem italienischen Gasthaus hin, das man uns auf dem Schiff empfohlen hatte. Mein Mann unterhandelte mit dem Wirt; wir sollten pro Tag für Kost und Zimmer 10 Milreis (13 Mark) zahlen, nach damaliger Geldlage ein großer Betrag. Das Essen war gut und reichlich. Fleisch bildete die Hauptnahrung, alles andere war nur als Zuspeise gedacht. Das Fleisch kostete damals in Brasilien nur 25 Pfennig das Pfund nach unserm Geld, und so war der Preis für unsere Kost zu hoch. Das Leben in den Hafenstädten ist aber überall teuer, und wir beschlossen, sobald die Zoll- und Paßdurchsicht erledigt war, weiterzufahren.

Hier lernte ich eine neue Art Betten kennen, einfach und praktisch, wie sie in ganz Südbrasilien gebräuchlich sind, sogenannte Esel. Oben und unten zwei Latten, die wie eine Schere übereinanderliegen und durch eine Querstange verbunden sind. Am oberen Ende der vier Latten ist Segeltuch straff gespannt, aufgeklappt gibt dies ein gutes Bett. Ich schlief also das erstemal auf einem Esel, d.h., ich wollte schlafen. Bald merkten wir, daß wir nicht allein waren. Nicht lange, und es wurde lebendig oben und unten. Was dies für Blutsauger waren, brauche ich wohl nicht zu erzählen, diese Art Tiere gibt es ja nicht nur in Brasilien. Es wurde so schlimm, daß ich aufstand und auf dem Stuhle den Morgen erwartete.

3 RUMO À COLÔNIA

No final da tarde, o nosso navio encostou-se ao cais. Ficou à nossa escolha, passar a noite no navio ou ir para a terra firme. Lembrando a viagem de trinta e dois dias, preferimos a terra. Deixamos a bordo nossa bagagem, pois tudo do que poderia ser cobrado imposto, era bem checado.

Na cidade havia pouco para se ver: acabara de escurecer. Com uma iluminação tão escassa, mal podíamos enxergar à nossa volta.

Depois de andar de lá pra cá, encontramos com alegria uma hospedaria italiana, que fora recomendada no navio. Meu marido conversou com o dono e devíamos pagar por dia 10 mil réis (13 DM) pela alimentação e pelo quarto, que era para aquela moeda uma grande quantia. A comida era boa e farta. A carne era o alimento principal, todo o resto era acompanhamento. Meio quilo de carne no Brasil custava, nesta época, 25 *Pfennig* de acordo com nosso dinheiro, e o preço era muito alto para nossa alimentação. A vida é cara em todas as cidades portuárias, e decidimos continuar a viagem, assim que as verificações da alfândega e de passaporte estivessem resolvidas.

Ali conheci um novo tipo de cama, simples e prática, usada em todo Brasil e chamada de “jumento”. Em cima e embaixo, duas ripas, que, como uma tesoura, ficavam uma sob a outra, ligadas por uma vara. Na parte superior e na extremidade das quatro ripas havia uma lona bem esticada e aberta. Isto dava uma boa cama. Assim, dormi pela primeira vez em um “jumento”, ou melhor, tentei dormir. Logo percebemos que não estávamos sozinhos. Algo se movia em cima e embaixo. Nem preciso dizer que tipo de sanguessugas era. Estes insetos não existem só no Brasil. Foi tão ruim que levantei e fiquei sentada na cadeira esperando a manhã chegar.

Fiquei feliz quando amanheceu e deixamos nosso castelo de percevejos.

Ich war froh, als der Morgen graute und wir unsere Wanzenburg verlassen konnten.

Da mein Mann zum Zollamt mußte, benutzte ich die Zeit, einige Briefe an meine Lieben daheim zu schreiben und die glückliche Ankunft zu melden. Als ich das erledigt, hatte ich noch Zeit, in dem Hause unseres Wirtes etwas Umschau zu halten.

Eine kleine Hütte im Hofe schien die Küche zu sein. Ich sah, wie ein paar Frauen am Kochen und Braten waren. Aber was war das für eine Küche! Ein niedriger, kleiner Raum, voller Rauch und nur mit dem allernotwendigsten Küchengeschirr ausgerüstet. Töpfe und Geschirr zerbrochen und zerbeult. Da wurden die Fleischstücke nicht wie bei uns in der Pfanne gebraten, nein handgroße Rindfleischstücke lagen offen auf der Herdplatte, daneben stand ein Topf mit heißem Fett, worin die Fleischstücke eingetaucht und dann wieder auf die Herdplatte gelegt wurden. Das ging alles ganz gelassen zu, war mal das eine oder andere Stück verbrannt, ein Stoß, und schon lag es im Feuer. Große Stücke Fleisch werden nicht auf dem Herd gebraten, sondern in einem Lehmbackofen. Ich habe gefunden daß dieses Fleisch viel saftiger bleibt als im Bratofen. Auf Gemüsezubereitung wird in den Städten Brasiliens wenig Wert gelegt. Abgekocht kommt es ohne Fett auf den Tisch. Der Saft vom Fleisch wird zum Fetten benutzt, wenn das Gemüse auf dem Teller ist. Gemüse wird auch wenig gegessen. Aber Fettreis und schwarze Bohnen fehlen bei keiner Mahlzeit.

Im ganzen ist die Küche bei den Brasilianern nicht wie bei uns eine Zierde des Hauses und der Stolz der Frau, sondern man betrachtet sie stets als ein nötiges Uebel und baut sie möglichst weit vom Wohnhaus weg. Ich habe dieses aber erst später festgestellt und kann dabei mit Freude bemerken, daß ich bei deutschen Leuten in den Städten, auch auf dem Lande, die Hausfrau immer stolz auf ihre Küche fand.

Como meu marido teve que ir ao posto alfandegário, aproveitei o tempo para escrever cartas aos meus entes queridos e avisar que chegamos bem. Quando terminei, ainda tive tempo de observar a casa do dono da hospedaria.

Um pequeno barraco no pátio parecia ser a cozinha. Vi como algumas mulheres estavam cozinhando e assando. Mas que tipo de cozinha era aquela? Um cômodo humilde e pequeno, cheio de fumaça e equipado com os utensílios básicos de cozinha. Panelas e louças quebradas e amassadas. Os pedaços de carne não eram fritos na frigideira como no nosso país, não, pedaços de carne de gado do tamanho da mão ficavam descobertos em cima de uma chapa de fogão. Ao lado, havia uma panela com gordura quente, onde os pedaços eram mergulhados e depois retirados e colocados novamente sobre a chapa. Tudo corria tranquilamente, às vezes um ou outro pedaço queimava. Uma pancada, e logo depois o pedaço estava no fogo. Os pedaços grandes de carne não são fritos no fogão, mas assados em um forno de barro.

Descobri que esta carne fica muito mais suculenta do que no forno. A preparação de legumes recebe pouca atenção nas cidades brasileiras. Eles vêm à mesa cozidos sem gordura. O caldo da carne é utilizado como gordura, quando os legumes estão no prato. Também come-se poucos legumes. Mas arroz com gordura e feijão preto não faltam nas refeições.

De um modo geral, a cozinha no Brasil não é como para nós, um ornamento da casa e o orgulho da mulher. Ao contrário, é tratada como um mal necessário e construída o mais longe possível da casa. Confirmei isto posteriormente, e pude sempre observar com alegria, que nas casas de alemães, tanto na cidade quanto no campo, as donas de casa sempre estavam orgulhosas de suas cozinhas.

Quando ainda estava aprofundando minhas observações, meu

Noch in meine Betrachtung vertieft, kam mein Mann zurück; er schien sich hier in Brasilien das Schimpfen und Fluchen angewöhnen zu wollen. Er kam nämlich schimpfend und verwünschte das Zollamt; er hatte, trotzdem man uns in Deutschland gesagt hatte, Einwandergut käme zollfrei ins Land, 185 Milreis Zoll bezahlen müssen. Ich versuchte, ihn zu trösten. Erst war ich es immer, der Mut und Trost zugesprochen werden mußten, jetzt waren die Rollen gewechselt. Jetzt und auch in Zukunft mußte ich es sein, die Mut machen mußte.

Der Neuling hat in Brasilien wohl oft Berechtigung zum Schimpfen und Nörgeln, was aber das Essen betrifft, so habe ich nie Grund zu einer Klage gefunden, im Gegenteil, ich hatte nur das eine auszusetzen: die Fleischstücke waren zu groß. Zuviel vom Guten auf einmal, verliert es an Wert. Später gewöhnt man sich daran.

Zwei Tage blieben wir in Rio Grande, einer Stadt, wo deutsches Leben nicht zu finden ist. Es ist eine rein brasilianische Stadt. Nebenbei, die Landessprache ist in ganz Brasilien portugiesisch. Wir fuhren mit der Bahn nach Pelotas, etwa 100 kilometer von Rio Grande entfernt.

Die mehrstündige Bahnfahrt war für uns eine große Anstrengung. Bei glühender Hitze von 40 Grad im dumpfen Eisenbahnwagen stundenlang durch öde Steppen fahren, ist kein Vergnügen. Nichts war zu sehen, so weit das Auge reichte, nichts als Tausende und aber Tausende von Termiten- und Ameisenhügeln. Wir waren sehr angenehm überrascht, als wir Pelotas in Sicht bekamen. Rings von Gärten mit schlanken Palmen umgeben, machte die Stadt einen erfrischenden Eindruck. Sie besteht zur Hälfte aus deutschen Geschäftsleuten. Deutsche Sprache klang uns wieder vertraut in die Ohren. Dies schon gab uns Mut und Hoffnung.

Wir blieben wiederum zwei Tage. Wir wußten selbst noch nicht, wo wir uns ankaufen sollten. Hier hatten wir Gelegenheit, uns nach Land und Leuten zu erkundigen. Hunderte von Kolonisten kamen jeden

marido voltou. Parecia que ele já se acostumara a xingar e praguejar aqui no Brasil. Ele veio xingando e amaldiçoando o posto alfandegário, pois teve que pagar 185 mil réis, ao contrário do que nos disseram na Alemanha: que as cargas dos imigrantes entrariam sem impostos no país. Tentei consolá-lo. No começo era eu quem precisava ser encorajada e consolada, agora os papéis se invertiam. Neste instante e no futuro precisei agir assim, encorajar.

Os recém chegados ao Brasil tinham motivos para xingar e criticar, mas no que se referia à comida, nunca encontrei razão para reclamar, pelo contrário, constatara uma coisa: os pedaços de carne eram grandes demais. Muitos produtos de uma vez só, perdem o valor. Depois, as pessoas se acostumam com isto.

Ficamos dois dias em Rio Grande, uma cidade onde não era possível encontrar vida alemã. É uma cidade puramente brasileira. Também a língua em todo Brasil é o português. Fomos de trem para Pelotas, aproximadamente 100 km de distância de Rio Grande.

A longa viagem de trem foi um nervosismo. Em um calor escaldante de 40 graus, em um vagão de ferro abafado, horas por estepes despovoadas, não é divertido. Até onde meus olhos alcançavam não havia nada para se ver, a não ser milhares e milhares de morros de cupins e de formigas. Tivemos uma agradável surpresa quando chegamos a Pelotas. Cercada de jardins com delgadas palmeiras, a cidade dava a impressão de um lugar fresco. Metade da cidade consistia de empresários alemães. Novamente a língua alemã soava familiar aos nossos ouvidos. Isto nos dava coragem e esperança.

Em compensação ficamos dois dias. Não sabíamos ainda onde deveríamos fazer compras. Ali tivemos a oportunidade de nos informar sobre a terra e pessoas. Centenas de colonos vinham todos os dias para vender ali seus produtos. A maioria destes colonos era de pomeranos, renanos ou vestfalianos que já moravam lá há 30 anos.

Tag, um ihre Erzeugnisse hier zu verkaufen. Die meisten dieser Kolonisten waren Pommern, Rheinländer und Westfalen, die alle schon dreißig Jahre ansässig waren.

Liebe Leute habe ich kennengelernt, die gern mal wieder von der alten Heimat hörten. Es waren wetterfeste, hagere Gestalten, meist mit langen Bärten, zum größten Teil ältere Leute. Ich fragte einen Kolonisten, wie es käme, daß man nur alte Kolonisten sähe. Er gab mir die Auskunft, zur Stadt führen meist alten Kolonisten, die jungen würden von den Geschäftsleuten, denen sie ihre Ware verkauften, übervorteilt; auch kämen den alten eher ein paar Tage Ruhe zu als den jungen Leuten, die zu Hause Arbeit genug hätten.

Was sie hier verkauften, waren Speck, Schmalz und Eier, die haupthandelssachen der deutschen Kolonisten in Südbrasilien; zur Füllung des Wagens diente ein Sack Bohnen, die in der Stadt gern gekauft wurden.

Hier entschloß sich mein Mann, nachdem er mit den Kolonisten über alles geredet hatte, sich auf der Kolonie San Lorenzo niederzulassen. Es ist das eine zwar schon 50 Jahre alte Kolonie, doch war noch freies Land vorhanden. In dieser Landkauffrage habe ich meinen Mann allein entscheiden lassen, konnte ich mir ja immer noch nicht vorstellen, was es heißt, in den Urwald zu ziehen.

Ich fragte in Pelotas einen alten Urwäldler, was er davon hielte, wenn ich Kolonistenfrau würde. Als Antwort zeigte er mir seine schwieligen, arbeitsharten Hände und meinte, die Hände seiner Frau wären gerade so. Konnte einer, und wenn er mir einen stundenlangen Vortrag gehalten hätte, mir mehr sagen als dieser Kolonist?

Arbeiten, viel und schwere arbeiten, war das Los, dem ich entgegenging. Es schreckte mich aber nicht zurück. Ich hatte Vertrauen zu meinem Mann, der mir nichts zumuten würde, was eine Frau nicht leisten konnte. Wenn wir beide unsere Zukunft durch harte Arbeit sichern konnten, dann war uns geholten. Arbeiten konnten wir und wollten wir.

Conheci pessoas amáveis, que gostavam de ouvir a respeito da velha terra natal. Eram figuras esguias, resistentes ao tempo, a maioria com barbas longas, sendo que a maior parte das pessoas era idosa. Perguntei a um colono, por que só se via pessoas idosas. Ele me informou que apenas os colonos mais velhos vinham para a cidade, pois os jovens quando vendiam seus produtos, eram enganados pelos comerciantes. Os idosos também teriam assim alguns dias de descanso, enquanto os jovens tinham muito trabalho em casa.

Eles vendiam aqui toucinho, banha e ovos, os principais produtos comerciais dos colonos alemães no sul do Brasil; para carga da carroça era utilizado um saco de feijão, que na cidade era comprado de bom grado.

Meu marido decidiu, depois de ter conversado com os colonos a respeito de tudo, estabelecer-se na colônia São Lourenço. É uma colônia já de 50 anos, mas ainda com terras disponíveis. Nesta pesquisa para a compra de terra deixei meu marido decidir sozinho, no entanto, não podia imaginar o que significava mudar-se para a floresta.

Em Pelotas perguntei a um morador da floresta o que ele achava sobre tornar-me uma colona. Como resposta, ele me mostrou suas mãos calejadas e duras por causa do trabalho e deu a entender: as mãos de sua esposa seriam daquele jeito também. Quem poderia me explicar melhor do que esse colono? Se ele pudesse continuar me relatando por horas ...

Trabalhar, trabalhar muito e pesado, este era o destino do qual estava indo ao encontro. Mas isto não me intimidava. Tinha confiança no meu marido, pois ele não exigiria de mim o que uma mulher não conseguiria realizar. Se nós dois pudéssemos garantir nosso futuro através de trabalho árduo, então isto já teria nos ajudado. Trabalhar: nós éramos capazes e nós queríamos.

Als darum mein Mann kam und mir mitteilte, daß er entschlossen wäre, hier Land anzukaufen, hatte ich alle schweren Gedanken verloren. Kurz, einige Tage später hatten drei Kolonisten unser Gepäck und uns auf dem Wagen, wir waren auf dem Weg zur Kolonie, unserer neuen Heimat.

4 AUF EIGENER KOLONIE IM URWALD

Jetzt zu schreiben, zu schildern, ist schwer. Ich muß aber hineingreifen in all das Neue. Ich bin es ihnen allen schuldig, denen ich zu raten versprochen habe, damit die deutsche Frau weiß, was sie zu erwarten hat, wenn sie in dieselbe Lage kommt wie ich. „Urwald.“ Nun weiß ich, was diese paar Buchstaben sagen. Urwald, Heimat, Zukunft, Glück und Sorge, mag es heißen, wie es will, ich stehe mitten darin. Doch ich bin nicht allein, mein Mann ist bei mir, wir beide, und obgleich zwei schwache Menschen, sollen und wollen aus dem, was jetzt vor uns liegt, eine neue Heimat hervorbringen.

Ich sehe im Geiste die schwieligen Fäuste des alten Kolonisten in Pelotas, höre seine Worte: „Seht, meiner Frau ihre Hände sind grad so“. Meine Hände sollten auch so werden. In Arbeit war ich groß geworden, sie war für mich kein Hindernis, und was meinen Mann betraf, der war ja nicht zum erstenmal in weiter fremder Welt. Mut und Gottevertrauen, das mußte uns helfen.

Vor zwei Tagen waren wir auf der Kolonie angekommen, auf San Lorenzo, als Gäste eines der Kolonisten, der uns unser Gepäck befördert hatte. Schon die Wagenfahrt war für mich, der alles so neu war, eine Abwechslung. Ich saß bei einem der Kolonisten auf dem Wagen, der zweite hatte meinen Mann zu sich genommen; diese biedereren alten Landsleute waren ja froh, sich mal wieder über die alte Heimat unterhalten zu können. Der Alte, mit dem ich fuhr, war 68 Jahre, doch noch lange kein Greis. Nein, das Leben

Quando meu marido veio e comunicou-me que estava decidido a comprar terra ali, perdi todos os meus pensamentos inquietantes. Poucos dias depois, estávamos com nossa bagagem e três colonos na carroça a caminho da colônia, nossa nova pátria.

4 NA NOSSA COLÔNIA DENTRO DA FLORESTA

Escrever e retratar é, de fato, difícil. Mas tenho que entrar no desconhecido. Tenho uma dívida com as mulheres, às quais prometera aconselhar, fazer com que a mulher alemã saiba o que lhe espera se vier a ficar na mesma situação que eu.

“Floresta”, agora sei o que significam estas letras. Floresta, pátria, futuro, sorte e preocupação, chame como quiser, eu estava lá no meio. No entanto, não estava sozinha, nós dois, e embora duas pessoas fracas, queríamos e devíamos transformar aquilo que estava bem à nossa frente numa nova pátria.

Lembrava-me dos punhos calejados do velho colono em Pelotas e ouvia suas palavras:

- Veja, as mãos de minha esposa agora são assim!

Minhas mãos também deverão ficar daquele jeito. Cresci trabalhando, isto não era nenhum obstáculo para mim, e no que se referia ao meu marido, não era a primeira vez que estivera em um mundo estrangeiro. Coragem e fé em Deus, isto nos ajudaria!

Em dois dias chegamos à colônia São Lourenço, como hóspedes de um dos colonos que transportou nossa bagagem.

Já a viagem de carroça, onde tudo era novo para mim, foi uma diversão. Sentei-me próximo a um dos colonos, e o meu marido perto do segundo. Estas idosas e virtuosas pessoas do campo estavam realmente

im Urwald muß jung erhalten. Wie war ich erstaunt, als er mir erzählte, er sei nicht der Aelteste zu Hause, nein, sein Vater lebe auch noch auf der Kolonie. Es schien mir etwas Unglaubliches, später hatte ich Gelegenheit, mich zu überzeugen, wie ein 97 jähriger Greis auf fünf Geschlechter zurückblicken konnte.

Mein Reisegefährte war ein wirklich lieber Mensch. Auf alles machte er mich aufmerksam. Am meisten freute es ihn, daß er an mir eine so aufmerksame Zuhörerin gefunden hatte, besonders als er davon erzählen konnte, daß er als Soldat in den siegreichen Feldzügen 1866 und 1870/71 mitgestritten hatte. Dies alles hörte ich in so schlichten, einfachen Worten, daß ich fühlte, hier spricht ein Deutscher, der sein Vaterland noch nicht vergessen hatte.

Als wir am zweiten Tage in der Kolonie ankamen, war es mir, als hätte ich jemand gefunden, an den ich mich wenden konnte, wenn die Verzweigung nahte. Wir kamen nach San Lorenzo. Wir waren aber noch nicht an unserm Ziel. Dies hier war die alte Kolonie; das neue Land lag noch eine Tagereise weiter. Ich hatte das Versprechen gegeben, wenigstens zwei Tage als Gast bei meinem guten alten Freund zu bleiben. Mein Kolonist wohnte in der Pikade (d. h. Straße) Bon Jesus, auf deutsch „Guter Jesus“. Schon der Name erweckte Vertrauen; Menschen, die der Waldstraße solche Namen geben, müssen gute Menschen sein.

Wir kamen auf der Kolonie gegen Abend an und wurden von den Familienmitgliedern der Kolonisten empfangen, als wären wir ihre nächsten Verwandten. Hier lernten wir ein Familienleben kennen, wie es in Deutschland nicht schöner zu finden ist. Zuerst der Aelteste, der Vater meines Reisegefährten, ein Greis, beseelt von Liebe zu seiner alten Heimat und stets bereit, von ihr zu erzählen und zu hören. Dann die Tochter des Reisegefährten, eine gute Frau, deren ganzen Wert ich erst später kennenlernte. Sie war Witwe; ihr Mann war in den letzten Jahren

felizes por conversar novamente sobre sua velha terra natal. O idoso, com o qual eu ia, tinha 68 anos, ainda longe de ser um ancião. Não, a vida na floresta deve conservar as pessoas jovens.

Como fiquei admirada quando me contou que não era o mais velho em casa. Não, não, seu pai ainda estava vivendo na colônia. Parecia inacreditável. Mais tarde, tive a oportunidade de convencer-me disto, vendo como um ancião de 97 anos conseguia olhar para trás e ver ainda cinco gerações.

Meu acompanhante de viagem era realmente uma pessoa amável. Ele me chamava atenção para tudo. Em geral, ele se alegrava por encontrar uma ouvinte tão atenta, principalmente quando pôde contar que havia combatido como soldado em uma campanha militar vitoriosa em 1866 e 1870/71. Tudo isto fora dito em palavras simples e singelas e fez sentir-me que ali estava um alemão que ainda não esquecera a sua pátria.

No segundo dia quando chegamos à colônia, era como se eu tivesse encontrado alguém com o qual podia contar quando o desespero se aproximasse. Chegamos a São Lourenço. Mas ainda não estávamos no nosso destino. Ali era a velha colônia; a terra nova ficava um dia inteiro de viagem à frente. Prometera ficar como hóspede na casa do meu velho amigo, pelo menos dois dias. Meu amigo colono morava na estrada Bom Jesus, em alemão “Guter Jesus”. O nome da estrada já despertava confiança: pessoas que dão este nome a uma estrada devem ser com certeza pessoas boas.

Chegamos à colônia à noitezinha e fomos recebidos pelos membros da família do colono como se fôssemos seus parentes próximos. Neste lugar, conhecemos uma vida familiar que na Alemanha não é tão fácil se encontrar. Primeiro, o pai do meu companheiro de viagem, um ancião, cheio de amor por sua velha terra natal e sempre disposto a falar e ouvir sobre

gestorben. Von ihren fünf Kindern waren schon zwei verheiratet und lebten auf eigener Kolonie. Deren Kinder konnten ihren Ururgroßvater besuchen. Bei diesen guten Leuten blieben wir zwei Tage; ich lernte hier die ersten Anfangsgründe des Kolonistenlebens. Auch meinem Mann wurde die Zeit nicht lang, er ließ sich unterrichten in all der mannigfaltigen Arbeit, die hier geleistet werden mußte.

Diese dreißig Jahre alte Kolonie machte einen sehr wohnlichen Eindruck. Ein stattliches Haus aus Ziegelsteinen, dann die Ställe und Maisschuppen, alles war aufs beste eingerichtet. Der Viehbestand zählte 6 Kühe, 6 Pferde, 35 Schweine, 200 Hühner und einige Gänse und Enten. Ja, wer erst solch eine blühende Beszung besaß, der brauche keine Not mehr zu leiden!

Auch wir wollten dieses alles errigen. Nach zwei glücklichen Tagen nahmen wir wieder Abschied. Der Vater, der eigentlich Urgroßvater genannte wurde, kurzweg Vater genannt, brachte uns mit seinem Wagen auch jetzt wieder weiter, hin zu unserem Bestimmungsort. Nachdem wir die Pikade Bon Jesus durchfahren hatten, kamen noch zwei Waldstraßen, jede eine Reitstunde lang. Sie waren auch ganz besiedelt. Alle zweihundert Meter lag zu beiden Seiten der Straße eine Kolonie. Man konnte meinen, man führe in Deutschland durch eine Bauerschaft. Hernach wurden die Ansiedlungen seltener. Wir näherten uns dem neuen Lande. Immer einfacher wurden die Häuser, zuletzt waren es nur noch Hütten und Blockhäuser, erbaut von dem, was der Wald lieferte. Nach sechs Stunden kamen wir bei unserm Los an. Ein abgeteiltes Waldstück von 200 Morgen Größe.

Nichts als Wald, Wald, Urwald war hier zu sehen. Wir standen auf der schmalen Straße, die durch den Wald geschlagen und zum Teil schon wieder zugewachsen war. Neben uns lagen die Kisten, die wir mitgebracht hatten. Ein Teil nur, das meiste hatten wir zurückgelassen in der Pikade Bon Jesus. Was nun, wohin mit den Sachen?

ela. Em seguida, a filha de meu acompanhante de viagem, uma boa mulher, cujo mérito conheci posteriormente. Ela era viúva, seu marido morreu no ano passado. De seus cinco filhos, dois já estavam casados e viviam em colônia própria, e cujos filhos podiam visitar seu tataravô. Ficamos na casa destas boas pessoas dois dias. Lá aprendi os conhecimentos básicos da vida de colono. Meu marido também, não demorou muito até que começasse a conversar sobre todo o tipo de trabalho que deveria ser realizado.

Esta colônia de trinta anos causava uma impressão muito agradável. Uma vistosa casa de tijolos, depois o estábulo e o armazém de milho, tudo construído da melhor forma. O número de cabeça de animais era de 6 vacas, 6 cavalos, 35 porcos, 200 galinhas e alguns gansos e patos. Sim, quem já tem uma propriedade assim tão próspera, não precisa mais passar necessidades!

Queríamos conseguir isto também. Depois de dois dias felizes nos despedimos. O pai, *der Vater*, que na verdade era o bisavô e que para diferenciação de seu pai, que era só chamado de avô, *Großvater*, ficou com a forma abreviada de *Vater*, nos levou novamente de carroça até nosso local de destino.

Depois que passamos por toda a estrada Bom Jesus, vieram ainda duas estradas da floresta, cada uma com uma hora de cavalgada. Eram todas colonizadas. A cada duzentos metros havia uma colônia dos dois lados da estrada. Poderia se pensar que se estava passando por um grupo de camponeses na Alemanha. Em seguida, as colônias se tornaram mais raras. Nos aproximávamos da nova terra. As casas ficavam cada vez mais simples, e por fim eram cabanas e abrigos feitos de toras, construídos com o que a floresta oferecia. Depois de seis horas chegamos ao nosso destino. Um pedaço de floresta dividido com 200 jeiras de tamanho.

Nada para se ver além de floresta, floresta, selva. Ficamos na

Der Wald konnte uns nicht aufnehmen, kein Schritt ließ sich dorthinein tun, er war dicht wie eine Mauer. Mein guter Freund, der Vater, wußte Bescheid. Er nahm ein sichelartiges Beil, das an einem langen Stiel befestigt war, suchte einen passenden Baum am Waldrand und schlug das Unterholz, Rohr und Bambus, dort fort. Mein Mann und ich griffen mit zu, und eine Stunde darauf saßen wir unter dem dichten Dach eines Urwaldriesen, unsere erste Wohnung im Urwald. Dann nahm der Vater Abschied. Mein Mann begleitete ihn ein Stück des Weges. Als er zurückkam, saß ich auf einer Kiste unter dem großen Baum und weinte. Und hätte es mein Leben gekostet, ich hätte die Tränen nicht zurückhalten können.

Schweigend stand mein Mann neben mir; mit dem Rücken an den Baum gelehnt suchten seine Blicke den dichten Wald zu durchdringen. Ich kannte ihn ja zu gut und wußte, der verzweifelte nicht, ich wußte aber auch, wäre ihm jetzt noch einmal die Wahl gegeben, er würde nicht mehr auswandern. Doch hier half kein Weinen und Klagen, hier mußte gehandelt werden. Der Abend nahte, wo sollten wir schlafen? Es gab jetzt nur einen Platz: hier unter dem Urwaldriesen auf eigenem Grund und Boden. Eine Kiste mit Betten und Decken wurde ausgepackt. Die fünf Kisten, die wir hier hatten, wurden so gestellt, daß sie ganz gut eine Bettstelle vorstellen konnten, zwei rechts, zwei links und eine am Kopfende, der Kistendeckel wurde am Fußende an den Seitenkisten angenagelt. Decken und Bettzeug hatten wir genügend. Den Waldboden als Bett, den Urwaldbaum als Wohnung, das war abenteuerlich genug.

Romastisch, wenn man es liest; es ist nicht so verlockend, wenn man es mitmachen muß. Wo bleibt die Romantik, wenn man daliegt, sieht hinaus zu den Sternen und denkt dabei an die großen Schlangen, Riesenspinnen Skorpione und Tausendfüßler, die beim Schlaf zu einem herankriechen und gefährlich werden können. Schon dämmerte der neue Tag, da schlief ich für ein paar Stunden ein. Ich wurde aufgeweckt von den

estrada estreita, cortada da floresta e que já havia crescido em parte. Ao nosso lado estavam as caixas que tínhamos trazido. Algumas apenas, a maioria havíamos deixado na estrada Bom Jesus.

E agora, onde vamos colocar as coisas?

A floresta não podia nos hospedar. Nenhum passo ela nos permitia dar, era tão densa quanto um muro. Meu bom amigo, o pai, já sabia disto. Ele pegou um machado parecido com uma foice, fixado num cabo longo, procurou uma árvore apropriada na beira da floresta e cortou o mato e também taquara e bambus aqui e ali. Da mesma forma, meu marido e eu colocamos mãos à obra, e depois de uma hora estávamos sentados sob o teto denso de uma gigante da floresta, nossa primeira morada na selva. Então o pai se despediu. Meu marido o acompanhou até um trecho do caminho. Quando voltou, eu estava sentada sobre uma caixa embaixo da grande árvore, chorando. Mesmo que custasse a vida, não conseguiria conter minhas lágrimas. Calado, meu marido ficou de pé ao meu lado, com as costas apoiadas na árvore, permeando com os olhos a densa floresta. Eu o conhecia muito bem e sabia, que não estava desesperado, mas sabia também, que se dessem a ele novamente opção, ele não imigraria mais. Porém, ali não adiantava chorar e reclamar, tínhamos que agir. A noite se aproximava, onde iríamos dormir? Só havia um lugar: embaixo da gigante da floresta sobre a própria terra e chão. Uma caixa com colchões e cobertores foi aberta. As cinco caixas que tínhamos foram dispostas de forma a servirem como cama: duas do lado direito, duas do esquerdo, e uma na cabeceira. A coberta foi fixada nos pés, nas caixas laterais. Tínhamos cobertores e roupas de cama suficientes. Tínhamos o chão da floresta como cama, a árvore como morada, isto era aventura o bastante. Romântico quando se lê; não tão sedutor quando a gente tem que participar. Onde fica o romantismo quando se está deitado ali, olhando para as estrelas e pensando nas enormes

schweren Axtschlägen, die durch den Wald dröhnten. Mein Mann hatte die Arbeit als Kolonist begonnen.

Ich stand auf, um das Frühstück zu machen. Alles, was gebraucht wurde, hatte ich in Pelotas eingekauft. Speck, Schmalz und zwei große Brote hatten wir von der alten Kolonie mitgebracht. Hier aber hieß es bei jedem Handgriff, neu lernen. Zu Hause dachte ich, ich könnte kochen, und hier konnte ich nicht einmal Kaffee kochen.

Holz für Feuerung war genug da, ein schöner neuer Wasserkessel mit Wasser auch, aber wie sollte ich ihn zum Kochen bringen ohne Herd! Mein Mann wußte Rat. Er steckte zwei gabelförmige Aeste in die Erde, ein dritter kam quer darüber, und daran hing er den Kessel. Fünf Minuten später hätte ich schon wieder weinen können, und doch hatte ich mir fest vorgenommen, es nicht mehr zu tun. Es war auch wirklich zum Weinen, wie ich sah, daß mein schöner weißer Emailkessel auf dem offenen Holzfeuer so schwarz wie Kohle geworden war. Der Kaffee schmeckte trotzdem ganz gut. Eine Kiste, die nachts als Bett zu dienen hatte, mußte nun unser Tisch sein.

Verstohlen besah mein Mann immer seine Hände. Da gab es die ersten Blasen. Ja, Waldschlagen ist eine schwere Arbeit! Nach dem Kaffeetrinken wußte ich nicht, was ich anfangen sollte. Unsere Wohnung machte keine Arbeit, ich ging zu meinem Mann, der in Schweiß gebadet bei der Arbeit war. Zwei Bäume lagern am Boden, der Anfang der neuen Kolonie.

Ich nahm prüfend die Buschhechel zur Hand, womit das Unterholz entfernt wurde; mein Mann lachte, als er sah, wie ungeschickt ich damit umging. Das war eben kein Kochlöffel und auch keine Nähnadel, damit zu arbeiten, das mußte gelernt werden.

Eine gute Kolonistenfrau muß auch das können, und ich wollte eine gute Kolonistin werden. Wenn nur nicht die gewaltige Hitze

cobras, nas aranhas corpulentas, escorpiões e lacraias que durante o sono podem se arrastar até alguém e serem perigosas? Só quando o novo dia estava chegando é que consegui dormir algumas horas. Acordei com o barulho de golpes pesados que ressoavam na floresta. Meu marido começara o trabalho como colono.

Levantei-me para fazer o café da manhã. Tudo o que foi usado, havia comprado em Pelotas. Toicinho, banha e dois pães grandes trouxemos da velha colônia. Mas naquele lugar manusear qualquer coisa era um aprendizado novo. Em casa, eu achava que sabia cozinhar, ali, no entanto, não conseguia fazer nem café.

Lenha para o fogo havia abundantemente, uma chaleira nova e bonita com água também, mas como podia colocá-la para ferver sem um fogão?! Meu marido sabia o que fazer. Ele fincou dois galhos no chão, e um terceiro sobre eles e pendurou a chaleira. Cinco minutos mais tarde poderia ter chorado novamente, mas depois tomei a firme decisão que não faria mais isso. Era mesmo para chorar quando vi que minha linda chaleira, esmaltada e branca, estava ficando preta como carvão na fogueira. O café, porém, ficou muito bom. Uma caixa, que servira como cama à noite, agora precisava ser nossa mesa.

Meu marido sempre teve as mãos cobertas. Agora apareciam as primeiras bolhas. Sim, pôr a floresta abaixo é um trabalho pesado! Depois de beber café, não sabia por onde começar. Nossa morada não oferecia trabalho, assim fui até ele, que estava banhado de suor por causa do serviço. Duas árvores estavam no chão, o início da nova colônia.

Como teste, peguei uma machadinha com a qual afastei o mato. Meu marido riu ao ver como estava fazendo de modo desajeitado. Aquilo ali não era uma colher de cozinha ou uma agulha de costura, eu ainda precisava aprender.

gewesen wäre! Rings von dichtem Wald umgeben, vermeinte man, in einem Backofen zu sitzen. Mein Mann dauerte mich; doch unverzagt schwang er die Axt, als hätte er sein ganzes Leben nichts weiter gemacht. Die großen Blasen in den Händen wurden nicht geachtet, nur Waldschlagen, Land urbar machen, wo Früchte gedeihen, war sein Gedanke.

Bald hatte ich für den Anfang genug geleistet. Drei Stunden Arbeit mit der Buschhechel, und schon zeigten sich die Folgen in meinen Händen. Ich kochte nun erst das Essen für Mittag und Abend zu gleicher Zeit. Schwarze Bohnen mit trockener Mettwurst. Schwarze Bohnen sind das Hauptessen in Brasilien, ein ähnliches Gericht wie bei uns die weißen Bohnen. Nach dem Essen fing ich an, wie mein alter Freund mir geraten hatte, eine Laubhütte zu bauen, um einigermaßen, falls es Regen gab, geschützt zu sein. Dünne Stämme und Bambus hatte mein Mann schon zur Seite gelegt, diese nahm ich und steckte sie in die Erde, so daß eine zeltförmige Hütte entstand. Die Kisten, die als unser Nachtlager dienten, füllten die Hütte beinahe ganz. Nun, sie sollte ja nur für die Nacht Schutz gewähren. Die Stämme und das Rohr wurden mit Palmwedel bedeckt; durch die riesegroßen Blätter der Palmen, die Spitzen immer nach unten, würde der Regen wohl nicht hineindringen. Am Abend grub mein Mann rings um die Hütte einen Graben, die aufgeworfene Erde türmte er an der Hütte aus, um dem Ungeziefer und Schlangen dem Eingang zu wehren. Das Vorderteil der Hütte war offen. Ich schlief die zweite Nacht schon ruhiger, in dem Bewußtsein, ein Dach über dem Kopf zu haben. Diese Hütte war für die ersten sechs Wochen unsere Wohnung.

Die Tage verstrichen unter schwerer Arbeit gleichförmig, einer wie der andere. Nur Waldschlagen, immer Waldschlagen war die einzige Beschäftigung. Und wie langsam, trotz der angestregten Arbeit, fraß sich dir Axt in den Urwald! Wie weit lag noch die Zeit, daß man pflanzen konnte. Zwar hatte ich hart an der Landstraße schon einige Kartoffeln gepflanzt

Uma mulher de colono tinha que saber fazer isto também, e eu queria ser uma boa colona. Se não fosse o imenso calor! Cercados por uma floresta densa, pensava-se que estávamos dentro de um forno. Meu marido me dava pena; no entanto, ele balançava o machado sem medo, como se não tivesse feito outra coisa em toda sua vida. Nem se importava com as grandes bolhas em suas mãos, apenas em derrubar a mata, tornar a terra cultivável, onde crescem frutas. Não havia lugar para pensamentos.

Logo tinha trabalhado o bastante para o início. Três horas de trabalho com a machadinha, e o resultado já aparecia em minhas mãos. Cozinhava a comida do almoço e da janta ao mesmo tempo. Feijões pretos com salame defumado. Feijão preto é a principal comida no Brasil, um prato semelhante ao nosso feijão branco. Depois de comer, comecei a construir uma cabana de folhagem, assim como meu amigo me aconselhou, para ficarmos protegidos caso chovesse. Meu marido já tinha separado troncos finos e bambus, os quais peguei e finquei na terra de tal maneira a dispor uma cabana no formato de barraca. As caixas, que serviram de cama, fecharam as laterais quase totalmente.

A cabana nos garantiria a proteção durante a noite. Os troncos e as taquaras foram cobertos com as folhas de palmeiras. Com as pontas das gigantes folhas de palmeiras sempre viradas para baixo, evitava-se a entrada da chuva. Meu marido cavou uma valeta ao redor da cabana e amontoou a terra retirada próximo a ela para nos defender contra a invasão de pragas e cobras. A frente da cabana era aberta. Dormi a segunda noite mais tranquilamente, sabendo que havia um teto sobre nossas cabeças. Por seis semanas esta cabana foi a nossa primeira casa.

Com o trabalho pesado, os dias passavam de forma monótona, um igual ao outro. Só derrubar a mata, sempre derrubar a mata, era a única ocupação. Apesar de ser laborioso, como era lento o trabalho que devorava

und etwas Gemüse gesät. Doch dies war nur wenig, mehr eine Spielerei. Erst jetzt sahen wir, welch gewaltige Arbeit es kostete, eine Kolonie aus einem Stück Urwald zu schaffen.

Ich hatte mir, als ich anfang, meine Erlebnisse im Urwald zu schildern, so recht vorgenommen, alles zu schreiben, wie ich es mitgemacht hatte, und jetzt weiß ich nicht, wie ich es in Worte formen soll. Immer wieder kommt mir der Gedanke: du kannst nicht schreiben, wie es wirklich war. Wohl läßt sich erzählen, was an Arbeit geleistet werden mußte und wie wir lebten; aber was der Mensch fühlt, was er vermißt, den großen Unterschied von früher und heute, das muß erlebt sein. Zwei Menschen allein im großen Wald! Einige Tage genügten, einige Tage dieser erschreckenden Einsamkeit, und mich erfaßte das Heimweh, die Sehnsucht nach dem, was früher war. Menschen liebe Menschen möchte ich sehen, nicht erdrückt werden in diesem Gedanken: hier soll für immer meine Heimat sein.

Am fünften Tage war ich mit einem Eimer ein Stück Waldstraße hinaufgegangen, um Wasser zu holen, da stockte plötzlich mein Fuß. Wie versteinert staarte ich auf eine große schillernde Schlange, die kaum zwei Schritte vor mir über den Weg kroch. Als die Schlange mich sah, nicht mehr weiterkroch und den Kopf hob, da war es vorbei mit mir, ich ließ den Eimer fallen und rannte zurück in dem Glauben, die Schlange verfolge mich. Wie ich zu meinem Mann gekommen, weiß ich nicht mehr; ich hatte mich an ihn geklammert und rief: „Eine Schlange ist hinter mir her“. Mein Mann blieb trotzdem ganz ruhig und belehrte mich, daß eine Schlange niemals einen Menschen angreife oder verfolge. Sobald man sie sehe, sei sie ungefährlich. Sie beiße nur, wenn sie getreten oder gereizt werde. Er führte mich seitwärts und zeigte mir unter dem Gestrüpp zwei Schlangen, die er schon totgeschlagen hatte. Ich mußte mit ihm zurück zu der Stelle, wo ich die Schlange gesehen hatte. Von weitem sah ich, daß sie noch da lag. Mein Mann ging darauf zu, das Tier blieb ruhig liegen, er nahm die Buschhechel

a floresta! Quanto tempo falta ainda para que seja possível plantar! Na verdade, já havia plantado algumas batatas e semeado um pouco de verduras perto da estrada. Mas só um pouco, era mais como uma brincadeira. Só agora víamos quanto trabalho custava transformar um pedaço de floresta em uma colônia.

Determinei que descreveria minhas experiências, quando comecei escrever, tudo o que fiz junto com meu marido, e agora, agora não sei, como colocar isto em palavras. Sempre me vem o pensamento: você não consegue escrever contando como isso foi na verdade. Bem, vou contar o que precisou ser realizado no trabalho e como vivemos; mas o que a pessoa sente, do que ela sente falta, a grande diferença do antes e do hoje, precisa mesmo ser vivenciado. Duas pessoas sozinhas em uma grande floresta! Alguns dias foram suficientes, alguns dias deste isolamento horrível, para que a saudade da terra natal me acometesse, a saudade de como era antes. Pessoas, pessoas queridas – como gostaria de vê-las, não gostaria de ser sufocada por este pensamento: aqui deve ser para sempre a minha pátria.

No quinto dia, estava subindo por um trecho da estrada da floresta com um balde para buscar água, de repente detive meus passos. Petrificada, olhei para aquela cobra grande e cintilante que se arrastava sobre o caminho a sequer dois passos de mim. Quando a cobra me viu, ela parou de se rastejar e levantou a cabeça, era portanto o meu fim. Deixei o balde cair e corri de volta pensando que ela estava me perseguindo. Como cheguei onde meu marido estava, não sei mais; eu o agarrei e gritei:

- Uma cobra está atrás de mim!

Meu marido, apesar disso, ficou bem tranquilo, e me ensinou, que uma cobra nunca ataca ou persegue uma pessoa. Quando a gente vê a cobra, ela já não é perigosa. Ela pica apenas se for pisada ou provocada. Ele me levou para o lado e mostrou duas cobras embaixo do mato, que já havia

und schlug sie tot. Es war eine Scharacke, eine sehr giftige Schlange, über einen Meter lang und so dick wie ein Arm. Noch zitterte ich am ganzen Körper. Diese buntschillernden Tiere sind es immer gewesen, die ich im Urwald am meisten gefürchtet habe. Auch hier hilft die Zeit. Wenn man später oft Gelegenheit hat, auf Schlangen zu stoßen, verliert sich die Angst von selbst. Doch machte ich immer einen großen Bogen, wenn ich einen dieser Waldbewohner sah.

Am Abend dieses Tages gab es zwischen Mann und Frau großen Streit; ich behauptete nämlich, morgen ist Sonntag, mein Mann dagegen behauptete, es ist Samstag. Was nun? Wir geben uns ans Rechnen. Sonntag und Montag waren wir auf der alten Kolonie, Dienstag hier angekommen. Waren wir nun fünf oder sechs Tage hier? Zum Schluß hatte ich recht, es war Samstag. Wir beschlossen, am anderen Tag unseren Nachbar zu besuchen, es fehlte nämlich an Brot und Fleisch.

Am nächsten Morgen, unserm ersten Sonntag im Urwald, nachdem wir unter dem Dache des Urwaldriesen den Sonntag geheiligt hatten, indem wir einige Gebete verrichteten, machten wir uns auf den Weg. Unsere Haustür schlossen wir nicht ab, stellten nur ein paar Sträucher vor den Eingang, und dann wurde marschiert. Eine Stunde beschwerlichen Weges brachte uns zu unserm nächsten Nachbarn. Zwischen ihm und uns lagen noch sechs Kolonielose, die schon verkauft, aber noch nicht bezogen waren.

Unsere Nachbarn waren ein junges Ehepaar. Auf der alten Kolonie geboren schafften sie seit drei Jahren auf eigenem Boden. Unser alter Freund hatte auf seinem Rückweg hier schon gemeldet daß sich neue Nachbarschaft eingefunden. Wir wurden herzlich empfangen. Es war für uns wirklich eine Erquickung, wieder einmal Menschen zu sehen. Eingehend bemusterten wir sofort das aus Balken und Bretter zusammengezimmerte Haus; auf diese Art wollten wir ja auch in nächster Zeit bauen. Das

matado. Eu devia ir com ele ao lugar onde avistara a cobra. De longe vi que ainda estava lá. Meu marido foi até o local. O animal continuou quieto. Ele pegou uma machadinha e golpeou, matando-a. Era uma jararaca, uma cobra muito venenosa, de aproximadamente um metro de comprimento e da largura de um braço. Meu corpo ainda estava tremendo todo. Estes animais furta-cores e cintilantes sempre existiram, e eram aqueles dos quais eu tinha o maior medo na floresta. Com o tempo se acostuma. Mais tarde, quando temos a oportunidade de frequentemente deparar-nos com cobras, acabamos perdendo o medo. Mas eu sempre desviava quando avistava este morador da floresta.

No final da tarde houve uma grande discussão entre marido e mulher; eu afirmava:

- Amanhã é domingo.

Meu marido me contradizia:

- É sábado!

E agora? Começamos a fazer os cálculos. Domingo e segunda estávamos na antiga colônia, na terça chegamos aqui. Já estamos há cinco ou seis dias aqui? No final, eu tinha razão, aquele dia era sábado. Decidimos, então, visitar nosso vizinho no outro dia; estavam faltando pão e carne.

Na manhã seguinte, nosso primeiro domingo na selva, depois de o abençoarmos embaixo do teto da gigantesca floresta, onde fazíamos algumas orações, colocamo-nos a caminho. Não fechamos a porta de casa, apenas colocamos alguns arbustos na frente da entrada, e demos início à marcha. Uma hora em uma estrada difícil nos levou ao vizinho mais próximo. Entre nós e ele havia seis colônias vazias, que já foram vendidas, mas ainda não ocupadas.

Nossos vizinhos eram um jovem casal. Nascidos na velha colônia, eles trabalhavam na sua própria terra há três anos. Quando nosso velho amigo voltara para casa, avisou-os sobre a presença da nova vizinhança.

eigentliche Haus war nur ein Raum. Die Stellen, wofür bei uns zu Hause Glasscheiben gebraucht werden, waren hier Holzblenden. Der Fußboden war festgestampfter Lehm, alles aus Stoffen, die der Wald lieferte, und doch war diese Wohnung gegen unsere ein Palast. Acht Schweine, eine Kuhn und vierzig Hühner fanden hier schon zu fressen. Kaum hatten wir alles bewundern können, da saßen wir schon an dem derben Holztisch bei einem guten Frühstück.

Mindestens zwei Dutzend Eier waren gebacken, darunter dicke Scheiben Mettmurst; für vier Personen ein ganz ansehnliches Frühstück. Gerade waren wir emsig damit beschäftigt, da gab es Leben im Hintergrund des Hauses. Es meldete sich der kleine Kolonist. Ein strammer, ein Jahr alter Junge wurde in Stolz von der Mutter gezeigt. Niemals in meinem Leben habe ich mit solcher Ehrfurcht ein kleines Kind auf den Arm genommen, wie jetzt in der Hütte im Urwald.

Als wir mit dem Frühstück fertig geworden waren, zu meinem größten Erstaunen mit den vierundzwanzig Eiern und der Mettwurst, gingen wir in die Roça. Dies ist das dem Walde abgerungene bepflanzte Land. Schon über 15 Morgen waren bepflanzt, mit Mais, Kartoffeln und schwarzen Bohnen, oder sie warteten darauf, bepflanzt zu werden. Die Hauptpflanzzeit begann erst im nächsten Monat.

Hier hatte mein Mann Gelegenheit, sich von dem auf der Kolonie groß gewordenen jungen Nachbarn belehren zu lassen. Frage reihte sich an Frage, alles wurde bemustert und untersucht. Auch für mich gab es viel zu lernen, ich hielt mich an der Seite der Frau, den kleinen Jungen hatte ich noch immer auf dem Arm. Zuerst wurden noch einmal die Ställe besucht. Das Vieh durfte noch nicht frei umherlaufen, da noch kein Potreiro (Viehweide) eingezäunt war; sonst hätte das Vieh in der Roça alles verwüstet. Nur die Hühner liefen frei herum.

Eine ganze Reihe Glucken saßen in einem Schuppen, um für

Fomos recebidos cordialmente.

Realmente era um alívio ver pessoas de novo. Logo observamos minuciosamente o modelo da casa feita de vigas e tábuas; no futuro queríamos construir deste jeito. Na verdade, a casa toda era apenas um cômodo. Nos lugares, onde são usados vidros nas casas de nosso país, ali eram empregadas tábuas de madeira. O piso era de terra batida, tudo era material que a floresta oferecia, e mesmo assim, era um palácio comparado à nossa casa. Oito porcos, uma vaca e quarenta galinhas já existiam ali para o consumo. Mal tínhamos admirado tudo, logo nos sentamos a uma mesa rústica de madeira para tomarmos um bom café da manhã.

Foram cozidas, no mínimo, duas dúzias de ovos, além de fatias grossas de salame; um considerável café da manhã para quatro pessoas. Quando estávamos bem ocupados com tudo isto, ouviu-se um sinal de vida no fundo da casa. Um pequeno colono se manifestou. Um menino forte de um ano de idade foi mostrado pela mãe com orgulho. Nunca na minha vida peguei nos braços uma criança com tamanha admiração, como naquele momento na cabana.

Quando terminamos o café da manhã, para minha maior surpresa com os vinte e quatro ovos e o salame, fomos para a roça. Isto era a terra cultivada e extraída, com muito esforço, da floresta. Acima de quinze jeiras já estavam plantadas com milho, batatas e feijões pretos, ou preparadas para ser plantadas. O principal período de plantio começava só no próximo mês.

Meu marido teve a oportunidade de ser instruído pelo jovem vizinho que cresceu na colônia. Perguntas e mais perguntas, tudo era demonstrado e interrogado. Eu também tinha muito que aprender. Fiquei ao lado da esposa, com o garoto pequeno nos braços. Primeiramente foram visitados os estábulos. Como não havia nenhum potreiro cercado, o gado

Nachwuchs auf dem Hühnerhof zu sorgen. Auf Drängen der Frau mußte ich mir eine Glucke aussuchen, mit zwölf zu erwartenden Kücken wurde sie mir zum Geschenk gemacht; der erste Viehbestand unserer jungen Kolonie.

Nach dem Mittagessen machten sich die beiden Männer auf den Weg zur Wenda, so heißt das Kaufhaus auf der Kolonie; es ist mehr ein Warenhaus, wo man so ziemlich alles haben kann. Es lag eine Stunde entfernt. Unser Nachbar, Wilhelm Malzahn hieß er, hatte noch keine Pferde. Auf dem neuen Land konnte noch nicht gepflügt werden, so verlohnte es sich nicht, Pferde zu halten. Esrt nach dem fünften Jahre gibt es für sie auf der Kolonie Arbeit. Den Quersack auf dem Rücken, machten sich die beiden auf den Weg, um Einkäufe zu machen. Wir Frauen hatten nun Zeit, uns zu unterhalten. Unser Gerspräch drehte sich um das, was uns am nächsten lag, um Urwald und Kolonie, und viele gute Ratschläge habe ich hier erhalten.

Es war noch nicht Abend da kamen die Männer wieder zurück, beladen mit allem Möglichen. Besonders mein Mann war schwer beladen; aus allen Taschen schauten Pakete heraus, den Quersack stramm gefüllt, auf der andern Schulter 30 Pfund Mehl, da hieß es schwitzen auf solch weitem Marsch. Ich teilte mit der jungen Frau das einzige Bett, die Männer kampierten auf dem Fußboden, auf einer Schicht Maisstroh. Früh, als der Tag graute, nahmen wir Abschied. Der Kückweg wurde uns recht schwer. Wir waren wie Packtiere beladen. Außer dem, was mein Mann gekauft hatte, hatte ich von Frau Malzahn Speck, Schmalz und 100 Eier gekauft, das Dußend für 20 Pfennig. Dazu kam der Korb mit meiner Glucke nebst Eiern und einem großen Brot. Das war eigentlich genug. Mein Mann schleppte dazu drei mannshohe Apfelsinenbäume mit, die wir bei uns anpflanzen wollten. Ging's nicht mehr weiter, dann wurde gerastet; wir kamen trotzdem wohlbehalten wieder auf unserer Kolonie an.

Alles stand noch genau wie wir es verlassen hatten. Nur eines

não devia ficar pastando livremente, pois senão devastaria a roça. Apenas as galinhas ficavam soltas.

Uma fileira de galinhas chocas estava no galpão para prover o galinheiro com filhotes. Por exigência da mulher precisei escolher uma galinha choca com doze futuros pintinhos, que me foram presenteados; a primeira criação de animais da nossa colônia.

Depois do almoço, os homens pegaram o caminho para a venda, assim era chamado o armazém na colônia; é mais um empório onde se pode praticamente comprar de tudo. Ficava a uma hora de distância. Nosso vizinho, Wilhelm Malzahn era seu nome, ainda não tinha cavalos. A nova terra não podia ser arada, assim não valia a pena ter cavalos.

Só depois do quinto ano na colônia é que há trabalho para eles. Com o saco nas costas, ambos pegaram o rumo para as compras. Nós, mulheres, tínhamos tempo para conversar. Nossa conversa girava em torno do que estava mais próximo, sobre a floresta, sobre a colônia. Recebi muitos conselhos bons.

Ainda não era noite quando os homens retornaram, carregados com tudo o que era possível, principalmente meu marido. Embrulhos apareciam de todas as sacolas, o saco bem cheio, no outro ombro, quinze quilos de farinha, isto significava suar muito num trajeto tão longo. Dividi a única cama com a jovem mulher, os homens acamparam no chão, sobre palhas de milho.

Cedo, quando o dia alvoreceu, nos despedimos. O caminho de volta foi bem difícil. Estávamos carregados como burros de carga. Além do que já comprara meu marido, comprei da Sra. Malzahn toucinho, banha e cem ovos, a dúzia por 20 *Pfennig*. Ainda tinha uma cesta com a minha galinha choca com ovos e um pão grande. De fato, isto era o suficiente. Ele arrastava também três pés de laranja da altura de uma pessoa, os quais

nicht: eine Tüte mit drei Pfund Zucker. Ich hatte sie in eine Kiste gestellt, den Deckel aber nicht fest zugemacht. Sie war verschwunden, das heißt nicht die Tüte, sondern der Zucker. Ich sah schon von weitem einen schwarzen Strich an der Kiste heraus – er bewegte sich. Ein ganzes Heer Ameisen zog da seine Straße. Sie erstreckte sich vom Wald bis in meine Zuckertüte. Die armen Tierchen, wie haben die sich abmühen müssen, um drei Pfund Zucker in den Wald zu schleppen! Jede, die aus der Kiste kam, war mit einem Körnchen beladen, und nicht ein Körnchen ging dabei verloren auf dem Weg. Ich öffnete die Kiste, die Ameisen schleppten ruhig weiter. Bald hatten sie die Arbeit geschafft, zwei Löffel voll waren der ganze Rest. Diesen kläglichen Rest sollten sie auch haben, ich sparte ihnen die mühselige Arbeit, in die Kiste zu klettern, und schüttete ihn auf den Boden vor der Kiste.

Zucker im Urwald aufzubewahren, ohne daß die Ameisen darankommen, ist eine große Kunst. Auf allerlei Art habe ich es versucht. Ich nahm den Sack mit Zucker (ich hatte in Pelotas 30 Pfund gekauft), an dem die Ameisen auch schon einen Eingang gesucht hatten, und hing ihn an einen Draht in unserer Hütte. Zwei Tage später sah ich, daß beladene Ameisen den Draht emporkletterten. Nun nahm ich einen Lappen, tränkte ihn in Petroleum und band ihm um den Draht. Das half; Petroleum können die Tiere nicht riechen. Mein Zucker war jetzt für mich und nicht mehr für die Ameisen. Von diesen lieben Tierchen muß ich später noch erzählen.

Wieder zu Hause, nahm die Arbeit, Holzschlagen, ihren Fortgang, wie sie am Samstag geendet. Die Lichtung wurde größer. Die zuerst geschlagenen Bäume fingen an, trocken zu werden. So gut ich es vermochte, half ich meinem Mann, das Unterholz umzuschlagen. Das Schlimmste waren die gewaltigen hundertjährigen Bäume, die so hart waren, daß die Axt zuruckprallte. Das kostete Arbeit und Schweiß. Oft sah ich es meinem Mann an, es war fast zu viel, diese Arbeit durchzuhalten.

queríamos plantar em nossa colônia. Quando não dava mais para continuar, descansávamos; apesar disso, chegamos bem à nossa colônia.

Tudo estava exatamente como deixáramos. Só uma coisa que não: um saco com um quilo e meio de açúcar. Eu o tinha colocado em uma caixa, mas sem fechar bem firme. Desapareceu: quer dizer, não o saco, mas o açúcar. De longe vi um risco preto na caixa – que se mexia. Um exército de formigas fazia ali a sua estrada, que se estendia da floresta até o saco de açúcar. Pobres animaizinhos, como tiveram que se esforçar para arrastar um quilo e meio de açúcar para a floresta! Toda formiga que saía da caixa estava carregada com um grãozinho e nenhum deles se perdeu no caminho. Abri a caixa, as formigas continuavam carregando tranquilamente. Logo terminariam o trabalho, sobraram apenas duas colheres cheias. Elas teriam também este mísero resto. Poupei-lhes o árduo trabalho de subir à caixa, e sacudi o saco no chão na frente dela.

Guardar açúcar na floresta sem que as formigas venham é uma grande arte. Tentei de todas as maneiras. Peguei o saco com açúcar (comprara quinze quilos em Pelotas), no qual as formigas já tinham procurado uma entrada, e pendurei em um arame na cabana. Dois dias depois percebi que as formigas carregadeiras subiram nele. Então, peguei um pano, embebi em querosene e amarrei em volta do arame. Isto ajudou. Os animais não suportam querosene. Agora o meu açúcar era para mim e não mais para as formigas. Posteriormente, contarei mais sobre estes adoráveis animaizinhos.

Novamente em casa. Retomado o trabalho, cortar madeira de onde se parou no sábado. A clareira ficou maior. As primeiras árvores cortadas começavam a ficar secas. Ajudei meu marido a cortar o mato, logo que me tornei hábil suficiente para isto. O pior eram as enormes árvores centenárias, que de tão duras o machado retrocedia ao bater nelas. Isto custava trabalho e suor! Frequentemente via que era demais para meu

Wenn wir am Abend vor unserer Hütte saßen, da kam es oft vor, daß wir beim Essen, die Gabel in der Hand, vor Müdigkeit einschliefen.

Es war eine schwere, harte Zeit. Ende dieser Woche mußten wir uns einen Backofen bauen, um Brot backen zu können. Zuerst stellten wir aus Bambusrohr und Palmblättern die innere Form her. Dann kneteten wir Lehm am Flusse, wo wir unser Wasser holten. Das Holz wurde dann dicht mit Lehm überzogen und auch der Boden dick mit Lehm bedeckt. Das Ganze sah aus wie ein unförmiger Lehmhaufen. Ein paar Tage blieb der so geformte Ofen zum trocknen stehen; dann kam Holz hinein, und es wurde gefeuert. Jetzt mußte sich zeigen, ob der Lehm die richtige Mischung gehabt hatte. Wir hatten Glück, unser hielt, und manches Brot habe ich in meinem ersten Ofen gebacken.

Das Kochen besorgte ich weiter auf offenem Feuer. Wir hatten aber ein paar große Steine als Unterlage, man brauchte dann nicht so großes Feuer. Stets wurde nur ein Topfgericht gekocht, große Abwechslung gab es nicht. Schwarze Bohnen, Reis und Kartoffeln, dazu trockene Mettwurst und Speck waren die Sachen, wovon ich auswählen konnte. Auch hatte Frau Malzahn mich auf ein großes Blattgewächs auswerksam gemacht, das überall im Walde zu finden war und ein sehr schmackhaftes Gemüse abgab. Es schmeckte wie bei uns zulande der Grünkohl. Wir aßen es so gern, daß ich es nicht oft genug kochen konnte. Der stete Aufenthalt in frischer Luft, dazu die schwere Arbeit, macht hungrig. Große Schüsseln mußte ich kochen, so groß, wie ich es in Deutschland nie gekannt habe.

Jedesmal, wenn mein Mann zum Essen kam, brachte er einen zwei Meter langen Palmstamm mit. Dies faserige Holz hat die Eigenschaft, daß es sich mit leichter Mühe in lange Latten spalten läßt. Es sollte zu unserer zweiten Wohnung dienen. Es wurde nämlich Zeit, daß wir eine bessere Wohnung bekamen, die verflossene Nacht hatte das bewiesen. Es mochte gegen Mitternacht sein, da wurde ich wach von einem furchtbaren

marido suportar este trabalho. Quando sentávamos na cabana, ao anoitecer, na hora da comida, muitas vezes acontecia de cochilarmos de cansaço com o garfo na mão.

Foi uma época dura e difícil. No final dessa semana deveríamos construir um forno para assar pão. Primeiro, fizemos a forma interna com bambu e folhas de palmeira. Depois amassamos barro do rio, de onde buscávamos água. A madeira foi revestida com camada grossa de barro e o chão também. Tudo parecia um monte de barro sem forma. O forno modelado ficou secando alguns dias, depois foi colocada madeira lá dentro e o fogo aceso. Só agora iríamos ver se o barro recebera a mistura correta. Tivemos sorte, nosso forno aguentou e assei alguns pães no meu primeiro forno.

Continuei cozinhando em fogo aberto. Tínhamos algumas pedras grandes como base, assim não precisava de um fogo tão alto. Sempre preparava um cozido de panela, não havia muita variedade. Feijões pretos, arroz e batatas acrescidos de salame e toucinho, eram as coisas entre as quais eu podia escolher. A Sra. Malzahn chamara-me a atenção sobre uma planta com folhas grandes encontrada por toda a floresta e que dava um legume bem saboroso. Tem o sabor de couve crespa no nosso país. Gostávamos tanto de comer que geralmente não conseguia cozinhar o suficiente. Ficar sempre ao ar livre e ainda trabalhar pesado dava fome. Precisei cozinhar em vasilhas grandes, tão grandes como nunca fizera na Alemanha.

Toda vez que meu marido vinha para comer, trazia troncos de palmeiras de dois metros de comprimento. Esta madeira fibrosa tem a propriedade de ser dividida com facilidade em ripas longas. Ela serviria para a nossa segunda morada. Já era hora de ter uma casa melhor, a noite passada comprovou isto. Era quase meia-noite, acordei com um estrondo terrível acompanhado de tempestade e chuva, como jamais ouvira. Meu marido já estava de pé e me disse para ficar deitada.

Getöse, verbunden mit Sturm und Regen, wie ich es noch niemals gehört hatte. Mein Mann war schon auf und rief mir zu, liegenzubleiben.

Ein Gewitter in Urwald. Wer will es wagen, das zu schildern; ich kann es nicht. Es war etwas Gewaltiges. Kein Blitzen, nein, der Himmel brannte, feurige Wogen wälzten sich über den Urwald. Der Sturmwind peitschte die Regenbrüche herunter. Es war fürchterlich. Ich konnte kein Glied rühren. Ich lag und lauschte all dem Krachen, Splintern und Brechen. Und wo war mein Mann? Ich sah, wie sich über mir ein neues Dach bildete. Mein Mann hatte eine Zeltdecke über die Kisten, die unser Bett bildeten, festgenalgelt, um den Regen von den Betten abzuhalten. Dann kroch auch er unter diese Schutzdecke. Umtost von diesem Unwetter tat ich das, was einem in so einer fürchterlichen Lage zu tun übrigbleibt, ich betete zu unserem Herrgot, der auch hier im Urwald den Verzagten seine Hilfe nicht verweigern würde.

Es waren lange, bange Stunden. Der neue Tag brach an, das Wetter tobte weiter. Mein Mann erhob sich, wo er blieb, konnte ich nicht sehen; die Segeltuchdecke sperrte jede Aussicht. Nach einer Weile kam er wieder und reichte mir den Korb mit unserer Glücke herein. Das arme Tier war durchnäßt, hatte aber seinen Platz auf dem Nest nicht verlassen. Wir beide hatten uns in den paar Tagen schon kennengelernt: sie war nicht scheu und ließ es sich ruhig gefallen, als ich mich bemühte, ihre nassen Federn zu trocken. Allmählich ließ das Unwetter nach. Die Sonne arbeitete sich wieder durch die Gewitterwolken hindurch. Es war eine schlimme Nacht gewesen.

Unsere Hütte war für solch ein Unwetter nicht gebaut. Noch stand sie am Platze, nur die Stangen waren gebrochen. Alles, was nicht in Kisten verpackt war, war durch und durch naß. Und jetzt strahlte die goldene Sonne und verwischte die Spuren des Unwetters. Um eine fürchterliche Erfahrung, ein Gewitter in den Tropen, reicher, konnte ich ein neues Tagewerk beginnen.

Um temporal na floresta. Quem ousaria descrevê-lo; eu não consigo. Era algo violento. Sem raios, não, o céu se incendiava, ondas de fogo turbilhavam sobre a floresta. O vento chicoteava a chuva para baixo. Era horrível. Eu não podia mexer nem um membro do meu corpo. Deitada ouvia o estrondo, tudo se estilhaçava e quebrava. E onde estava meu marido? Via, como ele estava formando um novo telhado sobre mim. Ele fixara uma lona de barraca sobre as caixas, que eram a nossa cama, para afastar a chuva delas. Por fim, se arrastou embaixo desta lona de proteção. Em meio às lufadas desta tempestade, fiz o que restava a qualquer um nesta situação, rezar ao nosso Senhor Deus, que Ele não deixasse de ajudar os desesperados ali na floresta.

Foram longas e longas horas. O dia iniciava e a tempestade continuava forte. Meu marido se ergueu; eu não conseguia ver onde ele ficou; a lona impedia a visão. Depois de um tempo, voltou e entregou-me o cesto com a nossa galinha choca. O pobre animal estava ensopado, no entanto, não saía de seu lugar no ninho. Nós duas já nos conhecíamos nestes poucos dias; ela não estava assustada e ficou quieta enquanto esforçava-me para secar suas penas molhadas. Aos poucos a tempestade foi se abrandando. O sol tentava atravessar novamente as nuvens da trovoadas. Fora uma noite ruim.

Nossa cabana não foi construída para aguentar tamanha tempestade. Ainda assim estava em pé no mesmo lugar, apenas as estacas estavam quebradas. Tudo o que não estava dentro das caixas, ficou encharcado. E agora o sol dourado brilhava e apagava as marcas do temporal. Após uma experiência medonha -uma tempestade nos trópicos, pude começar mais experiente, um novo trabalho diário.

Nesta manhã, meu marido me perguntou, se ele não devia tomar a decisão de deixar a floresta por minha causa. Pois, a vida ali era difícil,

An diesen Morgen fragte mich mein Mann, ob er nicht meinetwegen den Entschluß fassen solle, aus dem Urwald fortzuziehen. Denn das Leben dort war schwer, wir hatten es in der kurzen Zeit schon genügend erfahren. Aber was jetzt beginnen? Einige hundert Mark nannten wir jetzt noch unser Vermögen. Für eine Heimkehr zu wenig. Uns in einer Stadt niederzulassen, dort Erwerbsmöglichkeiten suchen, nein, dafür waren wir nicht ausgewandert. Ja, hätten wir jetzt noch soviel Geld gehabt, die Heimreise zu bezahlen, dann wären wir gleich zurück gefahren, der lieben Heimat zu. Ich sagte zu ihm, ich wolle nicht die sein, die darauf dringe, hier fortzukommen, wir hätten begonnen und wollten nun auch durchhalten. Ich sah ihm aber an, er hatte nicht für sich gefragt, nein, er wollte seiner Frau nur nicht zumuten, etwas Unmögliches zu tragen.

Im Urwald versteckt, da lernten sich Mann und Frau erst wirklich kennen, zwei Menschen allein auf sich selbst angewiesen, da lebt und denkt einer nur für de andern. Mit neuer Kraft wurde weitergearbeitet. Ein Baum nach dem andern fiel krachend zu Boden. Ich hatte für heute Arbeit genug. Unser Mehlvorrat war von dem Regen durchnaß geworden. Es mußte also gleich verbacken werden. Am Abend lagen sechs große Weißbrote fertig. Daß die nicht zu alt wurden, dafür sorgte unser guter Appetit. Mein Mann hatte ein zwei Meter tiefes Loch ausgeworfen, worin sich schon das Grundwasser sammelte. Der Brotvorrat wurde in einen Sack gesteckt und an einem Strick in diesen Brunnen gelassen, bis dicht über dem Wasser. So hielt sich das Brot frisch. Hier konnte mein Mann die Kenntnisse verwerten, die er den Kurden in Kleinasien abgelauscht hatte.

Am zweiten Sonntag kam uns Malzahn besuchen. Er war hoch zu Pferde, das er sich geliehen hatte, und beladen mit Speck, Schmalz, Eiern und 10 Pfund Schweinebraten. Ein willkommener Gast, nicht allein, weil er etwas brachte, sondern auch als Mensch. Seine Frau konnte nicht mitkommen; das Kindchen und das Vieh bedurften ständiger Wartung.

e nós, num curto período de tempo já tivéramos experiência suficiente. Mas começar por onde agora? Algumas centenas de marcos eram, naquele momento, nosso patrimônio. Muito pouco para o retorno ao nosso país. Estabelecer residência em uma cidade, procurar oportunidades de emprego, não, não imigramos para isto. Sim, se ainda tivéssemos dinheiro para pagar a viagem de volta, teríamos voltado imediatamente ao nosso querido país. Disse a ele que não queria ser aquela que estava insistindo em voltar. Já que começáramos, teríamos que aguentar também. Mas eu o olhei, ele não perguntou para si mesmo, não, ele só não queria exigir que sua esposa suportasse algo impossível.

Escondidos dentro da floresta, o marido e a mulher começam a se conhecer melhor. Duas pessoas sozinhas que se auto instruem, cada uma pensa e vive para a outra. Continuamos o trabalho com forças renovadas. Uma árvore após a outra caía estralando ao chão. Tivera trabalho suficiente por hoje. Nossa reserva de farinha de trigo foi encharcada pela chuva. Por isso, precisava ser utilizada logo. Seis grandes pães estavam prontos no início da noite. O nosso apetite não deixava que eles ficassem muito velhos. Meu marido fez um buraco de dois metros de profundidade, no local onde a água subterrânea se acumulava. A reserva de pão era colocada em uma sacola e deixada neste poço, pendurada em uma corda rente à água. Desta forma mantinha-se o pão fresco. Meu marido pôde colocar em prática os conhecimentos que adquirira com os curdos na Ásia Menor.

No segundo domingo, o Mahl Zahn veio nos visitar. O cavalo, que emprestara, estava alto, carregado de toucinho, banha, ovos e cinco quilos de carne de porco. Um visitante muito bem vindo, não somente porque trouxe algo, mas como pessoa. Sua esposa não pôde vir; a criançinha e a criação de animais precisavam de cuidados constantes. Ali se encontra uma amizade imparcial, onde as pessoas estão separadas a milhas de distância.

Uneigennützigte Freundschaft findet man dort am ersten, wo die Menschen meilenweit getrennt sind.

Ich war eben damit beschäftigt, Schmalz und Speck in unserem Keller oder Brunnen unterzubringen, da hörte ich auf einmal die sonntägliche Stille unterbrochen von schweren Axtschlägen. Erstaunt blickte ich zurück. Ich sah bald, was los war: mein Mann bekam Unterricht im Waldschlagen. Eine erfahrene Kolonistenhand arbeitete da mit der Axt, daß es eine Lust war, zuzusehen. Er schlug nicht, wie mein Mann, die Bäume am Boden ab, sondern so einen Meter hoch von der Erde. In dieser Höhe hatte der Axtschlag doppelte Gewalt, als wenn man mit gekrümmtem Rücken den Hieb nah an der Wurzel anbrachte.

Nach dem Unterricht wurde gefrühstückt. Ich deckte eine Kiste mit einem schönen neuen Tischtuch, stellte zu Ehren unseres Gastes einen großen Strauß Waldblumen darauf, und dann kamen Eier, Speck und Wurst, ein echtes Urwaldfrühstück. Es schmeckte uns vorzüglich. Das Gespräch drehte sich wieder um das, was uns umgab. Plötzlich hob unser Besucher warnend die Finger. Schon dachte ich an Schlangen und sonstiges Ungeziefer. Diesmal war es nur eine kleine Biene, die sich aus dem Blumenstrauß unseres Frühstückstisches niedergelassen hatte.

Was hatte es für eine Bewandnis mit dieser Biene?

Die ist gepackt, flüsterte er uns zu. Was er damit meinte, verstanden wir nicht und sahen uns verständnislos an. Auf einmal flog unsere so bestaunte Biene davon. Unser junger Freund lief hintendrein, die Augen auf die fliegende Biene gerichtet. So ging es die Straße durch den Wald entlang. Ich saß da, in der einen Hand ein Butterbrot, in der andern ein Ei, vergaß aber das Essen. Mein Mann eilte nun auch hinter den beiden her. Was eigentlich los war, wußte ich nicht. Sicherlich wollte der junge Malzahn hier keine Biene fangen. Eine ganze Weile war verstrichen, da kam mein Mann gelaufen, griff nach einer Axt und rief mir zu: Wir haben

Estava ocupada descendo a banha e o toucinho para a despensa ou para o poço, quando ouvi o silêncio de um dia de sol sendo quebrado pelas batidas pesadas do machado. Assustada, olhei para trás. Logo vi o que estava acontecendo: meu marido estava tendo aulas sobre derrubar floresta. O modo como a mão de um colono experiente trabalha com o machado dá gosto de se ver. Ele não cortava as árvores rente ao chão como meu marido, porém um metro acima da terra. Com esta altura o golpe do machado tinha o dobro de força do que golpeando perto da raiz com as costas arqueadas.

Depois da aula, tomamos café. Cobri a caixa com uma toalha nova e bonita. Em cima dela coloquei um ramalhete de flores silvestres em homenagem ao nosso visitante, e depois vieram ovos, toucinho e salame, um verdadeiro café da manhã da floresta. Estava delicioso. A conversa girava novamente em torno daquilo que estava ao nosso redor. De repente, nosso visitante levantou o dedo em forma de aviso. Logo pensei em cobras e outros insetos (pragas?). Desta vez era apenas uma pequena abelha que se instalou no buquê de flores da nossa mesa.

- O que ele vê nesta abelha?

- Ela está carregada, sussurrou-nos.

Não compreendemos o que estava pensando, e ficamos nos olhando, sem entender nada. De repente, nossa abelha, tão contemplada, saiu voando. Nosso jovem amigo correu atrás, com os olhos voltados para a abelha. Ele foi passando a estrada e atravessando a floresta. Fiquei sentada ali, um pão com manteiga em uma mão, na outra um ovo, porém esqueci de comer. Meu marido se apressou correndo atrás dos dois. O que realmente estava acontecendo, não sabia. Certamente, o jovem Malzahn não estava querendo pegar abelhas.

Depois de um certo tempo, meu marido veio correndo, pegou um machado e chamou-me:

- Achamos!

es gefunden! Dann war er wieder verschwunden. Ja, was hatten die beiden gefunden? Um dies zu ergründen, ging ich hinterdrein. Die Schläge der Axt ließen hören, daß sie nicht weit sein konnten. Bald hatte ich sie entdeckt. Mein Mann suchte trockenes Holz, und Malzahn schlug mit der Axt auf einen Baum los, daß die Späne flogen. Jetzt wurde es mir klar, was los war. In dem Baum befand sich ein Bienenest. Der junge Kolonist hatte gesehen, daß die Biene auf unserem Tisch voll beladen war mit Blütenstaub, also gepackt war. Um nun herauszufinden, wo sie ihr Nest hatte, war er ihr gefolgt. Nachdem der Baum gefällt war und die Bienen ausgeräuchert waren, hatte ich in einer Schüssel, die ich mittlerweile geholt hatte, die Beute unserer Bienenjagd: wenigstens fünf Pfund Honig.

Was mußten wir gebildeten Mitteleuropäer von dem Sohne des Urwaldes noch alles lernen!

Oft habe ich später versucht, solch eine gepackte Biene zu verfolgen. Ich schaute dann in die Luft, der Biene nach, sah aber die Baumstümpfe nicht – und schon lag ich auf der Nase. Wenn ich mich erhob, war meine gepackte Biene fort. Für heute und die nächsten Tage wenigstens gab es wohlschmeckenden Honig.

Die beiden folgenden Wochen gingen unter gleicher Arbeit dahin wie bisher. Am vierten Sonntag besuchten wir wiederum unsere Nachbarn, und mein Mann ging wieder zur Wenda, um einzukaufen. In der fünften Woche bauten wir uns eine Hütte aus Palmitlatten; ein ganzer Haufen Latten lag bereit. In Zimmergröße wurden Baumstämme eingegraben, je zwei Meter auseinander, je einen an der Ecke und einen dazwischen, zwei für die Tür, also zusammen neun. Diese Baumstämme wurden von außen mit Palmitlatten beschlagen, und darauf kam ein etwas schräges Dach, das mit Erde und Gras bedeckt wurde. Die Tür, auch aus Palmitplatten, wurde nur des Nachts geschlossen. Fenster gab es an unserem Haus nicht.

Einfach war es und doch wohnlich. In einer Ecke des neuer

Depois desapareceu.

Sim, mas o que os dois acharam? Para descobrir, fui atrás. Pelas batidas do machado, não poderiam estar muito longe. Logo os encontrei. Meu marido estava procurando madeira seca e Malzahn batendo o machado em uma árvore, fazendo voar lascas. Agora estava claro o que estava acontecendo. Dentro da árvore havia uma colmeia. O jovem colono vira que a abelha sobre a nossa mesa estava cheia de pólen, portanto ela estava carregada. Para descobrir onde ficava sua colmeia, ele a seguiu. Depois que a árvore foi derrubada e as abelhas espantadas com fumaça, tínhamos em uma vasilha, que buscara neste ínterim, o resultado da caçada às abelhas: dois quilos e meio de mel.



O trabalho do desmatamento exigia muito esforço. Homens, mulheres e crianças auxiliavam nesta atividade.

Hauses wurde aus Balken und Kistenbrettern eine Bettstelle gebaut, ein ebenso angefertigter Tisch und eine Bank vervollständigten die Einrichtung. Als Anbau wurde neben dieser Hütte ein Dach hergestellt für die Kochstelle.

Zwei Tage darauf, als wir unser Haus fertig hatten, bekamen wir lieben Besuch. Der alte Kolonist, der uns hierhergebracht hatte, Schlee mit Namen, war es, mit seiner Tochter, der Frau Zühldorf. Sie brachten uns die Kisten, die wir zu Anfang unseres Waldlebens dort zurückgelassen hatten.

Stolz zeigte mein Mann unser neues Haus. Es fand volle Anerkennung. Wir befestigten an der Hütte das mitgebrachte Sonnensegel und spannten es aus, und so vereint machten Haus und Zelt einen ganz vornehmen Eindruck.

Wie freute ich mich, diesen Besuch zu haben! Es war mir gerade, als wären liebe Verwandte gekommen.

Der alte Freund hatte meinem Mann einen ganzen Sack voll Taback mitgebracht, eigenes Wachstum. Die Pfeifen wurden gleichhervorgeholt, und bald stiegen die Rauchwolken in die Kronen der Urwaldbäume. Natürlich erzählte er von Deutschlands großen Kriegen. Heute schmückten seine Brust die Erinnerungsmedaillen und Orden jener Zeit. Zu meines Mannes größter Freude hatte er auch einige deutschbrasilianische Zeitungen mitgebracht.

Dann wurde zu Mittag gegessen. Zwei fette Hühner hatte unser Besuch mitgebracht.

Besuch bei jungen Anfängern muß das Essen mitbringen – ein ungeschriebenes Gesetz des Urwaldes. Am Nachmittag gab es Unterricht und Unterweisung in aller Arbeit, die für uns jetzt herankam. Noch vierzehn Tage, und wir konnten die erste Roça brennen. Bis dahin war der erste Teil, vielleicht ein Morgen groß, soweit trocken. Dann konnte gepflanzt werden. Ein ganzes Stück um das Haus hatte ich schon mit der Hacke gereinigt. Gemüsesamen war schon aufgegangen. Der Baum, der uns den

Quanto temos ainda, nós europeus, da Europa central, que aprender com o filho da floresta?

Mais tarde tentei várias vezes perseguir uma abelha carregada como esta. Via a abelha no ar, mas não os tocos de árvore e – caía no chão. Quando me levantava, minha abelha já tinha ido embora. Ao menos, por hoje e para os próximos dias havia mel, muito saboroso.

As próximas duas semanas se passaram com o mesmo trabalho sendo realizado. No quarto domingo visitamos novamente nossos vizinhos e meu marido foi mais uma vez à venda para fazer compras. Na quinta semana construímos uma cabana de ripas de palmeiras, um monte de ripas estava pronto. Foram enterrados troncos de árvores na altura do quarto, a dois metros um do outro, cada um na quina e um entre eles, dois para a porta, no total nove. Pelo lado de fora, estes troncos de árvores foram pregados com ripas de palmeiras e por cima havia um telhado um pouco inclinado, que foi coberto com terra e grama. A porta, também feita de ripas de palmeiras, era fechada só à noite. Não havia janela na nossa casa.

Era simples, mas habitável. Em um canto da nova casa foi construída uma cama de tábuas de madeira e pranchas das caixas, e da mesma forma uma mesa e um banco; isto era toda a nossa mobília. Foi feito um telhado ao lado, como uma parte agregada a esta cabana para servir de cozinha.

Dois dias depois de terminada a nossa casa, recebemos estimáveis visitantes. O colono que nos trouxera aqui, de nome Schlee, estava ali com sua filha, Sra. Zühlendorf. Eles levaram-nos as caixas deixadas para trás no início de nossa vida na floresta.

Orgulhosamente meu marido mostrou nossa casa nova. Ela foi muito elogiada. Amarramos na cabana a lona de proteção contra o sol que trouxéramos e a esticamos de tal forma que juntas, a casa e a barraca davam uma boa impressão.

ersten Schutz gewährt hatte, sollte stehenbleiben, in seinem Schatten stand auch unsere Hütte.

Mein Mann hatte aus einer Kiste sein Gewehr ausgepackt; sobald sich etwas Schießbares zeigte, wollte er losknallen. Mit jagdbarem Wild, das unserm Kochtopf hätte füllen können, war es nur schlecht bestellt. Doch losknallen mußte er, das sah ich ihm an, und nicht lange, da verlor sich der scharfe Knall seiner Flinte in den Urwald. Ein Perekide, ein kleiner Papagei, hatte sein Leben lassen müssen. Stolz zeigte er seine erste brasilianische Jagdbeute. So verflossen die schönen Stunden des Besuches viel zu schnell für uns, die wir nachher wieder allein waren in dem großen Wald.

Die halbe Nacht mußten diese lieben Leute fahren, ehe sie wieder daheim waren. Zwölf Stunden Weges zurücklegen, um Leute, die ihnen eigentlich fremd waren, zu besuchen, das ist Freundschaft.

Am folgenden Morgen wartete meiner eine große Freude. Mein Mann rief, ich solle mal schnell herauskommen, da sah ich meine Glücke mit zehn reizenden Kücklein im Sande scharren. Ein liebes Bild, unser erster Zuwachs von Federvieh. Wieder glitten die Tage dahin, ausgefüllt mit schwerer Arbeit. Ich packte die Kisten aus, worin die Sachen waren, die wir in der Hütte brauchen konnten. Alles andere blieb in den Kisten für später, wenn es ein richtiges Haus gab, aus starken Balken und Brettern.

An einem der nächsten Tage rief mein Mann mich zu sich, um mir ein im Urwald sehr häufiges Tier zu zeigen, das auch für den Menschen nicht ungefährlich war. Ich hatte ihn nämlich gebeten, nicht wie bisher alles totzuschlagen und vor mir zu verbergen. Es ist doch immer besser, wenn man eine Gefahr kennt. Es war eine Riesen-oder Vogelspinne, so groß wie eine Männerfaust, ein häßliches Tier. Die fingerlangen Beine und der Körper waren mit langen braunen Haaren bedeckt. Der Biß dieser Spinne hinterläßt böse eitende Wunden, deren Heilung oft ein ganzes Jahr

Como fiquei feliz com esta visita! Era como se meus queridos parentes tivessem chegado. O velho amigo trouxe para meu marido um saco cheio de tabaco, produção própria. Os cachimbos foram trazidos ali imediatamente, e logo nuvens de fumaça subiam em direção às copas das árvores. Logicamente, ele ficou contando sobre as grandes guerras da Alemanha. Neste dia, trazia seu peitoral enfeitado com medalhas de recordação daquela época.

Para a grande alegria de meu marido, ele também tinha consigo alguns jornais teuto-brasileiros.

Depois almoçamos. Duas galinhas bem gordas foram trazidas pelo nosso visitante. A comida deve ser trazida em toda visita à casa de colonos novatos – uma regra indescritível da floresta. À tarde foram dadas aulas e instruções sobre todo trabalho, que estávamos prestes a começar. Mais catorze dias e poderíamos queimar nossa primeira roça. Até lá, a primeira parte, talvez do tamanho de uma jeira, estaria seca. Só depois é que poderia ser plantado. Uma grande parte da terra em volta da casa eu já tinha capinado. As sementes de verduras já começavam a brotar. A árvore que nos concedeu o primeiro abrigo, deveria permanecer em pé, pois em sua sombra estava também nossa cabana.

Meu marido retirara da caixa sua espingarda; assim que aparecesse algo em que pudesse atirar, ele queria fazê-lo. A nossa panela que poderia estar cheia de animais selvagens caçados, estava mal servida. Ele tinha que atirar, isto vi no seu rosto. Não demorou muito e o estampido agudo de sua espingarda se perdeu na floresta. Um periquito, um pequeno papagaio, teve que perder sua vida. Orgulhosamente mostrou-me o fruto de sua primeira caça brasileira.

As agradáveis horas de visita se passaram rápidas demais para nós, e logo depois estávamos novamente sozinhos na grande floresta.

beansprucht. Gerade beim Brennholzsuchen muß man auf diese Tiere achten; unter faulem Holz und in hohlen Baumstämmen ist ihr liebster Aufenthalt. Es schauderte mich, als mein Mann, der das kleine Ungeheuer bis jetzt mit der Buschhechel an der Erde festgehalten hatte, es losließ, und es, mit den langen Beinern weit ausholend, weiterkroch. Ein Schlag mit der Buschhechel machte dem Leben dieses scheußlichen Tieres ein Ende.

Welche Gegensätze im Tierleben des Urwaldes! Alles, was sich am Boden bewegt, häßliche kriechende Tiere, wie Schlangen, Spinnen, Skorpione und Tausendfüßler. Die Tiere dagegen, die in den Baumkronen leben, herrlich anzuschauende Schöpfungen der Natur: Schmetterlinge, groß wie eine Hand, gezeichnet in ganz märchenhaften Farben Vögel vom kleinsten Kolibri bis zum großen Papagei, so bunt, als hätten sie alle Farben in sich aufgenommen.

Unmittelbar vor unserer Hütte hatte ein Kolibripäarchen an einem Strauch sein Nest gebaut. Wie ein Spielzeug war es, kaum größer als eine Walnußschale, zwei erbsengroße Eierchen lagen darin. Trotzdem ich den größten Teil des Tages dort herumhantierte, ließ sich das winzige Tierchen bei seinem wichtigen Brutgeschäft nicht stören. Wie dann später die kleinen Tierchen aus den Eierchen auskrochen, waren sie nicht größer als eine Fliege. Daraus entwickelte sich das prachtvolle Vögelchen. In der häßlichen Vogelspinne hat es seinen schlimmsten Feind.

Ich habe in den vier Jahren im Urwald viel von diesem gefährlichen Ungeziefer kennengelernt; man hat bei jeder Arbeit im Hause und in der Roça darauf zu achten .

Estas adoráveis pessoas tinham que viajar a metade da noite para estar novamente em casa. Viajar por doze horas para visitar pessoas que, na verdade, eram estranhas para eles, isto é amizade!

Na manhã seguinte, uma grande alegria me aguardava. Meu marido chamou-me dizendo para sair de casa rapidamente. Então vi minha galinha choca com dez encantadores pintinhos esgravatando na areia. Uma imagem bonita, nossa primeira criação de aves domésticas. Os dias passavam muito brevemente repleto de trabalho árduo. Desempacotei as caixas, onde estavam as coisas, que poderíamos precisar na cabana. Todo o resto ficou nas caixas para mais tarde, quando tivesse uma casa apropriada, com vigas e tábuas fortes.

Em um dos dias seguintes, meu marido chamou-me para mostrar um animal muito comum na floresta, que também não era inofensivo às pessoas. Já tinha lhe pedido para não matar tudo e esconder de mim. É sempre melhor quando se conhece o perigo. Era uma aranha gigante ou tarântula, tão grande quanto um punho de um homem, um animal feio. As pernas do tamanho de dedos e o corpo eram cobertos com longos pêlos marrons. A picada desta aranha causa ferimentos graves que supuram, cuja cura requer, frequentemente, um ano inteiro. Ao procurarmos madeira para queimar, devemos tomar cuidado com o bicho; seus locais favoritos são embaixo de madeira podre e troncos ocos de árvores. Arrepiou-me quando meu marido, que estava prendendo na terra o pequeno inseto com uma machadinha, soltou o e ele saiu, esticando-se com suas pernas longas, rastejando-se. Um golpe com a machadinha pôs fim à vida deste animal repugnante.

Quantos contrastes há na vida dos animais na floresta! Tudo o que se locomovia no chão, eram animais feios e rastejadores, como cobras, aranhas, escorpiões e lacraias. Ao contrário, os animais que vivem nas copas

das árvores são criações da natureza magníficas de se ver: borboletas, grandes como uma mão, desenhadas em todas as cores deslumbrantes, pássaros que vão dos pequenos beija-flores aos grandes papagaios, tão coloridos, como se ostentassem neles todas as cores.

Bem na frente de nossa cabana, um casalzinho de beija-flores tinha construído um ninho em um ramalhete de flores. Parecia um brinquedo, pouco maior do que uma casca de nozes, com dois ovinhos do tamanho de ervilhas dentro. Apesar de estar ali em volta ocupada na maior parte do dia, o minúsculo animal não se incomodava, pois estava dedicado ao seu importante trabalho com a ninhada. Quando mais tarde, os pequenos animaizinhos saíram dos ovos, não eram maiores que uma mosca. A partir daquele momento, os passarinhos desenvolveram-se cheios de esplendor. A horrenda tarântula era seu pior inimigo.

Nos quatro anos de floresta aprendi muito sobre estes animais perigosos; tínhamos que tomar cuidado com eles em qualquer trabalho na roça e em casa.



ENTRE LOUSAS E PALMATÓRIAS

ENTRE LOUSAS E PALMATÓRIAS: MEMÓRIAS DA EDUCAÇÃO NO VALE DO ITAJAÍ

Carla Fernanda da Silva*

Hoje você é quem manda
Falou, tá falado
Não tem discussão, não.
A minha gente hoje anda
Falando de lado e olhando pro chão
Viu?
Você que inventou esse Estado
Inventou de inventar
Toda escuridão
Você que inventou o pecado
Esqueceu-se de inventar o perdão.

*Chico Buarque de Holanda***

RESUMO

Este artigo propõe uma discussão de memória e conceito de história, problematizados na História da Educação local, especialmente no que pertine ao disciplinamento escolar entre a Era Vargas e a Ditadura Militar (1930-1985). Usando como método a história oral, foram realizadas por alguns acadêmicos dos cursos de licenciatura da FURB diversas entrevistas com professores do Vale do Itajaí, especialmente os que lecionaram ou foram alunos naqueles períodos. Esse trabalho possibilitou ir além das discussões permeadas pelos livros e, através do vivido, compreender a História da Educação local a partir de um novo olhar, e dessa forma problematizar, questionar e compreender uma outra concepção de 'História'. Estas atividades pedagógicas contribuíram para novas concepções teóricas

* Mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Professora do Departamento de História da Universidade Regional de Blumenau – FURB. Publicou o livro 'Graças da Luz: a narrativa visual sobre a cidade na revista Blumenau em Cadernos', pela Edifurb/2009. E-mail: carlaf@furb.br

** HOLANDA, Chico Buarque de. *Apesar de você*. 1970.

e compreensão de professores, alunos e acadêmicos enquanto sujeitos históricos.

Palavras-chave: Memória – História Oral – História da Educação no Vale do Itajaí

Este artigo tem por objetivo fazer uma breve discussão de memória e reflexão sobre a educação na região do Vale do Itajaí nos períodos da Era Vargas (1930-1945) até o final da Ditadura Militar (1964-1985), em que a pedagogia defendida e proposta por estes governos era a tradicional, na qual professores eram cerceados na discussão de outras teorias pedagógicas e, quando ousavam discutir ou vivenciar outras formas de ensino, poderiam ser presos ou repreendidos.

Muitos livros didáticos de História nos relatam uma versão generalizante dos fatos, em que o cotidiano da sala de aula é suprimido diante de um evento político de repercussão nacional. Partindo desta leitura, é que se propõe uma discussão da História da Educação local pautada no depoimento de professores, em que estes possam compartilhar a sua memória, e a partir daí permitir analisar e fazer um comparativo com as fontes históricas em nível nacional. A concepção de História ainda se dá a partir do positivismo/historicismo, fato respaldado pela educação que se teve nos ensinos Fundamental e Médio, baseado num método tradicional que privilegiou a memorização de fatos e datas, sem uma discussão crítica da História.

A pesquisa historiográfica é essencial para que alunos e professores repensem sua compreensão de História e se percebam enquanto sujeitos da história, ato fundamental para a uma leitura a contrapelo da educação.

Assim, foi importante deslocar a História da Educação dos livros para a ‘história oral’, como uma forma de vivenciar o aprendizado e o “desafio de contemplar a multiplicidade do mundo e sua indeterminação

para auxiliar nossos alunos a construir sua memória e suas identidades a partir de uma História que considere as rupturas, conflitos, crises públicas e privadas, em suas infinitas diferenças.”¹ Ou seja, perceber que os documentos e livros são construções, e que estes contêm uma representação da História, não uma ‘verdade’ sedimentada. Faz-se necessário dizer, ainda, que a maior parte dos escritos reflete a História a partir das instituições e estão inseridos num contexto nacional e global, com pouco espaço para a reflexão em nível local, e sem pesquisar a História da Educação a partir daqueles que são partícipes: professores, alunos, funcionários escolares, pais, entre outros. Os manuais didáticos, em sua oficialidade, discorrem sobre a História da Educação numa ótica do Estado, inserida em meio aos fatos históricos consagrados e a mudanças de regime político e legal do governo brasileiro. Nesta escrita generalizante da história, as pessoas que constituem a história da educação (professores, alunos, pais e funcionários escolares) não tiveram visibilidade alguma, e de certa forma foram silenciadas.

Walter Benjamin afirmou que ‘a da arte de narrar está em vias de extinção’², referindo-se, sobretudo, ao ato de falar e ouvir, à troca de experiência, aprender com o vivido pelo outro. Se os livros nos chegam prontos e acompanhados de explicação, a narrativa nos oferece um espaço de reflexão, tanto para pensar a experiência, quanto na possibilidade de refletir a ‘sabedoria’ na forma de conselhos ou na ‘moral da história’³. Possibilita transpor a informação, permitindo um exercício de memória pessoal, problematizando o dito e o vivido, de forma que a história seja interpretada e as fontes históricas sejam de fato questionadas e analisadas.

¹ MONTEIRO, Ana Maria. *Professores de História: entre saberes e práticas*. RJ: Mauad, 2007. p. 110. *apud* VENERA, Raquel Alvarenga Sena. *Cultura e Ensino de História: Elogio à Criação*. Itajaí: Ed. Casa Aberta, 2010. p. 101.

² BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. SP: Brasiliense, 1994. p. 197.

³ *Idem*. p. 200.

Para tanto, é preciso uma nova vivência do ato de aprender história, de forma a constituir uma consciência histórica. Narrar sua vida, ouvir a história do outro, e pensar a sala de aula como um espaço de memória.

Utilizar a ‘história oral’ como método de pesquisa da História da Educação é de fundamental importância, pois:

pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser usada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história (...) pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas palavras.⁴

A ‘história oral’ propicia ao entrevistado a oportunidade de relembrar a sua própria história, de narrá-la e perceber-se enquanto sujeito histórico. E permite compreender que a história, enquanto ciência humana, “ocupa-se com a interpretação histórica, com seus procedimentos e regras de interpretação que possibilitam uma reconstrução das intenções de ações humanas no tempo”, e que para o aluno/professor “o aprendizado histórico implica em preocupações com a construção da consciência histórica das crianças, jovens e adolescentes, tarefa que implica a linguagem, a comunicação intencional para um fim específico.”⁵

A pesquisa com memória, leva-nos a refletir sobre nossas escolhas, como selecionamos nossas lembranças e como esquecemos muitos fatos. As primeiras falas dos professores, sempre nos conduzem ao espaço escolar. A memória se aviva na materialidade dos espaços e nas dificuldades enfrentadas. O professor Bruno Cipriani, de Blumenau, em seu depoimento, cita a ‘Casa do Professor’, inexistente na contemporaneidade,

⁴ THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 22.

⁵ VENERA, Raquel Alvarenga Sena. *Cultura e Ensino de História: Elogio à Criação*. Itajaí: Ed. Casa Aberta, 2010. p. 61.

mas que foi uma referência no Vale do Itajaí, na primeira metade do século XX. Além do prédio da escola, também compunha o complexo escolar, algo importante para a sociedade, pois o professor era uma referência, segundo nos conta o Sr. Bruno:

Paralelo à escola era construído a Casa do Professor. Então, eu passei a morar na casa do professor. Aliás, era uma exigência da sociedade também. O professor era uma pessoa muito respeitada, e deveria permanecer junto com a sociedade, e também, como guardião do patrimônio.⁶

A lousa, carteiras, canetas tinteiro e cartilhas também são citadas como recordações da materialidade do cotidiano escolar:

As carteiras eram grandes e sentavam duas crianças e tinha um buraquinho para por o tinteiro, a caneta era de madeira com aquela pena, a criança molhava e ali escrevia. Naquele tempo nós usávamos cartilha e depois que a criança sabia ler aquela cartilha, a gente dava outro livro. A criança lia bastante naquele tempo.⁷

Se a memória em relação à materialidade são espontâneas, as lembranças referentes aos métodos utilizados em sala de aula e a ação do Estado na escola precisaram ser estimuladas nas entrevistas, buscando no esquecimento a repressão existente na educação durante os períodos ditatoriais.

Destaca-se na Era Vargas a nacionalização do ensino, fato que marcou as regiões de colonização alemã e italiana em Santa Catarina. Em Blumenau, a proibição do idioma alemão afetou muitas pessoas, em especial as crianças em idade escolar, pois aqueles que falavam o alemão

⁶ CIPRIANI, Bruno. Entrevista em História Oral concedida a: GASPERI, Veronice. RE-TKE, Solange. SGORLA, Ewerton. Blumenau, outubro de 2010.

⁷ BENTO, Laura Maria Teresa. Entrevista em História Oral concedida às acadêmicas: Angelita, Deise e Ivete da 2ª. Fase de Pedagogia, em outubro de 2008.

eram castigados física e psicologicamente nas escolas⁸. Portanto, a educação na região do Vale do Itajaí viveu dois períodos repressores numa sequência ininterrupta, conforme relata o professor Bruno Cipriani:

Muitas pessoas pensam que no período dos militares tinha uma pressão para que houvesse uma disciplina militar. Mas essa disciplina militar ela já existia antes. Quando eu fui à escola, o aluno que cometesse algum ato de indisciplina, era castigado. Ele levava reguada, tapa, ficava de joelho, tinha que assinar o chamado Livro Negro, livro que marcava as faltas mais graves do aluno. Ele poderia ser suspenso ou expulso. Isso antes dos militares, no período dos militares isso continuou, não vou dizer com um agravo, mas um adendo, ali deveria existir aquela disciplina patriótica. O aluno deveria aprender os hinos, inclusive, ensinávamos aos alunos a maneira correta de dobrar a bandeira.⁹



Alunos da Escola D. Pedro II, na década dos anos 50, em sala de aula.

⁸ KLOCH. *Op. Cit.* 2009.

⁹ CIPRIANI. *Op. Cit.* 2010.

O disciplinamento escolar vivenciado em continuidade entre esses dois períodos destaca-se também no relato da professora Dorvalina Zancanaro, de Rodeio, referente aos anos 40: “Naquele tempo a gente podia dar uns puxões de orelha, a gente dava castigos, porque a lei permitia.”¹⁰ Para além da permissão legal, tinha-se o ato disciplinar como uma função dos professores; muitos pais compreendiam que além do ensinar, cabia aos professores o controle dos alunos. A professora Maria Lucia Schramm, de Gaspar, frisa que: “os alunos desobedientes eram castigados de várias formas como: escrever frases repetidas vezes ou apanhavam de varinha. Em reunião com os pais, estes métodos eram apoiados.”¹¹ Mais do que o apoio dos pais, muitas vezes os professores eram cobrados por não exercer o disciplinamento através de castigos físicos: “Um pouco mais antigamente eles faziam ficar de joelho no milho, na areia, batiam. Na minha época [1975] não podia mais a palmatória. Eu não gostava disso, mas os pais diziam: *Puxa a orelha! Bota de castigo!*”¹²

Além de analisar a compreensão que a sociedade tinha sobre os castigos físicos realizados em sala de aula, é possível refletir, por meio dos depoimentos, que muitos relacionam a valorização do professor ao seu papel disciplinar:

O professor além de ser educador, era também formador de personalidade. Ele era um disciplinador! (...) Os professores eram valorizados, respeitados, muito, muito, muito... Quando havia um problema, alguma coisa a resolver na sociedade, o professor não podia faltar.¹³

¹⁰ ZANCANARO. ZANCANARO, Dorvalina. Entrevista em História Oral concedida a: SILVA, Evander Ruthieri da. Rodeio, outubro de 2010.

¹¹ SCHRAMM, Maria Lúcia Bendini. Entrevista em História Oral concedida a: BERTI, Daiana. FELICIANO, Animara. Gaspar, outubro de 2008.

¹² MAESTRI, Nilma. Entrevista em História Oral concedida a: CAMPESTRINI, Ermelinda. CRISTOFOLINI, Débora L. LORBIESKI, Danúbia. NAUMANN, Daiane. STEFAN, Karina Lira. Brusque, outubro de 2009.

¹³ CIPRIANI. *Op. Cit.*, 2010.

Essa continuidade disciplinar, por vezes, não é percebida pelas pessoas, pois esses fatos históricos são estudados separadamente. Enquanto em alguns estados brasileiros a Ditadura Militar representou uma ruptura na história da educação, marcada principalmente pela luta dos estudantes universitários; no Vale do Itajaí constatamos uma continuidade disciplinar.

Em relação ao período da Ditadura Militar, os professores divergem em seus depoimentos, mas é perceptível que essa divergência deve-se à localização das escolas e às séries escolares nas quais os professores atuavam. O professor Nelo Osti, que lecionou História e Geografia em Blumenau, no seu depoimento, destaca a vigilância exercida neste período:

A partir de 1964 nós fomos muito coagidos no campo da História, fomos prejudicados na forma de ensinar. Nós éramos vigiados. Era muito comum na sala de aula ter alguém ou algumas pessoas que ficavam escutando o que você falava, anotava e encaminhava ao quartel. E, às vezes, éramos chamados. Então, não tínhamos liberdade de expressão e de crítica, nós que éramos de História, Geografia, Filosofia... Sociologia nem tinha nesse período. (...) Houve punições, não muita gente, mas que pegaram gente, pegaram. Se não pegavam, ameaçavam de perder emprego ou prender.¹⁴

Porém, para os professores que trabalharam em escolas multisseriadas, localizadas no interior dos municípios, a vigilância ou repressão no período militar não teria existido. Em seus depoimentos, eles deixam claro que esse período representou uma continuidade no modelo de controle e vigilância, já presente na escola. Em um processo de continuidade disciplinar, a mudança política do país não se fez presente como discussão na sala de aula. De fato, a escola foi o espaço de legitimação do poder ditatorial dos militares por meio das práticas disciplinares. A professora Nilma Maestri, que atuou no Ensino Fundamental em Brusque, a partir de 1975, destaca esse

¹⁴ OSTI, Nelo. Entrevista em História Oral concedida a: LESSA Fabiele, SASSE, Fernanda. SEHNEM, Daisy. Blumenau, outubro de 2009.

distanciamento da política nacional, e elucida que a função dos coordenadores não era percebida como ato de vigilância sobre a atuação dos professores:

Para nós aqui não. Porque naquela época a política não se metia na educação. Não é como agora. Eu lecionava pelo estado. Não tínhamos problema nenhum com Ditadura ou políticos... nunca! A gente era bem livre para lecionar. O planejamento era feito em comum com todos os professores, e não tinha nada de restrição. A minha vida era tão agitada, que eu não tinha condições de ficar pensando... [Ditadura Militar] Eu nunca tive tempo de pensar nisso e, também não lembro de nada dessa repressão. [sobre a atualidade] Essa política metida na escola, eu não aprovo. Eu acho que político não tem que se meter com educação. A gente fazia tudo em torno dos pais. Nós tínhamos coordenadores e eles atuavam. Eles sabiam o que era para fazer.¹⁵

A divergência entre alguns livros de História da Educação e os depoimentos dos professores conduz a questionamentos quanto ao fato dos professores não terem ‘reagido’ ao disciplinamento que lhes era imposto. O professor Bruno Cipriani, ao falar sobre a Ditadura Militar no Vale do Itajaí, pondera sobre a diferença entre Santa Catarina e os demais estados:

Veja bem, aqui é uma exceção, eu faço questão de dizer, é uma exceção, nós éramos muito moralistas de casa. Nós comentávamos: o governo está agindo certo, porque ele está proibindo essa pornografia, esses excessos. Filmes, a censura nos filmes, a censura na televisão a censura na imprensa, nas revistas. Era proibido o governo censurava. Era censurado em nome da religião, em nome da moral.¹⁶

O confronto entre os depoimentos levou a pensar que os professores também estavam submetidos às práticas de disciplinamento, principalmente em relação aos conteúdos trabalhados em sala de aula, conforme relato: “O conteúdo que você ministrava vinha de Florianópolis. [...] Já vinha tudo pronto. Como você ministra essa aula não interessa, mas o conteúdo é esse aqui. Pode

¹⁵ MAESTRI, *Op. Cit.* 2009.

¹⁶ CIPRIANI, *Op. Cit.* 2010.

fugir? Não! É esse aqui.”¹⁷ A educação não estava apenas regida pelo aparato legal, mas por todo um corpo técnico de funcionários, vigilantes à atuação dos professores, conforme o depoimento da professora Dorvalina:

Uma ou duas vezes por ano, o inspetor visitava a nossa escola. Só que ele visitava de surpresa, não dizia o dia e a hora, nada. E lá tinha um Livro de Atas próprio, onde ele escrevia como encontrava a escola, como encontrava a professora. Ele olhava as tarefas das crianças, como nós fazíamos as tarefas para dar aula. Todos os cadernos que nós tínhamos, o nosso plano de aula. Ele sempre olhava, e graças a Deus eu sempre ganhei notas boas.¹⁸

Ao controlar o conteúdo, percebe-se uma interligação entre o poder e a construção de uma ‘verdade’. Ou seja, poder e verdade estão ligados numa relação circular; se a verdade existe numa relação de poder e o poder opera em conexão com a verdade, então todos os discursos podem ser vistos funcionando como regimes de verdade¹⁹. As relações disciplinares de poder-saber são fundamentais aos processos pedagógicos, sejam elas auto-impostas, impostas pelos professores, ou impostas pelos governos, como bem frisou Foucault: “Uma relação de fiscalização, definida e regulada, está inserida na essência da prática do ensino: não como uma peça trazida ou adjacente, mas como um mecanismo que lhe é inerente e que multiplica sua eficiência.”²⁰ Ao visualizarmos essa rede de fiscalização hierarquizada, torna-se mais fácil compreender a forma como o governo militar atuou nas escolas do Vale do Itajaí; mais discreta, mas exercendo poder através do controle de conteúdos, material didático, método de ensino e por meio de uma estrutura escolar hierarquizada. Esse fato torna-

¹⁷ *Idem.*

¹⁸ ZANCANARO. *Op. Cit.*, 2010.

¹⁹ SILVA, Tomaz Tadeu da. *O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 1995.

²⁰ FOUCAULT, Michel. *Apud.* SILVA, Tomaz Tadeu da. *O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 1995

se evidente pelos depoimentos dos professores, que requer uma análise para a sua compreensão, pois muitos docentes não se percebiam controlados ou direcionados pelo Estado. Em diversos depoimentos, notamos que os cursos de formação ministrados no período tinham o intuito de direcionar o ensino e não possibilitar uma reflexão sobre o mesmo: “Eles falavam sobre o ensino, sobre o comportamento das crianças, e como nós tínhamos que ensinar. E a maneira que tínhamos que ensinar.”²¹

Outro aspecto relevante é a ênfase nos conteúdos ‘básicos’ e no método de ensino, que se resumia à reprodução de conteúdos. Em relação aos anos iniciais do Ensino Fundamental a professora Nilma, relata:

Primeiro lugar o planejamento que deveríamos desenvolver e tínhamos os livros. A gente fazia curso. Algumas professoras faziam curso e passavam para a gente. Como a gente tinha épocas com primeira e segunda séries juntas ou terceira e quarta séries ou as quatro. Então, o que tínhamos que fazer? Ensinar ler e escrever, dividir, multiplicar, somar e diminuir. Era o principal, era o básico.²²

O professor Nelo Osti, em seu depoimento sobre o período em que atuou, relata a transformação que a educação vivenciou na Ditadura Militar e destaca que no final dos anos 80 a educação sofria uma crise. Crise ocasionada pela formação recebida pelos professores e pela inexistência de uma reflexão e críticas dos conteúdos ministrados, limitando-se à mera reprodução:

Bem no começo do ensino de História e Geografia, nós tínhamos que dar material para o aluno, resumos no quadro, matéria e... naquela época era mimeografado... Para o aluno ter material nós íamos a acervos, bibliotecas grandes, etc. O aluno aprendia ler, copiando o que o professor falava. Eu também fazia assim, o professor falava e eu copiava. (...) De oitenta para cá, melhoraram as bibliotecas, as revistas, então o aluno foi mais à pesquisa. O que facilitou o trabalho do professor. Aí todo mundo tinha livro, o professor, o aluno tinham livros didáticos.

²¹ ZANCANARO. *Op. Cit.*, 2010.

²² MAESTRI. *Op. Cit.*, 2009.

Houve um período, eu diria de 1980 para 1990... tanto a História como a Geografia era o tipo de estudo... eu diria, decoreba! Quadro de professores bons, formados... Não era tanto falta de professores, mas professores acomodados.²³

A *decoreba* destacada pelo professor era fruto do ensino tecnicista propagado e defendido pelo regime militar, tanto nas escolas, quanto nas Universidades. As dificuldades enfrentadas pelos alunos nos anos 90 devem-se ainda a um reflexo da forma como nos anos da Ditadura Militar foi conduzido o ensino. Conteúdo decorado, questionários, provas de escolhas múltiplas e disciplinamento. O professor ainda compara ao seu tempo de estudante:

Os estudos eram mais sérios. Semanalmente nós tínhamos uma prova chamada sabatina. Chegava o fim da semana tinha prova de todas as matérias. Para passar eu tinha que prestar exame oral, escrito, tinha uma banca, diferente de hoje, era sério, muito mais sério. A avaliação era feita com provas, não havia muitos trabalhos, porque não tinham muitos subsídios de pesquisa, também. Mas havia provas sérias, bem feitas. E, também, a expressão oral que cada um fazia, tinha que falar, tinha que dar aula, tinha que conversar como grupo.²⁴

Após assistir as entrevistas e discuti-las, ficou perceptível que a escola, enquanto espaço de construção de subjetividades, ao sujeitar alunos e professores ao processo de disciplinamento do Estado, contribuiu na manutenção do poder ditatorial, fato evidenciado na fala do professor Bruno Cipriani:

Então, não se falava mal do governo, só isso. Você podia falar do governo, mas não falar mal. Agora, nenhum aluno chegava e dizia: Professor, o meu pai disse que o Presidente é um assassino, é um ladrão, ele é isso... Não, não... o aluno não falava e o professor fazia questão de dizer que o Presidente era boa gente.²⁵

Destaca-se que os professores eram os sujeitos mais disciplinados em sala de aula, pois para disciplinar os corpos, mentes e conhecimentos

²³ OSTI. *Op. Cit.* 2009.

²⁴ *Idem.*

²⁵ CIPRIANI. *Op. Cit.* 2010.

dos alunos, os professores precisavam ter corpos, mentes e conhecimentos disciplinados. Para o Estado, o controle do que era ensinado tornou-se essencial para sua manutenção, portanto, as práticas pedagógicas estavam sujeitas ao disciplinamento do conhecimento. Regularmente eram ministrados cursos, cujo objetivo não era discutir e construir uma educação em conjunto e problematizada, mas oferecer um método de ensino, por meio de manuais, conforme relato da professora Dorvalina: “Eles davam muitos cartazes e muitos livros para nós e, com esses livros a gente ia preparando [a aula].”²⁶

O sujeitamento dos professores não permitia que estes construíssem seu próprio conhecimento ou refletissem sua prática pedagógica. Portanto, o controle da prática e do saber em sala de aula era visto como necessário pelo Estado ditatorial como meio de evitar opiniões e ações divergentes, assim o controle sobre os professores se fez ao longo do regime militar. Isso não quer dizer que eles eram alheios à violência, porém tinham medo de uma possível ação de repressão, conforme o professor Bruno nos conta:

Entre nós professores, às vezes, comentávamos que a gente havia ouvido falar que houve excessos disciplinares. Pessoas que foram presas aqui em Blumenau, levadas embora... não sei para onde. Eu lembro de um advogado, ele era contra a ditadura, ele foi preso, desapareceu de Blumenau. Mas a gente não comentava. Sabia que não estava certo, sabia que liberdade de expressão não havia.²⁷

A repressão exercida pelo regime militar no Vale do Itajaí de fato existiu, porém não se destacou por passeatas de alunos e professores ou por exílio e luta. A repressão que aqui se fez foi de forma sub-reptícia, apoiada numa estrutura de poder consolidada na Era Vargas. Os militares, em sua ação de exercício do poder e controle das ações escolares, preferiram a ‘invisibilidade’,

²⁶ ZANCANARO. *Op. Cit.* 2010.

²⁷ CIPRIANI. *Op. Cit.* 2010.

uma ação quase sempre discreta, onde as ações de poder tornam-se mais eficazes, ao serem emaranhadas ao cotidiano, como elucida o professor Bruno: “Com o povo pequeno os militares não mexeram. Eles simplesmente disseram: na escola agora vamos ensinar assim e assim... pronto.”²⁸ Porém, o ordenamento das ações passava por toda uma estrutura hierárquica até chegar aos professores, ação que muitos compreendiam como inerentes à educação.

Aos professores havia uma possibilidade de resistência ao controle exercido pelo Estado, pois não existem práticas pedagógicas inerentemente repressivas ou inerentemente libertadoras. Qualquer prática é cooptável e qualquer prática é capaz de tornar-se uma fonte de resistência. Afinal, se as relações de poder são dispersas e fragmentadas ao longo do campo social, assim também o deve ser a resistência ao poder²⁹.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. SP: Brasiliense, 1994.

KLOCH, Kátia. *Sem Palavras*. 2009. (Documentário)

KRAEMER, Celso. *Paulo Freire e Michel Foucault: pontos de convergência*. In: SILVA, Carla Fernanda da (org). *Clio no Cio: escritos livres sobre o corpo*. Blumenau/Itajaí: Ed. Casa Aberta, 2010.

MONTEIRO, Ana Maria. *Professores de História: entre saberes e práticas*. RJ: Mauad, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VENERA, Raquel Alvarenga Sena. *Cultura e Ensino de História: Elogio à Criação*. Itajaí: Ed. Casa Aberta, 2010.

²⁸ *Idem*.

²⁹ SILVA. *Op. Cit.* 1995.

ENTREVISTAS

BENTO, Laura Maria Teresa. Entrevista em História Oral concedida às acadêmicas: Angelita, Deise e Ivete da 2ª Fase de Pedagogia, em outubro de 2008.

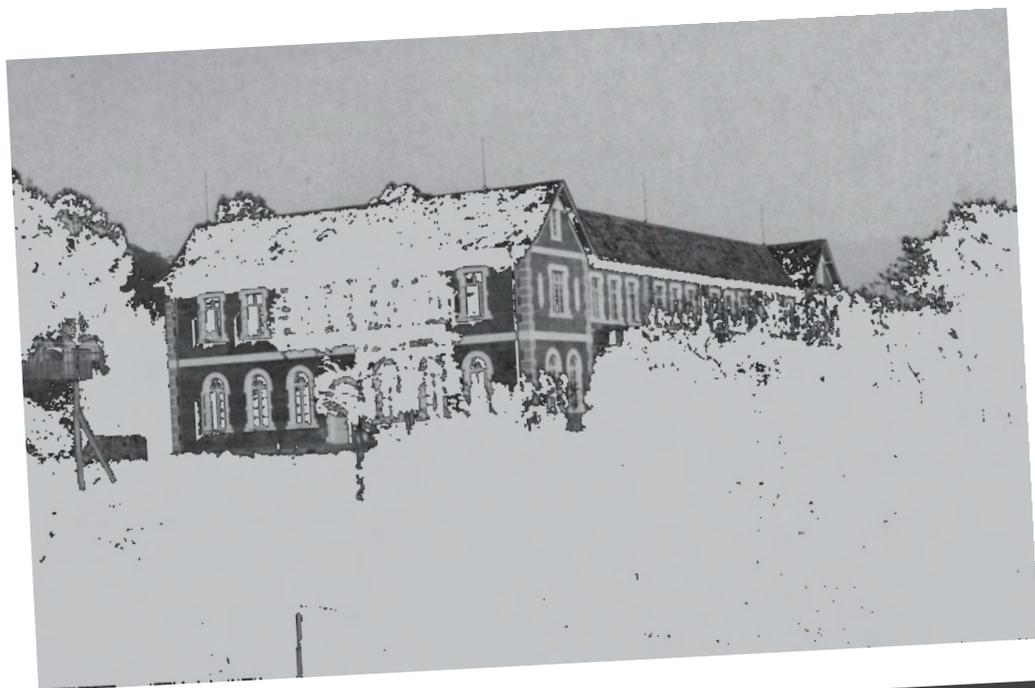
CIPRIANI, Bruno. Entrevista em História Oral concedida a: GASPERI, Veronice. RETKE, Solange. SGORLA, Ewerton. Blumenau, outubro de 2010.

MAESTRI, Nilma. Entrevista em História Oral concedida a: CAMPESTRINI, Ermelinda. CRISTOFOLINI, Débora L. LORBIESKI, Danúbia. NAUMANN, Daiane M. STEFAN, Karina Lira. Brusque, outubro de 2009.

OSTI, Nelo. Entrevista em História Oral concedida a: LESSA Fabiele, SASSE, Fernanda. SEHNEM, Daisy. Rio dos Cedros, outubro de 2009.

SCHRAMM, Maria Lúcia Bendini. Entrevista em História Oral concedida a: BERTI, Daiana. FELICIANO, Animara. Gaspar, outubro de 2008.

ZANCANARO, Dorvalina. Entrevista em História Oral concedida a: SILVA, Evander Ruthieri da. Rodeio, outubro de 2010.



O ESTADO NOVO (1937-1945) E A NEUE DEUTSCHE SCHULE

2.3 O ESTADO NOVO (1937-1945) E A NEUE DEUTSCHE SCHULE*

Jader Rene Cipriani²

No âmbito nacional, Getúlio Vargas dava mostras de que não gostaria de deixar o comando executivo do país e, cinicamente, armou um quadro de terror e ameaças para justificar um golpe de Estado em 1937. O golpe varguista foi denominado de Plano Cohen que, segundo se afirmava, “uma potência estrangeira estaria pronta para invadir o país, com a colaboração de brasileiros traidores, os inimigos internos e invisíveis” (LENHARO, 1986, p. 38). Sob este pretexto, Vargas outorgou uma nova Constituição e iniciou um período político austero e ditatorial.

Com a implantação do Estado Novo, a máquina de propaganda mostrou-se extremamente eficaz no que diz respeito à construção simbólica da imagem de Getúlio Vargas. Explorava-se por meio da propaganda um ufanismo nacionalista, cuja intenção era incutir no imaginário do povo as grandezas e conquistas que poderiam (ou deveriam) ser atingidas pela nação. Como nos afirma Campos (1998, p. 154),

a propaganda totalitária acabou emitindo imagens, usando metáforas, figuras de linguagem que criaram mitos em torno da unidade, do todo harmônico, do líder superior e carismático. [...] O mito faz retornar à origem, rememorar o passado, presentificando o que parece ser o caminho do acerto ou fazendo esquecer. [...] Nesse sentido é que a temática da unidade, do destino comum dos povos, pode ser pensada num plano de construção mítica, constituída numa rede de imagens e símbolos, de uma vontade de unir, fundir a sociedade, num plano

* Continuação do capítulo anterior.

** Mestre em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau. O presente estudo faz parte da dissertação intitulada “Escola Normal Pedro II (1940-1950): um estudo sobre a formação de sujeitos”, defendida pelo autor no ano de 2006.

de homogeneidade e coerência, da condenação ao particularismo, e à dissidência. [...] Estas formulações possibilitam a compreensão da brasilidade, enquanto projeção da população direcionada para a integridade do Estado-Nacional, para a criação do Estado-Nação. É uma visão mítica da unidade a ser conquistada, enquanto parte da formação cultural brasileira.

Getúlio Vargas se apresentou como protetor dos trabalhadores e prometeu conduzir a nação rumo ao progresso econômico e ao bem-estar social. A propaganda governamental procurou disseminar a imagem do regime por intermédio de moedas, fotos, selos, placas comemorativas, cartazes, bustos, além de emprestar o nome do Chefe de Estado a grandes instituições, logradouros públicos e a eventos esportivos.

Conforme já citado anteriormente, o rádio era uma das formas mais eficazes de atingir as massas, pois permitia “uma encenação de caráter simbólico e envolvente, estratégias de ilusão participativa e de criação de um imaginário homogêneo de comunidade nacional” (LENHARO, 1986, p. 40-41). Getúlio Vargas reconhecia que fazer uso desse veículo de comunicação era uma das maneiras mais vantajosas e significativas de realizar uma educação cívica e informadora das diretrizes de seu governo. Apregoava-se, constantemente, a necessidade de construir um novo homem brasileiro e, conseqüentemente, um novo país. Para que tal objetivo fosse alcançado, o Estado pretendia reestruturar a educação brasileira, pois entendia que esta poderia servir como um dos instrumentos mais eficazes e diretivos para a “regeneração” do povo brasileiro. Caberia aos educadores a responsabilidade de construir um saber positivo, ordeiro e disciplinado. Contudo, havia uma preocupação, por parte do governo, de que determinadas correntes pedagógicas estrangeiras dominassem a educação nacional. Assim, preocupado em fazer uso da educação como estratégia de legitimação da política autoritária do governo Vargas, em 1936, o Ministro da Educação, Gustavo Capanema, formulou um Plano

Nacional de Educação, dirigido para uma instrução nacionalizadora e averso às influências pedagógicas estrangeiras. Definitivamente, a educação passou a atuar como forjadora de uma nova mentalidade, transformando a escola em palco onde os princípios ideológicos do Estado passariam a ser trabalhados. E este mesmo Estado incumbiu-se de imprimir à instrução pública um cunho intelectual e disciplinador, sobretudo, controlando os “saberes”, tanto da elite dominante, quanto da massa dominada. Defendia que era na construção do “saber” das elites que residia a segurança do regime arbitrado pelo Estado, sobretudo com o objetivo de conseguir incutir-lhes a necessidade do apoio ao governo; já no controle do “saber” das massas, havia a certeza de formar um contingente subjugado, obediente e fiel para com o poder do Estado. Objetivava-se, assim, acima de tudo, criar um homem de bem e útil à Pátria. Aliás, não foram poucas as vezes em que Gustavo Capanema reconheceu a necessidade da guarda e o controle absoluto da educação por parte do Estado, elegendo-a partidária e reprodutora do regime vigente. Na verdade o que Capanema acabou fazendo foi repetir um discurso que seu antecessor, Francisco Campos, considerado pelo primeiro como uma espécie de “mentor político”, já fizera anteriormente. Ou seja,

o projeto fascista, idealizado por Francisco Campos [...] apresentava os fundamentos de uma proposta baseada na substituição do Estado liberal democrático pelo Estado totalitário. Campos requisitava o fim da neutralidade, defendendo um Estado de ideais com competência para integrar as massas. A construção da nacionalidade constituiu ainda uma outra linha de pensamento das questões educacionais, a qual já vinha aparecendo como uma preocupação desde o início do século. Foi durante o Estado Novo, contudo, que essa tendência adquiriu força para instituir medidas mais enérgicas contra a influência estrangeira. Isso porque o Estado forte, centralizado, não poderia admitir a coexistência com a diversidade de culturas. (LIMA, 1999, p. 76).

Com o golpe de Vargas e a implantação do Estado Novo em

1937, Nereu Ramos assumiu o cargo de Interventor Federal do Estado de Santa Catarina. Aproveitando-se do período ditatorial em que o país se encontrava, e respondendo aos interesses do Plano Nacional de Educação, Nereu Ramos iniciou uma rigorosa campanha nacionalizadora, principalmente a partir de 1938, dando sequência ao projeto iniciado por seu pai, Vidal Ramos, ex-Governador do Estado (1910-1914). O que podemos observar é que mesmo com todas as leis até então sancionadas que procuraram realizar o “abrasileiramento” da população, continuavam prevalecendo focos de resistência contra a implementação da língua portuguesa. Frotscher (1998, p. 29) afirma que,

à medida que as relações de poder dominante viram-se crescentemente ameaçadas pela afirmação de práticas autônomas dos teuto-brasileiros (alemães), a imigração tornou-se incômoda. Quando o que estava em causa era a brasilidade, os imigrantes e seus descendentes nascidos no Brasil tornaram-se um problema.

Uma das formas de resistência se dava com o permanente uso da língua alemã na comunidade e nas próprias escolas. Nestas, a maioria das aulas eram ministradas no idioma alemão, sobretudo, com o conteúdo programático preferencialmente relacionado à Alemanha. Aliás, a maioria das escolas particulares utilizava-se de material didático oriundo do país germânico como mapas, tabelas, livros-textos, entre outros. Alguns estabelecimentos de ensino possuíam pequenas bibliotecas contendo um acervo, na sua maioria, em língua alemã. Este material poderia geralmente ser “encomendado por um professor junto a uma sociedade alemã, como a ‘Sociedade Colonizadora Blumenau’, que recolhia fundos em Berlim para enviar o material ao Brasil” (CAMPOS, 1998, p. 243). Diga-se de passagem que eram essas mesmas sociedades que se encarregavam, nos primeiros tempos, de contratar professores na Alemanha para virem ao Brasil a fim de prestarem seus serviços educacionais, bem como de pagar seus vencimentos.

Tal situação justifica o porquê de muitas escolas fazerem uso irrestrito do currículo de ensino alemão, pois, conforme foi citado anteriormente, os educadores que para cá vieram estavam acostumados a trabalhar com ele em seu país de origem. De acordo com o exposto, João Roberto Moreira afirma que “a falta de conhecimento do idioma nacional por parte de gente nascida no Brasil tornou-se fato comentado pela imprensa de todo o país. Por isso, tanto o Governo Federal como o Estadual se preocuparam mais intensamente com o problema” (MOREIRA, 1954, p. 23).

Apesar de realizar um trabalho marcante no que diz respeito à nacionalização do ensino de Santa Catarina, o professor Orestes Guimarães, no período em que esteve à frente do primeiro projeto nacionalizador, entendia que se poderia vir a alcançar êxito nesse intento se ocorresse uma assimilação cultural progressiva na zona de imigração. Entretanto, pelo que se pôde perceber, mesmo com todos os esforços empreendidos pelo governo, o resultado não foi o esperado. Desse modo, o Interventor Federal Nereu Ramos empreendeu uma agressiva campanha nacionalizadora, objetivando realizar uma assimilação cultural coercitiva nas regiões de colonização estrangeira. Ficava proibido o uso de nomes estrangeiros em sedes, núcleos, estabelecimentos escolares, ou outros, que recebessem auxílio ou favores do Estado ou do Município. Se de alguma forma a escola exibisse uma denominação que não fosse em língua nacional, o decreto previa a pena de fechamento da mesma (SANTA CATARINA, 1938a). Jornais e periódicos em língua alemã, sociedades esportivas e recreativas, clubes e escolas sofreram sérias restrições que, em muitos casos, resultaram em seu fechamento. No caso de Santa Catarina o impacto sentido foi deveras significativo, pois, até o ano de 1937, “havia no estado 661 escolas particulares, com 25.300 alunos, a maioria situada nas zonas de colonização alemã” (GAERTNER, 2004, p. 102). Logradouros e praças públicas que receberam denominação no idioma alemão tiveram que ser

obrigatoriamente renomeados (BLUMENAU, 1942). Qualquer veiculação da germanidade passou a ser proibida.

Com o propósito de estabelecer um controle e uma maior vigilância na região imigrante, por solicitação do próprio Interventor Federal, foi transferido da cidade de Valença (Rio de Janeiro) o 32º Batalhão de Caçadores, que daria início à construção do quartel que ainda hoje continua em funcionamento no município de Blumenau, porém, atualmente denominado de 23º Batalhão de Infantaria. A base do corpo da tropa estava “composta por elementos heterogêneos selecionados pela 1ª Região Militar, com sede no Rio de Janeiro, a partir de critérios especiais para a situação: luta contra possíveis inimigos localizados no Sul” (FIORI, 2001, p. 52). Constituído de pessoas inteiramente estranhas à região, esse agrupamento militar chegou a Blumenau em 11 de abril de 1939. Uma vez instalados na cidade de Blumenau, coube ainda, ao Batalhão de Caçadores, a proteção da região de uma suposta “ameaça estrangeira”, além de dar início a uma convocação dos primeiros cidadãos do Vale do Itajaí a prestarem o serviço militar neste município. Aliás, convém ressaltarmos, que a prestação de serviço militar obrigatório proporcionou-lhes a condição de inculcar a língua vernácula e o “espírito nacional” nos novos soldados da pátria.

Reportando-nos novamente ao ensino, firmou-se um convênio entre os governos Estadual e Federal para a construção de escolas públicas nas zonas de colonização estrangeira, além da criação de uma Inspeção de Nacionalização do Ensino. Essa inspeção foi criada com o intuito de controlar e fiscalizar as escolas particulares na área de imigração. Dessa forma, passou a existir uma permanente vigilância nas escolas, principalmente no que compete às atividades culturais, característica marcante nos educandários da região. Qualquer atividade cívico-cultural que fosse realizada na escola e/ou associações deveria ter seu programa comemorativo

apresentado antecipadamente ao Inspetor Escolar da Circunscrição, que poderia reprová-lo, ou não, de acordo com as exigências do Departamento de Educação. Outro ponto que trouxe grandes dificuldades para algumas escolas foi a obrigatoriedade do ensino em língua portuguesa, salvo quando se tratasse do ensino de idioma estrangeiro (SANTA CATARINA, 1938b). Esse decreto exigia que a escola particular, caso fosse considerada “estrangeira” pelo Estado, tirasse uma licença do mesmo para que pudesse prestar seus serviços educacionais. O Decreto-lei nº 88 de 31 de março de 1938, em seu artigo 8º e parágrafo único, estabelecia que os mapas, estampas, emblemas, tanto nas salas de aula, como em qualquer outra parte do prédio escolar, não poderiam perder o característico de brasilidade, além da obrigatoriedade de colocar a Bandeira Nacional em lugar de destaque em todas as salas do estabelecimento.



Sala de Aula – no centro, a bandeira nacional.

Fonte: ESCOLA NORMAL PEDRO II. **Relatório:** apresentado pelo Inspetor Arão Rebelo para a classificação do Ginásio da Escola Normal Pedro II de Blumenau. Blumenau, 1947. Acervo da E.E.B. Pedro II.



Gabinete do Diretor Geral **Fonte:** Escola Normal PedroII. **Relatório:** apresentado pelo inspetor Arão Rebelo para a classificação do Ginásio da Escola Normal Pedro II de Blumenau. Blumenau, 1947. Acervo da E.E.B. Pedro II.

O controle atingiu até mesmo o livro didático das crianças, pois, com um novo decreto, foi normatizado o material que seria utilizado no ensino primário. Não foram poucas as oportunidades em que o Ministro da Educação Gustavo Capanema expôs sua posição quanto a esse assunto através de artigos em jornais ou mesmo em discursos políticos. Criticava e fazia denúncias com o intuito de manter em alerta as demais autoridades políticas ligadas à educação dos seus respectivos Estados, apontando os livros didáticos como “ferramentas” aparentemente inofensivas, mas que poderiam vir a ser utilizados como elementos de desagregação nacional e corrompedores da juventude, caso fossem considerados impróprios pelas autoridades competentes. Dessa forma, as publicações que fossem, porventura, utilizadas nas escolas, deveriam previamente ser analisadas e aprovadas pelo governo estadual e/ou federal (BRASIL, 1938).

As inúmeras exigências que foram recaíndo sobre os estabelecimentos de ensino, resultaram no fechamento de vários deles, que não conseguiram se adequar às novas normas impostas pelo governo.

Ernesto Emmendoerfer chega a afirmar que naquele momento cerca de 200 estabelecimentos educacionais foram obrigados a cessar suas atividades específicas (EMMENDOERFER, 1950, p. 295). Com a criação da Superintendência Geral do Ensino e da Inspeção Geral de Escolas Particulares e Nacionalização do Ensino, a fiscalização foi intensificada. Vetou-se o uso da língua italiana e, sobretudo, da alemã, proibindo-se a denominação de escolas, ruas, praças, estabelecimentos comerciais e industriais naqueles idiomas. As autoridades exerceram, também, um controle austero sobre a entrada e circulação de jornais, livros, revistas e impressos que, porventura, fossem publicados no idioma alemão. Bastava estar escrito neste idioma para ser considerado perigoso e, logo depois, apreendido. Em regiões de imigração alemã, chegou-se ao ponto de exercer um controle sobre as correspondências. No caso do município de Blumenau, a permanente fiscalização acabou resultando no fechamento gradativo da grande maioria das escolas particulares.

O governo estadual assumiu a responsabilidade com o povo catarinense de transformar as chamadas escolas “estrangeiras” em escolas públicas, bem como de construir novas instituições educacionais para suprir a grande demanda estudantil, oriunda dos diversos pequenos educandários da região. O Estado havia se comprometido a, no lugar de cada escola fechada, imediatamente, instalar outra, pública. Porém, pelo que se pôde observar, essa medida definitivamente não foi cumprida em sua totalidade.

A “Neue Deutsche Schule”, que era considerada uma escola modelo na região, acabou também atingida pelas intolerantes normas do governo. O Diretor da escola, Ludwig Sroka, foi demitido, bem como outros professores de nacionalidade alemã. Por esse motivo, no final do ano de 1938, respondendo às exigências da lei, a Sociedade Escolar (pais, professores, direção, autoridades da região) se reuniu e resolveu reformular os estatutos do educandário (BLUMENAU, 1938). O resultado dos

encontros fez com que a escola deixasse de se chamar “Neue Deutsche Schule” e passasse a se denominar “Escola Particular Dom Pedro II”. Da mesma forma, o diretor que passaria a responder pela instituição educacional, a partir daquele instante, seria o professor Rodolfo Gerlach.

2.4 A ESCOLA PARTICULAR DOM PEDRO II

A política desencadeada por Nereu Ramos quanto às questões referentes à educação e escolarização em Santa Catarina nas décadas de 1930 e 1940 buscou atingir diretamente a população, educando “seu corpo e sua mente, disciplinando hábitos e comportamentos” (CAMPOS, 2000, p. 149). Nesse sentido, convinha exigir que os professores estivessem integrados ao Estado Novo, manifestando, para tanto, um claro espírito de colaboração, pois, do contrário, poderiam vir a sofrer penalidades. Nereu Ramos passou a investir sobre uma vigilância que se centrou na própria sala de aula, ou seja,

passou-se a observar mais de perto a prática cotidiana do professor junto aos alunos no que se referia não só os conteúdos ministrados, mas também na forma como esses eram transmitidos, nas atividades desenvolvidas e na disciplina escolar (CAMPOS, 1998, p. 109).

Desse modo se percebe o quão difícil se tornou a prática docente em Santa Catarina, pois foi necessário que se aprendesse a conviver com o medo e a desconfiança. O uso da polícia como meio de aterrorizar e calar as vozes dissidentes foi utilizado de forma ostensiva pela Interventoria. Não era raro policiais visitarem estabelecimentos educacionais ou mesmo assistirem às aulas de professores considerados “suspeitos”. Denúncias se tornaram corriqueiras e qualquer dúvida, por menor que fosse, sobretudo em área de colonização imigrante, era caso para se conduzir determinadas pessoas para serem interrogadas.

No que diz respeito à escola pesquisada, já nesse momento com uma Diretoria renovada e obrigada a se mostrar disciplinada quanto às exigências nacionalizadoras do governo, deu-se início às atividades educacionais no ano de 1939, na agora já denominada Escola Particular Dom Pedro II. A direção do educandário procurou de imediato revisar todo o material de ensino como mapas, slides, painéis, revistas, deles retirando qualquer referência à língua alemã. Da mesma forma, a biblioteca passou por ampla reformulação quanto às obras existentes nesse idioma. A documentação escolar, que até então vinha ainda sendo redigida por muitos professores em alemão, também passou a ser traduzida para o português, respondendo às exigências do Estado. A língua portuguesa passou a ser rigorosamente usada por todas as pessoas que compunham o universo escolar.

Também é possível constatar nesse período certo retraimento na matrícula das escolas públicas. De acordo com Emmendoerfer (1950, p. 297), o número de alunos matriculados em todas as escolas do Estado, no ano de 1937, era de 117470. Já em 1938, esse número cairia para 107270. Mesmo que o governo tivesse realizado investimentos vultosos na educação elementar, construindo ou utilizando escolas que anteriormente foram estabelecimentos particulares, o que se pôde constatar na região de Blumenau foi uma espécie de “êxodo” do alunado das escolas públicas, ano após ano. Segundo Rosinéte Gaertner, muitas famílias, principalmente as de maior recurso e que andavam descontentes com o que vinha acontecendo com o educandário pesquisado, “retiraram seus filhos da ‘nova escola’, encaminhando-os para outros estados; outros optaram pelas escolas religiosas católicas: Colégio Santo Antônio (meninos) ou Colégio Sagrada Família (meninas)” (GAERTNER, 2004, p. 105).

Incansável na busca da nacionalização do ensino catarinense, o governo resolveu baixar um novo decreto-lei (SANTA CATARINA, 1939).

Por intermédio deste, exigia-se a obrigatoriedade do ingresso e frequência das crianças que tinham entre 8 a 14 anos de idade e que morassem num raio de três quilômetros do estabelecimento escolar. Efetivava-se essa obrigatoriedade por meio de uma carteira de quitação escolar, sem a qual, mesmo os solteiros, não poderiam praticar nenhum ato em repartição pública estadual. O Interventor Federal passou a obrigar os professores das escolas isoladas, bem como os Diretores de grupos escolares, a enviarem por escrito aos seus respectivos superiores, que respondessem pela região onde se localizasse o educandário, a lista completa com os nomes dos pais que, porventura, não tivessem procedido à matrícula de seus filhos. “Multas foram estabelecidas para aqueles que ministrassem ensino primário ou pré-primário individual ou a domicílio. Qualquer pessoa que cedesse sua residência para este fim ficaria sujeita à mesma penalidade” (CAMPOS, 1998, p. 109). A intolerância chegou a tal ponto, que mesmo “as faltas às aulas, desde que não justificadas nas condições estabelecidas pelo decreto, eram punidas com multas em dinheiro. Igualmente punidos seriam os que, por atestados falsos ou por outros meios, contribuíssem para subtrair crianças à ação da escola”, observa Moreira (1954, p. 40). Mesmo com toda pressão que vinha da capital do Estado, algumas famílias ainda continuavam resistindo à instrução pública, burlando a fiscalização e oferecendo aos seus filhos a chamada educação em domicílio, onde professores eram contratados para lhes ensinarem as primeiras letras.

Nesse cenário que se instalou era possível perceber o mal-estar que a interventoria federal criou em Blumenau com as incisivas leis que atingiam diretamente essa região e que acabavam proporcionando uma forte aversão aos políticos ligados ao projeto nacionalizador. Nesse sentido, não foram poucas as visitas de autoridades que ocorriam na cidade com o claro objetivo de aumentar ou recuperar sua popularidade. Das inúmeras visitas que Blumenau recebeu nesse período, destacamos a de Getúlio Vargas que,

acompanhado do Interventor Federal do Estado, Nereu Ramos, em 1940, proferiu discursos e participou de cerimônias, desfiles e festas.

Com o passar do tempo as dificuldades em dar continuidade à administração da escola vão ficando cada vez mais visíveis. Problemas financeiros, perda de alunos, fiscalização intensiva do governo são alguns pontos que justificam o momento vivido pelo estabelecimento. Mesmo sabendo que nessa disputa travada entre as escolas particulares e o governo esse último estava levando ampla vantagem, o estado procurou não esmorecer e continuou atento em sua empreitada nacionalizadora. Já a partir de 1942, com o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), a campanha nacionalizadora de Nereu Ramos intensificou-se ainda mais, pois agora, de fato, tínhamos inimigos declarados oficialmente. Convém mencionarmos uma entrevista que tivemos a oportunidade de realizar com uma ex-professora que trabalhou no magistério blumenauense no início da década de 1940. Nascida em Florianópolis e tendo realizado o Curso Normal naquela cidade, a educadora foi designada a vir exercer sua docência em Blumenau, chegando a este município justamente no período de decurso da Segunda Guerra Mundial. Iniciou sua carreira no magistério lecionando no Curso Primário da Escola de Educação Básica Luiz Delfino¹, no ano de 1943, tendo permanecido no mesmo estabelecimento até o ano de 1950. Mais tarde a professora foi transferida para o “Pedro II”, onde trabalhou no mesmo curso entre os anos de 1950 a 1955. Julgamos ser relevante o seu depoimento, sobretudo, as suas impressões sobre o período nacionalizador em questão.

“Nós, professoras, viemos para Blumenau com a recomendação de nacionalizar, porque estávamos na época da guerra com a Alemanha e não podíamos deixar falar o alemão, principalmente nas escolas. E era um

¹ Essa escola foi criada pelo Decreto n° 614 de 12 de setembro de 1911. Porém, sua instalação se deu apenas em 31 de dezembro de 1913 (SANTA CATARINA, 1911).

trabalho, porque as crianças entravam com sete aninhos e quase só sabiam falar o alemão. Logo no começo, a gente já tinha que aplicar um teste para colocá-las no primeiro ano. Era um teste que agora não me lembro mais o nome, mas muito famoso na época. Para aplicá-lo, mostrávamos, por exemplo, a figura de uns rapazes, e elas só diziam aquilo em alemão, mostrávamos uma figura com uma maçã, e elas diziam em alemão. Era um trabalho... Olha, vou te dizer, foi duro. Entravam na escola, para o primeiro aninho e quase todos elas só falando alemão, alemão, alemão. E a gente tinha que levar aquilo para não deixar falar o alemão. Desbravando, desbravando, devagarzinbo, depois de três, quatro, cinco meses eles já estavam falando o português [...] Tínhamos que fazer com que aprendessem o português, que falassem só o português. O Getúlio Vargas já tinha dado esse grito de nacionalização, foi ele que começou. Então nós não poderíamos deixar falar o alemão nas salas, em hipótese alguma. Tinha que ser tudo em português. [...] E fomos nós que contribuimos para estas mudanças em poucos anos. Aliás, na verdade, o Getúlio Vargas e o Nereu Ramos. Mas, se não tivesse sido feito isto, nós não teríamos nacionalidade, não teríamos conseguido. Eles foram direto, eles começaram pelas escolas [...]"².

Visto o quadro político de guerra em que o país se encontrava, a verdade era que se vivia um momento de lutas de identidade entre os chamados “brasileiros” e os “não-brasileiros”. Nesse sentido, a questão idiomática tornou-se central, seja em sua forma falada, seja em sua forma escrita. Segundo Neide Almeida Fiori, observa-se que esses “tempos de guerra eram muito propícios aos delatores luso-brasileiros e, surpresa, os próprios integrantes da etnia perseguida, assumirem esse papel (de delatores) visando agradar às autoridades brasileiras e assim ‘subir na vida’” (FIORI, 2001, p. 55).

As autoridades estabeleceram que a não utilização do idioma português passaria a ser considerado um ato de traição à nação brasileira. Além disso, dependendo do idioma estrangeiro que viesse a ser pronunciado, isso qualificaria o cidadão como nazista (se falasse o alemão) ou fascista (se o idioma fosse o italiano). As denúncias foram constantes. A vida pública, assim como a privada, passou a ser fiscalizada pelo poder do Estado.

² Entrevista concedida ao autor em 13 de novembro de 2005.

Residências, casas comerciais, igrejas, clubes, associações, festas populares, além das próprias escolas, passaram a conviver com o olhar vigilante e constante do Estado.

Desde a chegada de Getúlio Vargas ao poder em 1930, até o início da década de 1940, a Escola Particular Pedro II, por mais que se esforçasse, não estava mais conseguindo se articular como outrora, enfrentando dificuldades cada vez maiores para se “alinhar” às exigências da nova legislação imposta pelo Departamento de Educação. A Sociedade Escolar procurou juntar forças para manter a instituição independente (particular), para que as diretrizes do estabelecimento pudessem continuar sendo tomadas e dirigidas pela comunidade. No intuito de conseguir encontrar uma alternativa para superar a crise que vinha se instalando, no dia 1º de maio de 1942, a Sociedade Escolar anunciou uma convocação aos seus associados. O grande objetivo da diretoria era colocar seus sócios a par da real situação em que a escola se encontrava, as dificuldades em conviver com a nova legislação que então vigorava, além de todos os problemas de ordem administrativa e financeira que o estabelecimento estava atravessando. Após sucessivas discussões, finalmente se chegou a um acordo: para que o educandário continuasse oferecendo seus serviços, dever-se-ia entregá-lo à tutela do Estado. Desse modo, a partir do dia 13 de junho de 1942, quem passou a responder oficialmente pela escola foi o Interventor Federal do Estado de Santa Catarina (SANTA CATARINA, 1942a).

A entrega desse patrimônio causou grande comoção e protestos por parte da comunidade escolar. Sabendo da repercussão que esse fato causou na cidade e, sobretudo, considerado o maior culpado pelo desenrolar dos acontecimentos, Nereu Ramos procurou amenizar a situação prometendo transformar o estabelecimento de ensino num moderno e amplo Grupo Escolar. Resultado de alto investimento, os Grupos Escolares eram considerados instituições inovadoras no sentido de agrupar diversas

classes de alunos com diferentes níveis de adiantamento sob uma única direção. Eram interpretados como estabelecimentos de ensino capazes de permitir que se aumentasse substancialmente a matrícula nas escolas públicas. A partir desse modelo, foram-se encontrando cada vez menos escolas com poucos alunos e um só professor. Pelo menos esta era a realidade nos centros urbanos mais expressivos de Santa Catarina. Os Grupos Escolares foram instalados no perímetro urbano e também nas respectivas zonas suburbanas, distribuídos conforme as necessidades locais. No caso de Blumenau, Nereu Ramos prometeu na ocasião em que o educandário passou para tutela do Estado que, temporariamente, o prédio do “Pedro II” continuaria oferecendo seus serviços educacionais, mas que não tardaria para que suas instalações fossem ampliadas, uma vez que existiam terrenos próximos suficientes para expandi-lo. Aliás, a dimensão mais expressiva do prédio, bem como da própria área que compõe o estabelecimento, era outra característica marcante dos Grupos Escolares.

No que compete à direção do educandário, também ocorreram mudanças nesse período de transição de estabelecimento particular para o público. Rodolfo Gerlach, que até então respondera pela escola particular, veio a ser substituído pelo professor Orlando Ferreira de Melo (1945-1946). Mais tarde Zuleika Mansani (1946-1947) passou a dirigir a escola, porém, por um período bastante reduzido. Uma vez que o estabelecimento blumenauense de ensino foi incorporado pelo Estado, este passou a se denominar Grupo Escolar Pedro II (SANTA CATARINA, 1942a) e, anexo à instituição, foi criado o Curso Complementar (SANTA CATARINA, 1942b).

De acordo com a legislação, o Grupo Escolar exigia quatro anos de curso de seu alunado, com uma atenção especial para o último ano. No caso, o quarto ano era dividido em três seções: 1^a) Leitura, Linguagem Oral, Linguagem Escrita e Desenho; 2^a) Aritmética e Noções de Ciências;

3ª) Geografia, História, Educação Cívica e Trabalhos Manuais. Os alunos da citada série deveriam frequentar o orfeão e receber aulas de Educação Física. Vale destacar que o Departamento de Educação poderia intervir nessa ordem, caso fosse considerado necessário (SANTA CATARINA, 1938c).

Conforme já mencionado, um dos grandes problemas que o governo enfrentava era a falta de alfabetizadores da língua nacional. Aliás, essa foi a principal razão para que se criasse o Complementar, ou seja, um curso que buscava “preparar futuros professores para lecionarem nas zonas de imigração” (MOREIRA, 1954, p. 38). Inclusive, por um bom tempo, o citado curso foi considerado o equivalente ao Curso Normal. Verificamos que o Complementar apresentava uma grade curricular abrangente e que contemplava as disciplinas que se seguem: Português, Francês, Matemática, Ciências Físicas e Naturais, Desenho, Geografia Geral e do Brasil, História da Civilização e do Brasil, Trabalhos Manuais, Educação Física e Música.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos nesse primeiro capítulo as dificuldades que foram sendo encontradas pelos imigrantes europeus para poderem oferecer instrução escolar aos seus filhos. Soma-se a isto o descaso e a marginalidade do poder público tanto na esfera federal como estadual em atender condignamente o interior de Santa Catarina, notadamente, o Vale do Itajaí. Após a superação das dificuldades que foram se apresentando para a população local no decorrer do processo de expansão das escolas particulares, Blumenau e região passam a ser alvo das arbitrariedades jurídicas do governo estadual que já no começo do século XX vinham se abatendo sobre a zona imigrante por meio de sucessivas leis que visavam nacionalizar a população imigrante.

Nesse sentido, nota-se que as escolas particulares se transformaram nos principais alvos para esse tipo de ação política e, a Escola de Educação Básica Pedro II acabou passando por situações extremamente adversas que quase resultaram no fechamento do educandário. A repressiva legislação foi ainda mais reforçada com o advento das guerras mundiais, irrompendo, sobremaneira, no governo do Estado Novo, uma campanha nacionalizadora do ensino como jamais se havia visto antes. As dificuldades em manter a instituição de ensino sob uma administração particular foram tão extremas que para continuar oferecendo seus serviços não restava outra alternativa a não ser transferir o controle da instituição escolar ao governo estadual.

Estava feito. A partir de agora quem responderia pela instituição seria o Governo do Estado de Santa Catarina. A população esperava ansiosa pelas promessas realizadas pela interventoria quanto a transformação de uma escola mais preparada e qualificada para atender às necessidades do alunado blumenauense e, conseqüentemente, da região. Comentários entre a comunidade escolar davam conta de que o educandário poderia vir a se transformar em um Instituto de Educação, contribuindo, sobremaneira, na dificuldade que se tinha em suprir as escolas locais com professores mais qualificando e, entenda-se, “nacionalizados”. Portanto, a pergunta que ficou foi: será que teremos um Instituto de Educação em Blumenau? Como será esta instituição? O que ela poderá oferecer ao alunado?

REFERÊNCIAS

BARRETO, Cristiane Manique. **Entre Laços e Nós: Formação e atuação das elites no Vale do Itajaí (1889-1930)**. 1997. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

BLUMENAU. Estatutos da Sociedade Escolar Pedro II. **Cidade de Blumenau**. Blumenau, 08 nov. 1938. Ano XV, n. 18, p. 03.

_____. **Decreto-lei n. 68**, de 18 de agosto de 1942. Blumenau, 1942.

BRASIL. **Decreto-lei n. 1.006**, de 30 de dezembro de 1938. Rio de Janeiro, 1938.

CAMPOS, Cynthia Machado. **A política da língua na Era Vargas**: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil. 1998, Tese (Doutorado em História, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Agosto de 1998.

_____. As intervenções do Estado nas escolas estrangeiras de Santa Catarina na Era Vargas. In: BRANCHER, Ana (Org.). **História de Santa Catarina**: estudos contemporâneos. 2. ed. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2000.

EMMENDOERFER, Ernesto. O ensino particular em Blumenau. **Centenário de Blumenau**: 2 de setembro – 1950. Blumenau: [s.n.], 1950.

FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre ontem e amanhã**: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX. Itajaí. UNIVALI, 2000.

FIORI, Neide Almeida. Corporação militar e rumos da educação brasileira: o exército e a escola nos tempos do Estado Novo. **Blumenau em Cadernos**. Blumenau. Fundação de Cultura. Tomo XLII, n. 07/08, p. 37-65, Jul./Ago. 2001.

FROTSCHER, Méri. A visita de Getúlio Vargas a Blumenau em 1940 e seus significados. **Blumenau em Cadernos**. Blumenau. Fundação de Cultura. Tomo XXXIX, n. 11/12, p. 27- 45, Nov./Dez. 1998.

GAERTNER, Rosinète. **A matemática escolar em Blumenau (SC) no período de 1889 a 1968**: da Neue Deutsche Schule à Fundação Universidade Regional de Blumenau. Rio Claro. 2004. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista.

KORMANN, Edith. **Blumenau**: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985). Vol. 2, Florianópolis: Paralelo 27, 1994.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas. Papirus, 1986.

LIMA, Ana Laura Godinho. **De como ensinar o aluno a obedecer**: um estudo dos discursos sobre a disciplina escolar entre 1944 e 1965. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

LUNA, José Marcelo Freitas de. **O português na escola alemã de Blumenau**: da formação à extinção de uma prática. Itajaí: UNIVALI; Blumenau: FURB, 2000.

MOREIRA, João Roberto. **A educação em Santa Catarina**: sinopse apreciativa sobre a administração, as origens e a difusão de um sistema estadual de educação. [s/l.]: MEC/ INEP, 1954.

SALES, Joaquim de. **Guia de Blumenau**. Prefeitura Municipal de Blumenau, Blumenau, 1954.

SANTA CATARINA. **Decreto n° 614**, de 12 de setembro de 1911. Florianópolis, 1911.

_____. **Lei n. 1.187**, de 05 de outubro de 1917. Florianópolis, 1917a.

_____. **Decreto n. 1.063**, de 08 de novembro de 1917. Florianópolis, 1917b.

_____. **Lei n. 1.283**, de 15 de setembro de 1919. Florianópolis, 1919.

_____. **Decreto n. 1.322**, de 29 de janeiro de 1920. Florianópolis, 1920.

_____. **Decreto-lei n. 35**, de 13 de janeiro de 1938. Florianópolis, 1938a.

_____. **Decreto-lei n. 88**, de 31 de março de 1938. Florianópolis, 1938b.

_____. **Decreto-lei n. 244**, de 08 de dezembro de 1938. Florianópolis, 1938c.

_____. **Decreto-lei n. 301**, de 24 de fevereiro de 1939. Florianópolis, 1939.

_____. **Decreto-lei n. 668**, de 06 de agosto de 1942. Florianópolis, 1942a.

_____. **Decreto n. 2.747**, de 12 de agosto de 1942. Florianópolis, 1942b.

SILVA, José Ferreira da. **História de Blumenau**. 2. ed. Blumenau: Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1988.



ENTREVISTA COM TESOURA JÚNIOR

TESOURA JÚNIOR¹

Altair Carlos Pimpão

Nascido em Goiás, teve participação na Revolução Constitucionalista de 32, foi funcionário da SUCAM (Erradicação da malária), radialista, locutor esportivo no Programa “Marcha do Esporte”, da Radio Clube de Blumenau por muitos anos.

T.J. - Tesoura Júnior (Entrevistado)

A.C.P. - Altair Carlos Pimpão (Entrevistador)

A.C.P. - Bom dia, ouvintes! Estamos aqui como em todos os sábados, das 10:00 às 12:00, trazendo uma personalidade da nossa comunidade para o “**Fale Alto**”, pela **UNISUL**. E no programa de hoje, trazemos um homem, que para nós é o “Papa” do esporte catarinense, porque foi um homem que acompanhou a evolução do esporte, do futebol, do esporte amador e do esporte profissional da nossa terra, Tesoura Júnior. Bom dia!

T.J.- Bom dia, Altair. Bom dia, ouvintes da Unisul. Com muito prazer estou aqui atendendo o seu convite e ao mesmo instante agradecido, porque a gente observa que amigos são aqueles que não esqueceram dos que já passaram para a inatividade.

A.C.P. - Tesoura Júnior é um nome que qualquer um que acompanha o esporte conhece. São os mais idosos, não aqueles garotos de hoje que não acompanharam seus comentários, lembram perfeitamente da Marcha do Esporte, dos seus comentários que

* Acervo Memória da Cidade: Entrevista n° 34 – HOF.

derrubavam técnicos, diretorias e mais. Se aqui falássemos em Vitorino Cândido da Silva, o pessoal era capaz de...

T.J.- Não conhecer?

A.C.P. - Quem será Vitorino Cândido da Silva? É esse o nome completo?

T.J.- Sim. São poucas as pessoas que conhecem esse nome. Lá fora, naturalmente os familiares e uma ou outra pessoa se privam adjetivamente comigo, mas o que prevalece mesmo é o Tesoura Júnior, acho que em todo canto.

A.C.P. - Por que você teve esse nome “Tesoura Júnior”? Seu pai também era Tesoura?

T.J.- Não. Esse pseudônimo nasceu e foi criado por mim mesmo, porque o rádio naquela época, pelos idos de 1946, capengava muito ainda, era muito limitado e as programações de esportes, ou melhor dizendo, a programação esportiva, porque só havia a Rádio Clube aqui, naquela época, se limitava mais aos elogios, talvez merecidos. E eu acompanhando o Chefe do Esporte daquela época que era o Pereira Júnior.

A.C.P. - Pereira Júnior, falecido Pereira.

T.J.- Sim, nosso grande amigo, que por sinal, tenho a voz dele gravada comigo até hoje. Achava aquilo esquisito, que não estava direito e precisava haver a crítica também, porque só elogio a pessoa se acomoda, pensa que está tudo bem e não está. Mas não querendo me identificar, infiltrava-me nos meios esportivos; comecei a escrever os comentários e notas com este pseudônimo e combinei com o Maneca. Não conte à ninguém.

A.C.P. - Não contar a ninguém que era o Tesoura?

T.J.- Sim, porque o pessoal não era para saber. Chegava-se num lugar e

eles estavam falando coisas..., “Cale a boca!” “Não fale mais nada”. Então começaram os comentários sobre o Tesoura. E foi assim, até que em 1949, o Grêmio Esportivo sagrou-se campeão do Estado e o Maneca então pediu, aliás, logo após a conquista do título de campeão do estado, que o Arthur fosse o ecônomo do clube.

A.C.P. - Grande figura!

T.J.- Ele era o zagueiro do Olímpico, só que era o reserva daquela época. Parelha de beque de 49 era o Arthur e Aresso. Arthur era o reserva e ele se dispôs parar com o futebol para tornar-se corpo do Grêmio Esportivo Olímpico, e realmente parou. Assumiu a sede, tratando aquilo tudo muito bem. E o Maneca querendo homenageá-lo, disse-me para fazer uma entrevista com o Arthur. Então fui à tarde no Olímpico, conversei com ele, fiz todas as perguntas e anotei-as. No outro dia ele escutou o comentário do Maneca. Eu escrevia e o Maneca lia, então ele desconfiou e disse: “O Tesoura é esse danado que estava aqui no nosso meio e a gente não sabia.” E começou a contar que todos queriam saber quem era o Tesoura, e eu sabia. Às vezes perguntavam para mim: “Você não sabe quem é o Tesoura?”. Eu dizia: “Não. É um sujeito misterioso, não sei quem é ele.”

A.C.P. - Porque você não iria para a latinha, você só escutava!

T.J.- Não, só escrevia. E o Arthur disse: “Olha! Só pode ser ele.” À tarde, cheguei lá e ele já brincando comigo, rindo e dando de dedo para mim: “É você, seu miserável, o Tesoura!”. Eu disse: “Não, não sou.” “Não, é você sim. Tudo o que lhe contei ontem, saiu hoje no rádio ao meio-dia no Programa do Maneca.”

A.C.P. - Ficou revelando?

T.J.- Começou a espalhar para a turma. Não teve mais jeito. O Maneca

confirmou que era realmente eu e ficou assim. Quando a Nereu entrou no ar em 58, é que o Sadi veio, inclusive você também. Ele passou para a Rádio Clube e disse: “Não, Tesoura sozinho não dá...”

A.C.P. - Tem que haver sobrenome!

T.J.- Exatamente! “Tesoura e Júnior”. Então era o Tesoura e o Júnior herdando naturalmente do antecessor que era...

A.C.P. - Que ficou o filho de quem escrevia, o comentarista?

T.J.- O Maneca. E ficou “Tesoura Júnior” até hoje.

A.C.P. - Marcou! Você não é de Blumenau, é goiano?

T.J.- Sou. Nasci no Estado de Goiás, em uma cidadezinha bem pequenina, no sudoeste de Goiás, bem na fronteira de Mato Grosso. Antigamente chamava-se Rio Bonito, mas nos anos de 48, 49 mudaram o nome dela e hoje chama-se Caiaponi, porque ali perto passa um rio, por sinal, um rio grande. É muito bom de pesca, para quem gosta de pescar. Chama-se Caiapó, uma zona intensa dos índios Caiapós. Assim, mudaram o nome da cidade. De Caiapó, fizeram o aumentativo Caiaponi e hoje ela tem esse nome meio estrambólico, mas é Caiaponi.

A.C.P. - Rio Bonito era mais bonito?

T.J.- Sim! Inclusive tem uma torre que é uma verdadeira obra da natureza, aquela coisa bonita de longe. Assim era Rio Bonito e mudaram esse nome para Caiaponi, um nome meio indígena, meio atrapalhado.

A.C.P. - Você criou-se em Rio Bonito ou você logo em seguida caiu fora, porque saiu com a família?

T.J.- Não. Estive em Goiás até 1932, quando tinha 16 anos. Nasci em 1916. E em 32, arreventou a Revolução de São Paulo, quando naquela época, estudava música na Polícia Militar do Estado. Meu pai era amigo do governador daquele tempo, aliás, interventor. Em 1930, Getúlio derrubou todos os governadores e colocou homens de confiança dele, os interventores. Meu pai era muito amigo do Dr. Pedro Ludovico Teixeira, falou com ele e disse-me para estudar música na banda da polícia, eu fui. Isso em janeiro, e no dia 09 de julho de 1932, arreventou a Revolução de São Paulo, a Revolução Constitucionalista. As forças de Goiás vieram para Minas, porque Goiás sozinha não poderia tomar um partido, tinha que acompanhar Minas, pois as Forças de Goiás eram muito pequenas, eram só a Polícia Militar e uma Companhia do 6º Batalhão de Caçadores.

A.C.P.- Deslocar um efetivo muito pequeno.

T.J.- Sediado em Pameri. Goiás tinha que acompanhar Minas. A Revolução era para ser feita por Minas, São Paulo e Rio Grande do Sul, mas o Rio Grande e Minas Gerais traíram na última hora. Até um avô do nosso atual presidente, Lindolfo Collor. Ele veio do Rio de Janeiro, chegou a Porto Alegre e convenceu o governador, que naquele tempo era o Flores da Cunha, a ficar do lado do Getúlio. A verdade é que Minas e São Paulo...

A.C.P. - E Goiás, foi junto?

T.J.- Não. Minas e Rio Grande do Sul ficaram do lado do governo, quer dizer, traíram São Paulo, mas este aguentou sozinho e fez a Revolução. As Forças de Goiás vieram para Minas e depois ali foram distribuídas. O nosso setor, por exemplo, não podia vir, pois era de menor. Mas, como o governador era muito amigo de meu pai e o filho dele coma o qual inclusive, estudamos juntos em

Rio Verde, que era o Mauro Borges, que a gente conhece muito de nome, hoje é Senador.

A.C.P. - Senador?

T.J.- Sim, hoje Senador. Mauro Borges que era meu colega de ginásio em Rio Verde. Naquela época eu já morava lá, então falei com ele e disse-lhe: “Mauro, também quero ir, dá um jeito para mim! Mauro falou com o pai dele, Dr.Pedro, “Esse guri não pode.” “Mas ele quer ir.” “Então manda o comandante incluir.” Assim fui incluído.

A.C.P. - Voluntário.

T.J.- Sim. O comandante da 1ª Companhia à qual eu pertencia, inclusive, quis me colocar no xadrez, porque eu fui falar com o governador sem a licença dele.

A.C.P. - Risos.

T.J.- O Comandante do Batalhão Major Benedito Quirino de Souza, disse: “Você está é louco! Nós prendemos esse guri, e amanhã quem está na cadeia somos nós.

A.C.P. - O guri era “assim” com os homens?

T.J.- Então viemos para a Revolução, fizemos a Revolução e de Minas viemos para Mato Grosso. Fizemos o setor de Mato Grosso, terminamos em Três Lagoas. Na volta, em Bauru, entramos em uma loja para fazermos compras de lembranças, e conversando com o filho da dona daquela loja, ele disse: “Também estive naquele grande combate no Rio Quitéria.” Então ele disse: Estou indo para Santa Catarina agora, porque tem uma notícia de que o Consulado francês em Florianópolis está recebendo e aceitando voluntários para a Legião Estrangeira Legião Estrangeira na França, na Argélia, na África.”, coloquei aquilo na cabeça e disse: “Eu vou nessa!”

A.C.P. - “Vou para a guerra.”

T.J.- Vou sim, e fiquei com aquilo na cabeça. Quando chegamos em Uberaba, retornando já, falei com o Comandante e contei a história para ele, e ele disse: “Te dou licença. Vou dar em Boletim a sua baixa, pode ir.” E eu me mandei. Cheguei em Florianópolis e fui aceito, mas tinha o problema da idade. Eu precisava de uma licença do pai, uma autorização. Escrevi para lá todo cheio de esperança e marquei aquela fé de ir para Argélia, para a Legião Estrangeira da França para voltar rico depois de três anos. E meu pai negou isso para mim. Fiquei aborrecido, atordoado e resolvi: “Então não volto para casa.”

A.C.P. - Ficou em Santa Catarina mesmo?

T.J.- Sim, fiquei e fui perambulando. O dinheirinho que tinha acabou e depois fui procurar serviço. Trabalhei em Joinville, depois trabalhei aqui em Blumenau, em seguida fui para São Francisco e voltei. E quando voltei para cá a última vez, já era funcionário federal, estava na Sucam.

A.C.P. - Pensei que você, com esse nome “Tesoura”, tivesse sido jogador de futebol, tivesse vindo aqui para procurar o “Oasis” na época de jogar bola. Então não foi nada disso?

T.J.- Não.

A.C.P. - Muita gente, como eu, pensava isso!

T.J.- É o sentido, é completamente diferente.

A.C.P. - É que tinha o “Tesourinha” que jogava no Grêmio!

T.J.- E aqui em Brusque havia um “Tesoura” também. Jogava no Renaux, era lateral esquerdo.

A.C.P. - Como é a vida! Você pegou o atalho de Santa Catarina para Argélia e por fim não deu certo.

T.J.- Era muito aventureiro, com 16 anos estive na revolução e cheguei com isso a ser repreendido muitas vezes, porque podia ser atingido a qualquer hora, informal até, era afoito mesmo. E quando a gente é novo não tem medo, a gente não sabe o que é isso.

A.C.P. - Você nasceu no Rio Bonito, depois foi morar em Rio Verde, para estudar?

T.J.- Não, nós mudamos para lá.

A.C.P. - A família toda?

T.J.- A família toda se mudou. Meu pai era comerciante. Estava completando o ginásio.

A.C.P. - E quando estourou a Revolução de 32...

T.J.- Não. Em janeiro fui estudar música e em julho arrebentou a Revolução de 32.

A.C.P. - E qual é o instrumento que você iria aprender?

T.J.- Clarinete.

A.C.P. - E não continuou?

T.J.- Não, porque vim para cá e descontrolei completamente.

A.C.P. - Você gostava, ou estudava porque seu pai queria?

T.J.- Não, eu gostava.

A.C.P. - Está quase na hora de começar de novo, vê se você recomeça agora com o clarinete!

T.J.- Inclusive, acordeon eu sapecava, mas depois parei. E hoje em dia nem sei abrir uma sanfona.

A.C.P. - É como máquina de escrever, é prática.

T.J.- Com o tempo, endurece os dedos.

A.C.P. - Então era para você ter sido músico?

T.J.- Acabei sendo radialista. Aliás, um misto. Fui funcionário federal, laboratorista da Sucam muitos anos.

A.C.P. - Você entrou na Sucam em São Francisco?

T.J.- Entrei. Estudei aqui e fiz o curso em Florianópolis, depois fiz um estágio em Piracicaba com um médico Norte-Americano, Dr. Wolker. Esse camarada foi o sujeito mais grosso que já vi na minha vida, mas também de uma inteligência fora de série. Ele tinha servido nas Forças Americanas na Guerra do Sudoeste do Pacífico, no Japão. Naquelas ilhas em que as tropas americanas atuaram, a malária fez mais vítimas do que a própria bala do japonês. Esse médico era do serviço de saúde e ele inventou o sistema de coloração de sangue para os exames de malária que era a última palavra. Terminada a guerra, ele veio para o Brasil e ensinou isso aqui aos laboratoristas da Sucam do Brasil. Estive lá fazendo esse estágio com ele.

A.C.P. - Naquele tempo não era Sucam. Tinha outro nome?

T.J.- Naquele tempo era Departamento Nacional de Divisa, Departamento Nacional de Malária. Depois passou a ser Departamento Nacional de Endemias Rurais, passou para SEM e, finalmente, hoje em dia é Sucam.

A.C.P. - Mas só mudava o nome?

T.J.- Só mudava o nome, mas o serviço era tudo quase a mesma coisa.

A.C.P. - Tinha muita malária aqui, Tesoura?

T.J.- Tinha. Quando instalamos o serviço da malária aqui em 1943, Blumenau era um verdadeiro foco. A malária aqui em Blumenau era muito grande. Tiramos dali umas quatro ou cinco pessoas

que estavam em isolamento como se fosse tifo e na realidade não era tifo, era malária. Eram atacadas pela versão maligna. São três tipos de malária: a benigna, a maligna e tem uma que se chama a quarta, ela dá um dia, falha três, e dá no quarto novamente...

A.C.P. - Há febre?

T.J.- Sim. Então tiramos daqui esses camaradas do isolamento, estavam atacados pela versão maligna que é provocada pelo plasmo de nome falcipano e parecido direitinho com uma “bananinha”. A densidade era muito grande, o serviço da malária chegou aqui e foi lutando, lutando, mas só deu jeito nela mesmo em 1948, quando o governo, através do serviço da malária, mandou derrubar o mato desses morros. Foi feito uma derrubada aqui que você nem imagina: Ponta Aguda, Morro do Aipim, Rua Araranguá, que naquele tempo era Beco Araranguá. Dava impressão que você entrava lá e já saía com ela.

A.C.P. - Mas se tivesse ecologista naquele tempo não tinha acabado com a malária, porque não iriam deixar derrubar as árvores!

T.J.- Não. Já tinha, mas aqui eles não estavam atuando, ficaram mais no Rio de Janeiro, como sempre! Quando vieram para cá, justamente essa parte ecológica do Estado, essa derrubada do mato foi determinada por eles. Mas deu um trabalho danado, o pessoal perdia aqueles matos, aquelas árvores, eles achavam que aquilo estava dando um prejuízo muito grande. Então foi feito um isolamento, uma faixa, por exemplo, do centro da cidade onde tinha a última casa, era derrubada uma faixa de 300 metros, porque o vôo do mosquito anófile não atinge mais que 300 metros a favor do vento. Contra o vento ele não vai tanto, então foi feito esse isolamento.

A.C.P. - Ele encontra-se no mato?

T.J.- Aqui em Blumenau encontravam-se naqueles gravatás, chamados manjolas e cria-se ali. É engraçado, em cada região é um tipo diferente que transmite. Aqui por exemplo é o anofelino pretinho, asinha rajadinha e tal. Esse era o transmissor aqui em Blumenau, mas praticamente não tem mais nada. E fechando essa parte, em 1948 o governo brasileiro importou da Suíça o D.D.T., era o produto tubo.

A.C.P. - Era novidade?

T.J.- Sim. Veio esse D.D.T. e foi aplicado aqui, e que coisa maravilhosa...

A.C.P. - Acabou com tudo!

T.J.- A malária praticamente foi a zero, depois foram modificando e hoje não faz mais aquele efeito que fazia.

A.C.P. - Agora a Sucam continua ativa, porque na minha casa, região da Velha onde moro, era uma região de grande incidência, mas ainda tem um papelzinho pendurado na parede, SUCAM. De vez em quando eles passam e perguntam se ninguém teve febre, etc. Há uma preocupação...

T.J.- Sempre passa um guarda perguntando nas casas se tem alguém com febre, então procuram orientar para procurar um serviço, fazer exames.

A.C.P. - Preventivo?

T.J.- Sim. É um trabalho mais preventivo, porque a parte ativa praticamente não tem mais.

A.C.P. - Então foi o serviço público federal que trouxe você para Blumenau?

T.J.- Exatamente.

A.C.P. - Você não veio procurar emprego em Blumenau, você sempre andou por Florianópolis, Joinville, São Francisco. Queria ser Marinheiro?

T.J.- Sim. Cheguei a andar embarcado, mas pouco. Tirei carteira de Marinheiro na Marinha Mercantil e fiz algumas viagens, mas foram poucas, porque o problema da guerra estava muito evidente.

A.C.P. - Estava demais. A Revolução, guerra.

T.J.- Estavam afundando navios nesta costa que não é brincadeira. Um dia nós íamos fazer uma viagem para Santos, passamos no meio dos destroços de um navio...

A.C.P. - Segunda Guerra.

T.J.- E vimos aquela maderama, aqueles tambores, mas não sabíamos. Quando chegamos em Santos no outro dia, disseram-nos que o Tutóia tinha sido afundado em Paranaguá, por ali.

A.C.P. - Por um submarino alemão?

T.J.- Sim.

A.C.P. - Você, nessas alturas do campeonato disse: “Marinheiro não!”

T.J.- Não. E logo em seguida, na volta, houve uns afundamentos no Norte de 5 navios e o Brasil então rompeu relações e em seguida declarou guerra. Era um eixo, a Itália, Alemanha e Japão.

A.C.P. - O senhor já estava numa idade mais madura, não queria mais saber de guerra?

T.J.- Não. Foi aí que escasseou o serviço.

A.C.P. - Escasseou?

T.J.- Não entrava navio no forte, e quem trabalha em porto faltando navio, falta tudo. O serviço da malária tinha se instalado

recentemente em São Francisco e abriu vaga para 4 camaradas, mas tinha que fazer o curso geral. No grupo havia 60 inscritos, então fui nessa também. E felizmente fiquei entre os 4 classificados e em seguida fomos transferidos para Blumenau.

A.C.P. - Veio para cá e deu com os costados em Blumenau, virou torcedor do Olímpico, ou não?

T.J.- Não. O problema do Olímpico é que ele é mais antigo. Quando passei aqui a primeira vez, tive uma parada de uns meses. Os meus colegas daquele tempo eram todos jogadores do Olímpico, então convivi mais com eles do que com o pessoal do Palmeiras. No retorno, veja bem a coincidência, o Posto da Malária ficava ali onde está a 4ª UCRE, bem em frente. E a gente saía e entrava no campo do Olímpico, e fui convivendo e relacionando com esta turma, e evidente que passei a ser mais simpatizante do Olímpico. Mas sempre tive grandes amigos no Palmeiras. Uma das grandes homenagens que já recebi em Blumenau está estampada lá no campo do antigo Palmeiras. As cabines...

A.C.P. - As cabines que receberam o seu nome?

T.J.- Sim. O Olímpico me dedica toda a consideração, às vezes além daquilo que eu mereço, mas não posso esquecer o Palmeiras, porque também tenho grandes amigos em Blumenau, que são pessoas do Palmeiras que sempre deram-me a maior consideração possível.

A.C.P. - A reconstrução do Colégio Pedro II foi feita pela Ecol Engenharia e Construção em tempo record, para que os alunos do educandário não fossem prejudicados com o atraso do início do ano letivo, quando houve aquele incêndio. A Ecol Engenharia e Construção, Padre Jacobs, 14 - 1º Andar - Fone: 22-5197, é a Patrocinadora desse programa. Tesoura, você estava nas endemias rurais que era

pertinho do campo do Olímpico. Como é que foi essa sua entrada? Você conheceu o Tesoura, o Pereira Júnior. Como é que veio esse gostinho para o Tesoura começar a fazer as críticas e contar na rádio as coisas que aconteciam dentro do futebol? Como foi isso? Já tinha essa vontade de fazer comentários, críticas?

T.J.- Tinha.

A.C.P. - Espírito crítico.

T.J.- Se não me falha a memória, foi no Campeonato Regional de 1945, na primeira partida entre Olímpico x Palmeiras. O Olímpico ganhou do Palmeiras de 4 a 1, uma vitória muito bonita e achei aquilo interessante. E no rádio e jornal daquele tempo quase não se escrevia sobre o esporte, muito pouco. E o comentário que saiu foi muito fraco. Eu pensei: “Puxa vida! Mas isso não está direito, preciso fazer alguma coisa!” Então comecei a pensar e falei com o Pereira Júnior. Eu disse: “Escuta! Eu gostaria de escrever alguma coisa e tal, você passaria na rádio?” O Maneca era muito bom, muito cavalheiro e ele não gostava muito de escrever, mas se escrevesse ele gostava de apresentar. Ele disse: “você pode escrever”.

A.C.P. - Maneca era diretor da rádio?

T.J.- Não.

A.C.P. - Acho que era Gerente...

T.J.- Ele era. Foi a segunda pessoa. A primeira era o Dr. Flávio, e Dr..., que eram os donos e depois o Maneca comandava tudo: esporte, parte comercial, isso era tudo com ele.

A.C.P. - Gostou da coisa.

T.J.- Fui fazer, e então surgiu o nome...

A.C.P. - Do Tesoura?

T.J.- Sim, e que aquele segredo...

A.C.P. - Você escrevia e mandava a matéria pronta...

T.J.- Entregavam para ele, envelope fechado, bonito e a turma perguntava: “Quem é esse camarada?” “Não sei quem é.”

A.C.P. - Depois que revelou a sua identidade, pôde falar também? Você foi para o microfone, ou quando é que foi pela primeira vez?

T.J.- Demorei ainda. Fui identificado em 49, depois da conquista do Olímpico.

A.C.P. - Do campeonato.

T.J.- Só fui para o microfone, ativamente a partir de 1954, quando o Pereira Júnior saiu da Rádio, deixou a emissora, então passei para o Departamento de Esporte. Inicialmente, não fui o Chefe do esporte. Era o José Gonçalves, o da Biblioteca.

A.C.P. - Ele era antes locutor esportivo também?

T.J.- Não. Nós começamos a jogar, aquela tentativa que depois vou falar mais na frente. Formamos uma equipe de esporte e eu era Auxiliar de Esporte do José Gonçalves. Mais adiante ele passou a gerenciar a difusora. Entregaram-me o Departamento de Esporte da Rádio Clube e mudei ela completamente. Dei a ela aquele estilo que teve até o último dia de sua existência, que foi no dia 23/12/1963. Foi o último Programa-Marcha do Esporte que foi feito nesta data, período em que entrei de férias, viajei para Goiás e quando voltei estava no “olho da rua”.

A.C.P. - Tinha sido despedido da Rádio?

T.J.- Não. Ela já estava medindo o Zé, mas o gerente daquela atualidade... Ele ajeitou com o chefe dele em Florianópolis que era o pessoal da Barriga Verde, para acabar com o esporte que era

deficitário. Quando voltei, recebi um aviso prévio, estava no “olho da rua”.

A.C.P. - É que o esporte não pode dar lucro direto, mas ele dá enfim, um lucro indireto para a Rádio, porque dá audiência, movimentação!

T.J.- Sim, mas a Rádio Clube naquela época...

A.C.P. - Dava lucro?

T.J.- Na pior das hipóteses, ela empatava.

A.C.P. - Empatava, porque já era...

T.J.- Mas não se perdia, porque o pessoal da Rádio não se envolvia e quem se envolvia éramos nós mesmos. O Sestrem, por exemplo, foi um dos grandes batalhadores da Rádio Clube e deu muito lucro para a Rádio, mas o novo gerente...

A.C.P. - Foi você quem descobriu o Sestrem?

T.J.- É. O Sestrem foi um lançamento meu. Eu tenho 3 candidatos aqui que eu lancei na Rádio: o Adolfo Nolti, o Honero Cavaco e o Sestrem. Aliás, o Sestrem e o Cavaco foram no mesmo dia. Tinha um Campeonato Juvenil na L.B.E. que estava começando e naquele tempo tínhamos um só narrador que era o falecido Jesar Jucy. Então conversando com o Nelson Rosembrock, disse a ele: “Nelson, estamos só com o Jezer, se ele ficar doente ou qualquer impedimento dele vamos ter que parar de transmitir partidas. Vamos lançar esses dois guris, eles tem pinta para a coisa. Era o Cavaco e o Sestrem.” “Então vamos! Como é que vamos fazer?” “Vai começar esse Campeonato Juvenil do L.B.E., vamos lançar! E quem sabe, um dos dois revelará ou talvez os dois que são muito bons.” O Cavaco por exemplo, era sumidade em pista. O Sestrem nunca tinha feito nada, apenas, no programa de polícia... Numa tarde de sábado, o jogo era feito aos sábados à tarde, colocamos o

Sestrem lá no campo do Guarani e o Cavaco aqui no Palmeiras. O Cavaco começou a pisar na bola desde a saída. O Cavaco não deu certo, mas o Sestrem, quando entrou lá, parecia já um locutor feito. Entrou e entrou bonito, então foi indo. O Cavaco desistiu e viu mesmo que não se dava bem para a narração. Sumidade em pista, mas como narrador não dava. O Sestrem foi, cresceu e virou essa monstruosidade que é hoje em dia. É o melhor narrador do Estado.

A.C.P. - E o Nolti? Já está nos aguardando? Inclusive para as 11:00 h participar da segunda parte do programa que ainda vai ser o debate com vocês.

T.J.- Com o meu velho amigo Nolti foi o seguinte: Nós trabalhávamos juntos no Jornal “A Cidade de Blumenau”, ele era linotipista do jornal, por sinal, um grande linotipista, e eu fazia a página de esporte. Nós estávamos juntos todos os dias e o Nolti me dizia que o maior sonho dele, o maior desejo da vida dele era um dia falar ao microfone de uma rádio. Ele falou aquilo tantas vezes até que eu disse: “Olha! Vou levá-lo.” A Rádio Clube, naquela época, tinha também um programa às 6:30h e saiu-se maravilhosamente. Depois levei-o para o esporte, que irei contar mais adiante.

A.C.P. - Futebol!

T.J.- Uma passagem muito interessante dele, quando narramos a primeira partida de futebol em Blumenau, o Nolti foi um dos narradores. Tínhamos aquela partida, estreamos com três narradores: o Zé Gonçalves, o falecido Jesser e Adolfo Nolti. Eu era o sexto comentarista, mas isto falarei mais adiante. Ele foi para a Rádio assim, levado por mim, lá na Rádio Esporte Antártica mais tarde. Ele, o Sestrem e o Odair Cavaco. São três crias de que muito me orgulho até hoje de tê-las apresentado, porque eles foram um sucesso também no Rádio de Santa Catarina.

A.C.P. - Você foi fiel à Rádio Clube? Nunca pensou em mudar de prefixo?
Foi até convidado!

T.J.- Sim.

A.C.P. - Acho que o Lazinho tentou levá-lo para a Nereu, não tentou?

T.J.- Sim, ele tentou. O Lazinho, inclusive, foi um dia no posto da malária em frente ao campo do Olímpico falar comigo e disse-me: “Estou levando vantagem em tudo, como diz o Jeser: ‘gosto de levar vantagem em tudo!’. Estou ganhando em todo o setor da Rádio Clube, mas não consigo ganhar no esporte.” Ele disse: “Fiz pesquisa e saí de casa andando. Chego naquele lugar, só dá sua voz. Então quero que você vá trabalhar comigo!” Eu disse: “Bom, Lazinho! O problema é o seguinte: Eu poderia, mas tenho que falar primeiro com os homens. Coincidentemente o Sr. Flávio tinha entrado de férias naqueles dias e o Dr. Wilson estava respondendo pela...”

A.C.P. - Pelas duas?

T.J.- Difusora e pela Rádio Clube.

A.C.P. - Fui até a Difusora, no escritório dele e falei: “Doutor Wilson! O Lazinho me fez uma proposta assim, assim.” O Dr. Wilson, naquela época, parece que não ia com a minha fachada. Parece que não gostava muito de mim, porque sempre tive esse problema de não bajular ninguém. Se gosto da pessoa é amizade sincera, nada de pessoa “interesseira”. Comigo não tem! Parece que ele até sentiu-se feliz. Vou repetir as palavras que ele disse: “Oh! Tesoura, isso é muito natural. Todos temos interesse em progredir na vida. Se você recebeu a proposta você vai ganhar um pouco mais, então você defende seus interesses.” “Quer dizer que estou desobrigado?” Mas quando estava saindo, acho que o diabo roncou nas tripas

dele. Ele me chamou e disse: “Tesoura, espere um pouquinho! Estou atordoado, pois o Flávio de férias e estou com a Difusora e com a Clube. Tenho problemas de advocacia, (porque ele era advogado da Empresa Oficial Garcia), estou com tanta coisa na cabeça que nem sei o que estou fazendo agora, você me dá um prazo até amanhã”. “À tarde passo aqui para saber a resposta do senhor.” Nesse espaço de tempo ele consultou o Zé Gonçalves, que já era gerente da Difusora naquela época. Ele contou a história para o Zé Gonçalves que disse para o Dr. Wilson: “O único setor que estamos ganhando da Rádio Nereu Ramos é no esporte, ou seja, o Tesoura vai para a Nereu Ramos e esses ouvintes que ganhamos nesse horário, simplesmente viram o tial no rádio e passam Via Nereu Ramos, porque esses ouvintes não são da Rádio Clube, mas sim do Tesoura.” Ele disse: “Mas eu não tinha pensado nisso!” No outro dia, à tarde, cheguei para saber a resposta dele. Quando entrei na porta do escritório do Dr. Wilson, você sabe o jeitão dele como era fechadão, já com a maior cordialidade...

A.C.P. - O meu amigo Tesoura! (Risos)

T.J.- Bem assim mesmo: “Oh! Tesoura, entra, entra, senta aqui faz favor.” Você vê que ele não mandava ninguém sentar. “Entra, entra aqui, Tesoura!” Eu entrei. “Pois não Dr. Wilson, vim saber a resposta do senhor.” “Nenhuma, Tesoura, nenhuma. Você não vai sair, não. Estive pensando direito, você é um funcionário exemplar! Então me encheu de elogios. Se existisse uma incompatibilidade irreconciliável, então está muito certo, mas não, você vai ficar.” Eu ganhava naquela época CR\$ 2.400,00. “Você vai passar a ganhar CR\$ 3.000,00.” Então fui dar resposta ao Lazinho, que vinha lá da prefeitura e tinha uma reunião na Câmara. Ele vinha passando e na esquina da Casa Capital, encontrei-o e disse-lhe: “Lazinho, infelizmente não posso atender o seu convite, porque

os homens não quiseram que eu sáisse e deram-me uma melhoria de vencimento. Ele disse: “Quanto eles lhe deram?” “Deram-me CR\$ 3.000.” Ele disse: “Eu te dou x.”

A.C.P. - Um pouco mais!

T.J.- Não, Lazinho! Não vou entrar em concorrência, porque já estou jogando meu nome no leilão e não quero isso, vou ficar aqui. Se mais adiante eu sair e você precisar e quiser, irei trabalhar com você. O Lazinho ficou meio aborrecido, mas acabei ficando na Rádio Clube. Exatamente ali fui fiel à Rádio Clube até o fim.

A.C.P. - O fim! Quantos anos foi de Marcha do Esporte?

T.J.- A Marcha do Esporte, ela era muito velha.

A.C.P. - Você já tinha o nome de Marcha do Esporte?

T.J.- Já! Inclusive ela começou em 1940, então em 54 assumi ela definitivamente.

A.C.P. - Já tinha 14 anos de Marcha do Esporte.

T.J.- Tinha, só no comando do Pereira. Só que ele era assim muito desacreditado. O Maneca não levava aquilo muito a sério devido aos inúmeros afazeres dele. Não. Isso foi mais tarde!

A.C.P. - O Maneca era funcionário da Estrada de Ferro, inclusive. Ele fazia de improviso o programa! Às vezes estava na caixinha de fósforo, pedacinho de papel, essas coisas.

T.J.- Às vezes com carteira de cigarro, às vezes pegava um jornal, lia...

A.C.P. - E você, então?

T.J.- Eu, quando assumi, modifiquei o programa na completamente. Redigia ele todo e arquivava organizava o totalmente.

A.C.P. - É isso aí, a Marcha do Esporte. E você era ligado mais ao pessoal

do Olímpico até pela proximidade, mas você tinha boas amizades no Palmeiras. E quem era o seu informante no Palmeiras? Você sabia as coisas do Palmeiras também?

T.J.- Tinha, inclusive, o Nalti, porque ele era...

A.C.P. - Palmeirinha?

T.J.- Era palmeirense, aliás, ali na Rádio Clube tínhamos um misto: o Nalti era Palmeiras, o Jéssi era Palmeiras e eu era Olímpico. Então equilibrava, isto é, um não podia falar do outro.

A.C.P. - Dava a mesma coisa.

T.J.- Porque senão já tinha quem defendesse. Mas eu, além das informações, tinha também o Jéssi, o Nolti que traziam muitas coisas deles. E o próprio Palmeiras gostava muito que sáisse o noticiário deles na página do esporte, porque a Marcha do Esporte foi crescendo e era tão ouvida em toda a região aqui no Vale do Itajaí, até onde a Rádio tinha alcance, o pessoal queria que aquelas notas sáissem ali, porque tinham certeza que elas estavam sendo ouvidas. Então muita gente do Palmeiras, que às vezes não rezava com a minha cartilha, mas fazia questão que o noticiário deles sáisse ali, e ela foi crescendo assim assustadoramente. Chegou num ponto que era o programa mais ouvido em toda a região, acho que em todo o estado.

A.C.P. - A Liga Blumenauense de Futebol foi criada quando você..., acho que você acompanhou essa criação da liga, não?

T.J.- Não. Quando fui transferido da Sucam para cá, ela já existia, chamava-se L.B.D. (Liga Blumenauense de Desporte). Ela foi fundada em 1940 pelo Tenente Machado Vieira, que você conheceu, e faleceu há poucos anos como General reformado. Ele foi o primeiro presidente da Liga Blumenauense de Desportes, e

em 1950, 1952, houve o desmembramento e o esporte amador então passou a ter a sua Liga própria, a Liga Atlético Blumenauense, a L.A.B. e a Liga de futebol passou a cuidar só do futebol e passou a denominar-se Liga Blumenauense de Futebol.

A.C.P. - O que você acha, Tesoura! O futebol naquela época era mais interessante? Por que aquele regionalismo? Será que ele não atraía mais o público, que movimentava o Vasto Verde, Amazonas, Floresta de Pomerode, 15 de Outubro de Indaial, Tupy de Gaspar? Era um campeonato que fervia, porque todo domingo tinha clássico, ou será que ficou melhor assim agora nesse sistema de disputa atual?

T.J.- Não. Esse sistema de disputa atual, que é o Estadual direto que se faz hoje, isso foi uma infelicidade do ex-Presidente da Federação, Osni Mello. Ele se baseou no Campeonato Paulista, que foi em 1962. São Paulo então implantou a Divisão Especial que é essa Primeira Divisão que eles tem até hoje e assim criou a Segunda e a Terceira Divisão. E o Osni, baseado naquilo que São Paulo estava fazendo, implantou aqui. Só que ele não mediu as proporções. O Estado de São Paulo tem muito mais condições de fazer esses campeonatos separados do que Santa Catarina. Então ele acabou com os regionais, ou seja, ele separou. Era o Campeão e o Vice-Campeão de cada Liga.

A.C.P. - Que disputavam?

T.J.- E passava para disputar o Campeonato Estadual, o Campeonato Catarinense. Os outros clubes que ficaram no prejuízo.

A.C.P. - Não tinham o que fazer?

T.J.- Sentiram-se desanimados, porque, por exemplo, aqui em Blumenau vamos falar especificamente de Blumenau. Mas isso abrange a todo o Estado, porque as consequências foram as

mesmas, então Blumenau tinha oito (8) Clubes na liga. Na 1ª Divisão era o Palmeiras, o Olímpico, o Amazonas, o Vasto Verde, o Guarani, o Floresta...

A.C.P. - O 15 de Novembro...

T.J.- O União e o Tupi, de Gaspar. Mas acontece o seguinte: a força desse campeonato se resumia no clássico do Palmeiras e do Olímpico. E com a saída dos dois principais do Palmeiras e do Olímpico para a Divisão principal, é evidente que os outros ficaram desencorajados.

A.C.P. - Então saíram os fortes!

T.J.- Aquela massa de torcedores que acompanhava os jogos começou a se restringir, a bandear para o lado da outra disputa. Aliás, até o último regional aqui em Blumenau foi em 1963, e quem foi campeão foi o Guarani Esporte Clube. O Guarani e o Palmeiras é que iriam para o campeonato no Estado e o Olímpico ficaria na 1ª Divisão, mas a diretoria do Olímpico, naquela época, comandada pelo saudoso Kurt Mécio, mexeu com os pauzinhos, com todos os Clubes que estavam subindo para a 1ª Divisão. Em Itajaí era o Barroso, o Marcílio; em Joinville era o América e o Caxias; em Criciúma o Comerciário e o Metrópol; em Florianópolis Avaí e Figueirense; em Lages o Internacional. Enfim ele mobilizou.

A.C.P. - Viraram a mesa!

T.J.- Eles fizeram uma Assembléia Geral e viraram a mesa, isto é, admitiram o Olímpico.

A.C.P. - Como convidado?

T.J.- Sim. O Blumenau entrou com três (3) representantes naquele campeonato, ou seja, o Palmeiras, o Guarani que era o campeão e o Olímpico como convidado e por sorte do Olímpico e azar dos

outros, acabou sendo campeão de 64, campeão do estado. Mas dentro da pergunta que você fez, o término dos Campeonatos Regionais realmente prejudicou muito o futebol da nossa região porque, inclusive da parte que tange à revelação de valores. Você vê, naquela época, Blumenau sempre tinha os melhores times possíveis de Santa Catarina, com a maioria dos elementos feitos aqui, todos revelados aqui. Por exemplo, no Palmeiras nós recordamos, recentemente o Lázaro.

A.C.P. - Acho que o Lázaro era o Xerife da Defesa.

T.J.- O Jonas foi um dos maiores Ponta-Direita que Santa Catarina já viu, o Lazineiro que hoje é um ex-Senador.

A.C.P. - O Balsini!

T.J.- Quem?

A.C.P. - O Balsini, lembra? Que era Centro-Avante também! Esse era mais novo, mas era um bom Centro-Avante.

T.J.- Sim. O Balsini, era mais jovem.

A.C.P. - Jovem, mais novo! O de Lucas...

T.J.- De Lucas, o Antoninho, aquele que mora em Itajaí. No Olímpico, o Brandão, veio de fora, mas revelou-se aqui.

T.J.- Tudo gente que não ficou devendo nada a ninguém em matéria de futebol. E com a extinção, ou seja, com a paralisação do regional, os clubes passaram a importar jogador e o que se vê hoje em dia, é essa importação em massa. Se você perguntar se eu conheço um jogador do Blumenau, não conheço.

A.C.P. - Nem eu.

T.J.- Não conheço nenhum, são todos de fora. Acho que foi muito prejudicial o término dos Campeonatos Regionais.

A.C.P. - Tesoura, a sua preocupação maior sempre foi com o esporte. Você sempre foi um homem preocupado com o esporte?

T.J.- Sim.

A.C.P. - Política não?

T.J.- Não. Nunca me meti na política partidária. Tanto é que nunca votei em partido, porque não sou filiado a partido nenhum.

A.C.P. - Esporte e charuto? Você continua fumando charuto?

T.J.- Não. Faz três anos e meio que deixei de fumar.

A.C.P. - Deixou o charuto?

T.J.- Sim, era...

A.C.P. - Era uma marca registrada sua também?

T.J.- O charuto era uma marca sim, mas deixei, porque há três anos e meio, fiz uma operação e antes dessa operação foi feito um eletro e no resultado, o cardiologista, que é o Dr. Starke, veio me perguntar quantos cigarros eu fumava por dia. Eu disse a ele que não fumava cigarros, fumava charutos. E ele ficou muito admirado: “ Quantos?” Eu disse: “Não tem limite: 6, 8, 10, o que der na telha, o que dá vontade!” Ele disse: “Incrível!” Ele apontou para o lençol da cama e disse: “Olha! Seu pulmão está branquinho como isso aqui.” Fiquei muito contente. Então disse: “Vou deixar mais branco”. E daquele dia em diante, deixei de fumar.

A.C.P. - Parou de fumar?

T.J.- Sim.

A.C.P. - Porque eu me lembro, a sua imagem era você com o charuto. Não sei se você tirava-o da boca e fazia o comentário. Tirava?

T.J.- Sim. Falando em charuto, você lembra que em cima da

arquibancada do Olímpico tinha uma cabine de transmissão? Quem conseguiu o material para a sua construção fui eu e o Zé Gonçalves. Nós pedimos ferro de um lado, madeira do outro, vidro. Inclusive os vidros foram dados pela antiga Fábrica de Espelhos que tinha aqui. Não sei se ainda existe.

A.C.P. - Não, acho que não existe mais.

T.J.- Ficava na Rua Itajaí. Borba Velho, esse aqui também é um amigo que entrou na Rádio, praticamente levado por mim. Depois conto a nossa história. Nós fazíamos a transmissão naquela cabine. Quando a Nereu entrou no ar, então a dividimos e ficou o lado direito para a Nereu e o esquerdo para a Rádio Clube. Embaixo, lembro-me daquela cobertura de eternit. Quem chegasse ali na cabine e olhasse para baixo, dizia: “Nossa Senhora! O que é isso aqui?” Ali havia tantos tocos de charutos que você não imagina! Um dia cheguei no campo e estava lá o garotinho do Arthur que hoje é professor e está casado, mas naquele tempo era garoto, então ele disse para mim: “Tesoura! Nós vimos ali na cabine, encima da cobertura da arquibancada, uma porção de toco de charuto, e aquilo é seu?” Achei muito engraçado.

A.C.P.- Adivinhou!

T.J.- Eu disse: “Vai, adivinhar para lá, Chico!” De vez em quando o Arthur varria, mas a tocaia de charuto então estava lá, era a marca. Onde eu passava você podia olhar que eram um, dois, três charutos (tocos): “O Tesoura andou por aqui!”

A.C.P.- Era Havana que você fumava ou da Bahia?

T.J.- Não, sou muito regionalista. Fumava charuto aqui de Indaial, produto catarinense. Tinha uma fábrica lá e eu ia buscar. Sempre buscava uma remessa de 1.000 charutos, e quando estava

acabando, trazia outra remessa. Sempre eram três meses também. Porque não sei se todo mundo fuma charuto com essa ânsia, com essa vontade de fumar charuto. Eu larguei esse vício.

A.C.P.- São 10h59min. Esse é o “Fale Alto pela Unisul”, Programa que leva o patrocínio da Ecol Engenharia e Construções, e hoje com muita satisfação, recebemos o radialista Tesoura Júnior, que é o decano dos comentaristas esportivos de Santa Catarina e que realmente marcou brilhantemente a sua passagem pelo rádio e acho que pendurou as chuteiras meio cedo demais. O Tesoura poderia estar ainda matraqueando, talvez dando sua contribuição para que o Blumenau Esporte Clube, de repente, não fizesse alguns erros que tem feito nos últimos tempos e tivesse ido mais longe. Mas nós vamos aos nossos comerciais e ao Correspondente Itaú, depois voltaremos na segunda parte do nosso Programa, já com a presença de Adolfo Nolti e do Bobby, que aqui estão. Para que nós possamos debater em cima de tudo isso que o Tesoura nos contou a respeito da sua vida, vida que foi no princípio de um guerreiro que queria ir para a guerra mesmo e queria matar guerreiros pela França, na Legião Estrangeira e que acabou matando mosquito aqui em Blumenau para acabar com a malária, depois acabou um guerreiro do Esporte Blumenauense.

Altino Flores

Fundador da ACI



organizador Moacir Pereira



IHGSC



EDITORA
INSULAR

Flávio José Cardozo

Jali Meirinho

Lauro Junkes

Mário Pereira

Norberto Ungaretti

Péricles Prade

Theobaldo Costa Jamundá

ALTINO FLORES

Enéas Athanázio*

Organizado por Moacir Pereira, foi publicado o livro “Altino Flores, Fundador da Associação Catarinense de Imprensa”, em coedição do Instituto Histórico e Geográfico e Editora Insular (Florianópolis – 2010). Trata-se de uma coletânea de trabalhos de vários autores para homenagear uma figura importante da literatura catarinense e que andava esquecida. Pela sua militância como jornalista, professor, crítico literário e homem público, a homenagem é mais que merecida e o livro faz justiça a quem tanto deu de si em favor de nossa cultura.

Altino Corsino da Silva Flores nasceu no arraial das Capoeiras, município de São José, em 4 de fevereiro de 1892. Estudou em diversos colégios, sem, no entanto, concluir o ensino médio, porque, segundo Lauro Junkes, “com a morte do pai, sua família passou por dificuldades econômicas, e a Altino coube trocar os estudos pelo trabalho.” Amante dos livros desde a infância, curioso e observador, amalehou com o passar do tempo sólida cultura, inclusive no domínio da língua, da qual foi sempre apaixonado defensor. Exerceu diversas atividades e ocupou cargos públicos de destaque, quase sempre na área da educação, mas sua vocação maior o conduziu ao magistério e ao jornalismo. Muito escreveu para vários periódicos, fundou jornais e revistas e acabou proprietário do jornal “O Estado”, que recebeu de presente de Vítor Konder, seu grande amigo. Mais tarde venderia o jornal “por falta de tipógrafos.”

Crítico literário corajoso, foi grande polemista e conhecedor dos clássicos da literatura universal. Severo e justo nos seus julgamentos literários, com ele a amizade, o apadrinhamento e o tráfico de influência não funcionavam. Colocava-se como julgador isento e imparcial, como,

* Advogado e escritor

aliás, deve ser a verdadeira crítica literária, ainda que nem sempre agradasse a muitos. Como ele próprio dizia, ‘sempre nos pareceu mais decente e construtivo por em público a nossa opinião acerca de uma obra literária, do que depreciá-la, à puridade, no decurso de eventuais palestras, muito embora esse menoscabar quase nunca se origine de prevenção pessoal contra o autor, ou vise a gratuita demolição de seu trabalho’ (“Sondagens Literárias”, p. 7). Como escrevi em outra ocasião, ver seu livro analisado por ele, mesmo que com reservas, já engrandecia um autor.

Foi um dos fundadores da Academia Catarinense de Letras (ACL), em 1920, e se dedicou às atividades acadêmicas por cerca de oitenta anos. Em 1932 funda a Associação Catarinense de Imprensa (ACI), da qual foi o primeiro presidente, e que refundaria em 1934, retornando à presidência. É considerado o decano dos jornalistas catarinenses. Nesse mesmo ano funda a Sociedade Protetora dos Animais.

Em 31 de dezembro de 1916 casou-se com Zilda Callado, filha do jornalista Martinho José Callado, e o casal teve cinco filhos: Marília, Noemi, Percival, Ênio e Zita, dos quais só a segunda se encontra entre nós, zelando com carinho pelo acervo do pai. Vítima de dolorosa e pertinaz moléstia, faleceu em 20 de outubro de 1983, aos 91 anos de idade, sem jamais esboçar um queixume pelo longo sofrimento.

O livro se abre com “Imprensa e História Catarinense”, de autoria de Jali Meirinho, seguido de “Associação Catarinense de Imprensa”, esboçando um panorama da época e minuciosa reconstituição da história da ACI desde sua fundação até os tempos atuais, abordando também o Sindicato dos Jornalistas e a Casa do Jornalista. Segue-se o interessante depoimento de Norberto Ungaretti, que conviveu bastante com Altino Flores, recordando vários episódios que revelam um homem de postura e de caráter. Moacir Pereira, por sua vez, recorda a militância crítica do homenageado em comentário ao livro “Textos Críticos”, de Altino Flores, de autoria do

então presidente da Academia Catarinense de Letras. Segundo o autor, o livro é resultado “do esforço extraordinário de resgate da obra dos fundadores de Academia”, empreendido pelo saudoso Lauro Junkes. Este mesmo autor faz uma substancial síntese biográfica de Altino Flores e Flávio José Cardozo recorda o permanente zelador da língua que ele foi. Em sequência encontramos “Acadêmico Inconsútil”, de autoria de Theobaldo Costa Jamundá, segundo o organizador “um dos trabalhos mais completos sobre Altino Flores.” Péricles Prade e Mário Pereira fecham a parte dedicada aos ensaios, aquele enfatizando o polemista e este o “espírito guerreiro” do homenageado.

O capítulo seguinte contém alguns textos selecionados de Altino Flores, infelizmente poucos, mas que dão ao leitor uma mostra de seu estilo e de seu pensamento. “A literatura como expressão do real”, publicado pela primeira vez aos 24 anos de idade, “O jornal”, datado de 1921, e “Depoimento sobre a atuação em “O Estado”, onde “revela o terror da censura do Estado Novo”, publicado em 1972. Como afirma o organizador, não foi fácil selecionar alguns textos dentro do mar de publicações de Flores ao longo de tantos anos.

Em entrevista com Noemi Flores Boppré, filha de Altino Flores, o organizador Moacir Pereira, através de perguntas bem conduzidas, obtém curiosas informações sobre a vida em família do homenageado, seus hábitos, modo de vida, intimidades e aspectos de sua personalidade. No texto seguinte ele faz um relato da repercussão do falecimento de Altino Flores e seu sepultamento no Cemitério São Francisco de Assis. “Os principais jornais registraram o falecimento. sempre ressaltando a contribuição dada por ele à educação pública, ao jornalismo e à administração do Estado” – afirma o autor do texto.

O volume se fecha com uma cronologia e alguma iconografia, estampando várias fotografias, dentre as quais um grupo de escritores diante da sede do jornal “O Estado” e uma do próprio Flores “no auge de sua produção intelectual.”

Entre as obras de Altino Flores, publicadas em volume, estão: “Pela memória de Renan”, opúsculo, 1923; “O caso Renan e os Processos Episcopais”, idem, idem; “No mundo das coisas pequeninas”, opúsculo, 1924; “Goethe, os Novos e os Velhos”, 1949; “Schiller”, 1959; “Do Sonho à Miséria e à Morte”, 1970, e “Sondagens Literárias”, crítica, 1973. Dessas obras, muitas foram produzidas no calor das polêmicas em que se envolveu. Numerosos trabalhos de sua autoria ficaram espalhados nas páginas de jornais e revistas, não reunidos em volumes.

Creio que “Sondagens Literárias” é o mais substancioso de seus livros e o de maior importância para as letras locais. Contém dez ensaios, alguns breves e outros longos, abordando autores como Gama Rosa, Delminda Silveira, Elisiário Quintanilha, Almeida Coelho, Juvêncio Martins Costa e outros, dedicando os mais longos a dois “novos”, cujas obras acabavam de ser lançadas: Almiro Caldeira e seu romance “Rocamaranha”, e Osvaldo Ferreira de Melo (filho) e sua “Introdução à História da Literatura Catarinense.” Abordou ainda outros temas ligados ao mundo literário, denunciando a preocupação permanente com as coisas que aqui aconteciam no campo das letras. Comentei na imprensa esse livro na época de seu aparecimento.

Só conheci Altino Flores de vista, nos dias acadêmicos, em Florianópolis, mas nunca tive oportunidade de falar com ele, o que muito lamento. Mais tarde ele revelaria apreço pelo meu trabalho e faria diversas demonstrações de simpatia.

Concluindo, diria que o livro é uma bela e merecida homenagem. Sinto prazer em comentá-lo, ainda que com brevidade, esperando contribuir para a divulgação. Organizador, colaboradores e editores merecem parabéns pela iniciativa.

B; Camboriú, 23 de dezembro de 2010

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Política editorial

Blumenau em Cadernos é uma revista editada desde 1957, idealizada pelo pesquisador José Ferreira da Silva. Contempla a publicação de matérias da historiografia de Santa Catarina, em especial da região do Vale do Itajaí. Aborda temas relacionados a questões históricas, sociais, econômicas e culturais.

Registrado com o ISSN 0006-5218, é um periódico científico-cultural publicado bimestralmente pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva e pela Editora Cultura em Movimento, unidades da Fundação Cultural de Blumenau.

Tem um Conselho Editorial constituído de historiadores, jornalistas, tradutores, escritores e pesquisadores.

É dividida em várias seções ou colunas:

Artigos

Os textos devem obedecer aos seguintes critérios: notas, citações, referências e bibliografias. Devem estar, preferencialmente de acordo com as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). As notas de conteúdo precisam constar no rodapé e as referências e bibliografias no final do texto. Os artigos poderão ter até 18 páginas (incluindo citações, referências, imagens e tabelas), apresentando, preferencialmente, resumo de até 10 linhas em português e 3 palavras-chave em português.

Autores Catarinenses

Com comentários, críticas de obras e resenhas de lançamentos de autores catarinenses.

Biografias

Seção dedicada ao registro de biografia de pessoas que fizeram e fazem parte da construção da História local e regional.

Burocracia & Governo

Para publicação de documentos oficiais que sejam de interesse da história regional.

Crônicas do cotidiano

Coluna que contempla autores que narram, sob a forma de crônicas, aspectos das vivências regionais.

Documentos Originais

Seção bilíngue, contendo textos em língua estrangeira e a respectiva tradução para o português.

Entrevistas

Coluna dedicada a depoimentos de história de vida e/ou temáticos.

Fragmentos da nossa história local

Artigos de antigos jornais de Blumenau, revelando aspectos do passado sob a ótica jornalística.

Memórias

Sector que contempla aspectos do cotidiano descritos por memorialistas, oportunizando a participação comunitária.

Transcrição de documentos

Transcrição de cartas e relatórios relacionados à história regional.

Para todas as seções recomendamos/solicitamos/comunicamos aos autores:

- a) Vínculo institucional do autor e da sua titulação, se houver;
- b) Endereço eletrônico para correspondência e telefone/fax para contato;
- c) Os textos devem ser encaminhados para o endereço eletrônico: arquivohistorico@fcbu.com.br, digitados no programa Microsoft Word for Windows, fonte Garamond, tamanho 12, com espaço 1,5cm;
- d) As imagens e tabelas, além de virem no corpo do texto, devem também ser enviadas em arquivo anexo com suas respectivas legendas e fontes;
- e) Os textos encaminhados à revista serão apreciados pelo Conselho Editorial. Este se reserva o direito de publicar ou não os textos encaminhados à sua apreciação, bem como de sugerir mudanças aos respectivos autores;
- f) Cada autor receberá cinco exemplares da revista, referentes ao número que contiver seu texto;
- g) Os textos publicados e a exatidão das referências citadas são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es).
- h) O Conselho Editorial não se responsabiliza pela redação, nem pelos conceitos emitidos pelos autores.

Para proceder à assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 80,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 60,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 100,00
- Encadernação: R\$ 150,00 o volume (até 1998, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo).
- Tomo completo encadernado: R\$ 180,00 (para tomos de 1998 em diante. Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento).

a) () Desejo assinar a revista Blumenau em Cadernos para o ano de 2011.

Anexo a este cupom, a quantia de R\$ _____ (_____ reais)
conforme opções de pagamento abaixo.

b) Outras opções acima: _____ Preço: R\$ _____
(_____ reais)

Formas de pagamento:

() Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos

() Depósito no Banco do Brasil - 0779.952-7 - Agência 0095-7. Após o pagamento, passar Fax do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

() Cheque - Banco: _____ Número do Cheque: _____

Dados do Assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____ - Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - CEP 89015-010 – Fone: (47) 3326-6990 – Fax (47) 3326-4237

Blumenau (SC) – E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br